

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

Katia Cristiane Vomero Pereira

Um estudo de caso sobre formação militar e sua relação com o desenvolvimento de  
habilidades socioemocionais no aluno

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO**

**2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

Katia Cristiane Vomero Pereira

Um estudo de caso sobre formação militar e sua relação com o desenvolvimento de  
habilidades socioemocionais no aluno

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para  
obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a  
orientação da Profa. Dra. Edna Maria Severino Peters Kahhale.**

**SÃO PAULO**

**2015**

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

À professora e orientadora Edna Kahhale, por não desistir de mim, quando eu mesma pensei em desistir, obrigada por acreditar e apostar que eu seria capaz de chegar até aqui.

À professora Ceres Araújo, pela generosidade, disponibilidade, gentileza e exemplo.

À Maria Luiza Pigni, por dividir comigo sua rica experiência, trazendo luz ao meu percurso.

À professora Marlise Bassani, por todo apoio, sensibilidade e delicadeza com as minhas angústias de principiante.

À PUC-SP, pelo apoio institucional e por tornar possível mais esta jornada.

Ao núcleo de Psicologia Clínica, por receber uma educadora em sua casa.

À minha irmã de alma, Bárbara Lima, por todo carinho, companheirismo, amizade, dedicação e ajuda sem os quais tornariam este caminho mais difícil.

Aos meus queridos amigos Douglas e Rodolfo, meus fiéis e incansáveis escudeiros, por investirem tempo para que a minha missão fosse cumprida.

A todos, meu eterno reconhecimento.

**“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”**

***Mahatma Gandhi***

## RESUMO

PEREIRA, K.C.V. **Um estudo de caso sobre formação militar e sua relação com o desenvolvimento de habilidades socioemocionais no aluno.** Dissertação para obtenção do título de mestre em Psicologia: Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, 2015.

O trabalho reflete questões relacionadas ao desenvolvimento de habilidades ou competências sociais e emocionais em um grupo de jovens acadêmicos e a importância destas aprendizagens como auxílio para o crescimento saudável deles. O cenário de uma atividade prática realizada dentro de um curso de formação militar serviu como campo de estudo desta pesquisa, e tentou abranger conceitos tais como: autoconhecimento, motivação, superação de limites, estratégias de enfrentamento, controle emocional, empatia. Na formação militar, enquanto ação educativa, a expansão da inteligência é indispensável para a constituição completa do indivíduo. Tal formação concede, indiretamente, por meio de mudanças de comportamento, uma possibilidade para o aprimoramento de habilidades inter e intrapessoais. O objetivo da pesquisa foi investigar se uma instrução específica chamada Atividade de Campanha, pode ser pensada ou não como ambiente de apoio para a promoção de competências e/ou habilidades sociais e emocionais do público alvo. O método da pesquisa utilizado foi a abordagem quantitativa. A amostra, por conveniência foi composta por 160 (cento e sessenta) jovens acadêmicos do curso de engenharia e 25 (vinte e cinco) agentes educadores (instrutores militares envolvidos no processo de formação). Os sujeitos da amostra responderam a questionários elaborados especialmente para avaliar esta atividade, onde foram abordadas as expectativas pré e pós-Atividade de Campanha, os objetivos esperados pelos agentes formadores (instrutores) e os reais aprendizados em termos de aspectos socioemocionais pelos instruendos. Os resultados apontaram que a Atividade de Campanha pode ser pensada como um ambiente de apoio para a vivência de experiências de crescimento social e pessoal dos alunos. Com diferentes níveis de desenvolvimento de atributos sociais e emocionais pelos jovens, a hipótese que se confirma é que existe sim uma abertura, que deve ser considerada, para se trabalhar com eles as potências individuais tanto no âmbito emocional quanto social.

Palavras-chave: formação militar, habilidade social, habilidade emocional, saúde.

## ABSTRACT

PEREIRA, K.C.V. **A case study on military training and its relationship with the development of socio-emotional skills in the student.** Dissertation to obtain a master's degree in Psychology: Clinical Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo: the Post-Graduate Studies in Psychology, 2015.

The work aimed to reflect issues related to the development of social and emotional skills in a group of young scholars and the importance of this knowledge as an aid to their healthy growth. The scenario of a practical activity carried out within a military training course served as field of study to this research, and tried to cover concepts such as self-awareness, motivation, overcoming limits, coping strategies, emotional control, empathy. In military training, while educational activity, the expansion of intelligence is essential for the full constitution of the individual. Such training grants, indirectly through behavior change, a chance for the improvement of inter and intrapersonal skills. Making a cut, the objective of the research was to investigate a specific instruction called Campaign Activity can be thought or not as supportive environment for the promotion of skills and / or social and emotional skills of the target audience. The research method used was the quantitative approach. A sample was selected from 160 (one hundred and sixty) young scholars of engineering degree and 25 (twenty five) educational agents (military instructors involved in the training process). The sample subjects answered questionnaires, which were analyzed expectations pre and post-campaign activity, the goals expected by forming agents (instructors) and real learning in terms of socio-emotional aspects by trainees. The results showed that the Campaign Activity can be thought of like a supportive environment for the student staff's social growth experiences. With different levels of development of social and emotional attributes by young people, the hypothesis could be confirmed that there is rather an opening that should be considered, to work with the student's individual powers on the emotional and social context.

Key- words: military training, social skills, emotional skills, health.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Importância da Atividade de Campanha .....	45
<b>Gráfico 2</b> - Conhecimento anterior dos assuntos ministrados durante as atividades .....	46
<b>Gráfico 3</b> - Assimilação dos assuntos ministrados .....	47
<b>Gráfico 4</b> - Duração do Acampamento no contexto geral.....	48
<b>Gráfico 5</b> - Duração das Instruções em cada Oficina (quanto ao tempo) .....	49
<b>Gráfico 6</b> - Técnicas utilizadas das Instruções em cada Oficina (Demonstração, Aula Expositiva, etc) .....	50
<b>Gráfico 7</b> - Nível dos Instrutores .....	51
<b>Gráfico 8</b> - Nível das Instruções .....	51
<b>Gráfico 9</b> - Aproveitamento das Instruções nas Oficinas (teria sido melhor se) .....	52
<b>Gráfico 10</b> - Aproveitamento das Atividades no contexto geral (teria sido melhor se).....	53
<b>Gráfico 11</b> - Atividade (s) que você mais gostou .....	54
<b>Gráfico 12</b> - Atividade (s) que você menos gostou.....	54
<b>Gráfico 13</b> - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “NÃO” como resposta (Habilidade Emocional).....	56
<b>Gráfico 14</b> - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “SIM” como resposta (Habilidade Emocional) .....	59
<b>Gráfico 15</b> - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “NÃO” como resposta (Habilidade Social).....	61
<b>Gráfico 16</b> - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “SIM” como resposta (Habilidade Social) .....	63
<b>Gráfico 17</b> - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Emocional (11 ITENS).....	65
<b>Gráfico 18</b> - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação as questões da Habilidade Social (10 ITENS).....	66

<b>Gráfico 19</b> - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Emocional (5 ITENS).....	68
<b>Gráfico 20</b> - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Social (3 ITENS).....	69
<b>Gráfico 21</b> - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, ANTES do acampamento) para as questões da Habilidade Emocional.....	70
<b>Gráfico 22</b> - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, DEPOIS do acampamento) para as questões da Habilidade Emocional .....	71
<b>Gráfico 23</b> - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, ANTES do acampamento) para as questões da Habilidade Social.....	72
<b>Gráfico 24</b> - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, DEPOIS do acampamento) para as questões da Habilidade Social.....	73

## SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS .....	7
INTRODUÇÃO .....	11
<b>Tema de Estudo</b> .....	11
<b>Questões de pesquisa</b> .....	15
<b>Objetivo</b> .....	15
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
<b>A Formação Militar</b> .....	16
<b>O papel da afetividade na fase inicial da formação militar</b> .....	23
<b>Atributos da área afetiva na Atividade de Campanha</b> .....	27
<b>O desenvolvimento de habilidades emocional e social no jovem em formação</b> .....	32
<b>Contribuição da neurociência para o campo das aprendizagens</b> .....	36
METODOLOGIA .....	40
<b>Método da pesquisa</b> .....	40
<b>Instrumentos de Coleta de Dados</b> .....	40
<b>Escala de Atitudes</b> .....	40
<b>Quadro de Instruções</b> .....	41
<b>Ficha de Crítica da Atividade de Campanha</b> .....	42
<b>Escala de Atitudes – Habilidade Emocional e Social</b> .....	42
<b>Sujeitos e Local</b> .....	43
<b>Procedimentos de Coleta de Dados</b> .....	43
<b>Cuidados Éticos</b> .....	44
<b>Procedimentos de Análise</b> .....	44

RESULTADOS .....	45
<b>Apresentação e Análise dos Resultados .....</b>	<b>45</b>
CONCLUSÕES .....	76
REFERÊNCIAS .....	79
ANEXO 1 – Termo de Consentimento .....	84
APÊNDICE 1 – Tabela de Atitudes.....	85
APÊNDICE 2 – Quadro de Instruções.....	87
APÊNDICE 3 – Ficha de Crítica .....	88
APÊNDICE 4 – Tabela de Atitudes aspectos emocionais .....	90
APÊNDICE 5 – Tabela de Atitudes aspectos sociais .....	91

## INTRODUÇÃO

### Tema de Estudo

Na geração digital do século XXI, frequentemente, jovens talentos, despontam ávidos por trabalhar com dados lógicos e o desenvolvimento de tecnologias de ponta. No Brasil, indústria e ciência nunca valorizaram tanto estas mentes brilhantes e futuros profissionais de alto nível intelectual especializado. No entanto, o que estes mesmos jovens não sabem, é que, o que também é esperado deles, ultrapassa os conhecimentos adquiridos nos bancos acadêmicos, como por exemplo: saber lidar com as intempéries da vida, com os conflitos sociais e emocionais, e, sobretudo, saber tomar decisões inteligentes em situações de risco, entre outros.

Infelizmente, nossos currículos ainda não contemplam disciplinas sobre o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, nem mesmo citam, ainda que brevemente, quais conjuntos de comportamentos são socialmente valorizados e necessários, para o sucesso da interação da pessoa com o contexto que a cerca e naturalmente seu próprio bem-estar. Também não aprendemos em lições escolares que o dia-a-dia estressante no qual vivemos, seja pessoal ou profissional, nos exige algumas ferramentas básicas de “sobrevivência”, como, por exemplo, as habilidades de: filtrar estímulos desgastantes, proteger a emoção, gerenciar pensamentos, pensar antes de reagir, desenvolver mentes livres, emoções saudáveis, enfim, ser resiliente. De acordo com Cury (2014, p 69),

[...] esta sociedade hipercompetitiva e saturada de informação, forma, com as devidas exceções, pessoas com diplomas nas mãos, sem proteção emocional, sem habilidades para lidar com perdas e frustrações, sem a capacidade mínima de filtrar estímulos estressantes e de serem líderes de si mesmos[...]

A possibilidade, sobre este cabedal de “aptidões”, que o ser humano é capaz de expandir, já em 1995, Daniel Goleman<sup>1</sup> chamou de inteligência emocional. Nela estão contidos dois aspectos extremamente relevantes nos dias atuais: o desempenho de habilidades sociais e emocionais. Um conjunto de “boas” competências que “instrumentalizam” os sujeitos a atuarem de maneira eficaz e salutar em sua vida pessoal, social e profissional.

---

<sup>1</sup> Daniel Goleman é PhD, psicólogo formado pela Universidade de Harvard.

Habilidades sociais e emocionais podem ser entendidas como, mecanismos psíquicos facilitadores para o gerenciamento de emoções, estabelecimento de relacionamentos saudáveis, bem como a utilização de comportamentos positivos em detrimento de atitudes negativas, seja para com o outro, seja para consigo mesmo.

Mesmo que ao longo da vida o sujeito não tenha desenvolvido iguais competências, tais comportamentos podem ser aprendidos ou treinados. Segundo Cury (2014, p19) “toda mente é um cofre, não existem mentes impenetráveis, e sim chaves erradas”. Por isso, com a chave certa, é possível estimular no indivíduo territórios ainda pouco explorados. Assim, diferentes espaços educacionais, por exemplo, que visem não apenas uma aprendizagem técnica ou intelectual dos indivíduos podem tornar-se ambientes favoráveis à promoção do desenvolvimento completo destes, contribuindo para a propulsão de suas qualidades de vida e de uma boa preparação para sua saúde socioemocional.

Para aqueles que trabalham com formação de pessoas ou que influenciam no processo de amadurecimento destas, um importante desafio na atualidade está posto: contribuir, por meio da aprendizagem e para além dela, que os sujeitos sejam capazes de ampliar o autoconhecimento, reconhecendo seus limites, particularidades e potencialidades intelectuais, morais, sociais e principalmente afetivas (emocionais). Além disso, que sejam motivados a se (re) organizarem como indivíduos, gerando modificações no sentir e no agir colaborando para a construção de sua autossatisfação emocional, social e profissional estabelecendo relações saudáveis inter e intrapessoais.

De acordo com Alencar (1992), um ambiente de ensino deve ter por objetivo preparar o aluno para questionar, refletir, mudar e criar partindo de uma melhor captação de seu talento e potencial, preparando o sujeito para o mundo, buscando soluções para futuros problemas, ensinando-o a construir um autoconceito positivo.

Pensando em formas de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem no seu aspecto global nada melhor do que um rico contexto de formação educativa para se averiguar a viabilidade de todo este aprendizado. É possível pensar em ambientes favorecedores destas aprendizagens social e emocional?

Como cenário de pesquisa apresentamos o Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA - criado pelo Decreto no 27.695, de 16 de janeiro de 1950, definido pela Lei nº 2.165, de 05 de

janeiro de 1954, que é uma Instituição Universitária especializada no Campo do Saber Aeroespacial, sob a jurisdição do Comando da Aeronáutica (COMAER), a qual tem por finalidade promover, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, o progresso das ciências e das tecnologias relacionadas com o Campo Aeroespacial e a formação de futuros profissionais de nível superior nas especializações de interesse do COMAER e do Setor Aeroespacial em geral.

Concomitantemente, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica de São José dos Campos (CPORAER-SJ), criado em 19 de março de 1953, proporciona ao mesmo público do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), a prestação do Serviço Militar em nível compatível com sua formação técnico-profissional.

Um breve histórico sobre o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial, será descrito no próximo capítulo, já que o Instituto Tecnológico de Aeronáutica e o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica estão subordinados a esse Departamento.

Diante disso, surgiu a possibilidade de investigação científica, na esfera da formação e da aprendizagem somada ao campo das relações inter e intrapessoais e, conseqüentemente, a aquisição de novas habilidades e competências sociais e emocionais. Tendo como público alvo um seleto grupo de jovens acadêmicos aprovados em um dos vestibulares mais disputados do país, e tendo como pano de fundo um cenário militar, foi possível verificar como ocorre este processo de imersão para dentro de uma nova organização e, sobretudo, como é vivenciado por estes jovens o “mergulho” neste novo ambiente de formação. Lembrando que eles experimentarão mudanças, desenvolvendo e incorporando ao mesmo tempo conhecimentos, habilidades e atitudes, bem como crenças, normas e práticas características da cultura organizacional em questão.

No caso do referido capital humano da pesquisa, a oportunidade de vivenciar uma formação militar pode servir como rica experiência e o incremento de novas habilidades e competências, contribuindo para sua composição enquanto sujeito e futuro adulto. Vale destacar que as novas gerações, pelo fato de nascerem e crescerem junto com a internet podem se confundir com a falsa percepção de que apenas as habilidades técnicas ou intelectuais serão suficientes para o sucesso em suas vidas profissionais, por exemplo, esquecendo-se de que mesmo no mercado de trabalho habilidades sociais e emocionais

tornam-se cruciais também para alimentar o pensamento crítico, a curiosidade, a cooperação, a capacidade para resolução de problemas, entre outros.

O CPOR, como instituição de ensino militar, dentro de sua proposta pedagógica, possui como meta principal, proporcionar ao mesmo tempo em que oferece aos alunos a formação militar profissional, uma educação integral. De acordo com o Plano de Avaliação do Curso de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (MCA 37-3/2008), usando como referência a taxionomia dos objetivos educacionais de Benjamin Bloom <sup>2</sup>(1947), onde o elemento base de todo sistema educacional são os objetivos de ensino-aprendizagem, a formação destes jovens percorrerá as três áreas ou domínios fundamentais: cognitivo, afetivo e psicomotor. Assim, além de avaliar os discentes, nos domínios, cognitivo e psicomotor, o *domínio afetivo* <sup>3</sup> destaca-se por trazer seus objetivos descritos em termos de mudanças de interesse, atitudes e valores, sendo este último de real interesse para a pesquisa. Conforme descreve Bloom (1974, p.05)

[...] os objetivos do domínio afetivo enfatizam uma tonalidade de sentimento, uma emoção ou um grau de aceitação ou rejeição. Os objetivos afetivos variam desde atenção simples até fenômenos selecionados, até qualidades de caráter e de consciência complexas, mas internamente consistentes. Descobrimos grande número de tais objetivos na literatura, expressos como interesses, atitudes, apreciações, valores ou tendências emocionais [...]

A pesquisa buscou refletir, conceitos relacionados aos atributos da área afetiva, indispensáveis para o avanço no caminho das práticas de inteligência intra e interpessoal e, a importância do desenvolvimento destas para a formação do indivíduo ao mesmo tempo em que promove sua saúde emocional e o aprendizado de competências ou habilidades socioemocionais.

---

<sup>2</sup> Benjamin S. Bloom psicólogo norte-americano, nascido em 1913 e falecido em 1999, lecionou na Universidade de Chicago onde desenvolveu investigações sobre os processos de avaliação no ensino. Teve influência decisiva na área das ciências da educação ao propor uma taxionomia dos objetivos educacionais.

<sup>3</sup> De acordo com Bloom os objetivos considerados na área afetiva estão ligados a ideias como comportamentos, atitude, responsabilidade, respeito, emoção, valores.

## Questões de pesquisa

O presente trabalho elegeu como objeto de investigação, uma disciplina prática prevista na grade curricular do CPOR denominada - Atividade de Campanha <sup>4</sup>.

Foram levantadas questões como:

- 1) O cenário da Atividade de Campanha pode ou não ser considerado um ambiente de apoio para uma experiência de crescimento social e pessoal?
- 2) A Atividade de Campanha serviu ou não para desenvolver alguma competência intrapessoal ou interpessoal nos alunos?
- 3) As experiências vivenciadas, dentro do exercício (conjunto de oficinas), serviram para facilitar a aquisição de novas habilidades ou competências sociais e emocionais?
- 4) As expectativas positivas, por parte dos alunos, foram ou não alcançadas ao final da atividade?
- 5) As expectativas dos agentes educadores (instrutores) coadunam com às expectativas dos alunos?

## Objetivo

O objetivo central da pesquisa foi investigar se a Atividade de Campanha, instrução prevista na grade curricular do Curso de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica, em nível de formação militar deste Centro, pode ser pensada ou não, como ambiente de apoio para a assimilação e/ou promoção de competências ou habilidades sociais e emocionais nos alunos, como forma de contribuição para o seu desenvolvimento humano.

---

<sup>4</sup> A Atividade de Campanha ou Exercício de Campanha é um conjunto de atividades que simulam em um ambiente de mata ou de selva, possíveis situações reais de sobrevivência. Esta é uma disciplina prática prevista na grade curricular de todo curso de formação militar. A Atividade de Campanha, por meio de um cenário montado, reproduz de uma situação real, condições atmosféricas desfavoráveis, dificuldades do terreno, fome, sede, sono, frio, calor, tudo isso com o objetivo de criar um estado crítico, simulando em menor grau uma situação real de sobrevivência em circunstâncias em que o Estado ou o país necessita de algum resguardo, ou mesmo em situações de acidentes aéreos ou terrestres, emergências sociais, entre outros. Tal contexto faz com que os alunos se habituem a trabalhar em circunstâncias desafiadoras individualmente e em grupo. Por meio de instruções diversas busca-se desenvolver nos alunos as três áreas do aprendizado (cognitivo, psicomotor e afetivo (valores), que serão alcançadas por meio de treinamentos, princípios, procedimentos, técnicas e táticas básicas de combate terrestre e de sobrevivência.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A Formação Militar

Todos os anos milhares de jovens buscam ingressar em uma universidade para enfim percorrer seu caminho rumo à vida profissional. Para o público que opta pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica, referência na área de exatas, mais precisamente no campo da engenharia, o que os aguarda é um desafio um pouco diferente de uma universidade comum, exatamente por tratar-se o Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA, de uma Organização Militar subordinada ao Departamento de Ciência e Tecnologia do Comando da Aeronáutica.

O Curso de Graduação em Engenharia no ITA tem a duração de 5 anos, dos quais os 2 primeiros anos constituem o Curso Fundamental, comum a todos os alunos, e os 3 últimos correspondem aos Cursos Profissionais, específicos para cada especialidade de Engenharia. As especialidades de Engenharia oferecidas pelo ITA são: Aeroespacial, Aeronáutica, Civil-Aeronáutica, de Computação, Eletrônica e Mecânica-Aeronáutica.

Como já foi exposto anteriormente, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica de São José dos Campos, CPORAER-SJ, criado em 19 de março de 1953 (Portaria nº 117/53), tem por missão formar Aspirantes a Oficial da Reserva da Aeronáutica, de 2ª Classe por meio do Curso de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Em outras palavras, o CPORAER, sendo uma organização do Comando da Aeronáutica, proporciona aos alunos matriculados no ITA a oportunidade de prestarem o Serviço Militar a que são obrigados por lei.

Com o objetivo de prover a Reserva<sup>5</sup> Técnica da Aeronáutica e em conformidade com o disposto na Lei nº 6.165/74 e no Decreto nº 76.323/75, todos os candidatos, de ambos os sexos, aprovados no Concurso de Admissão ao ITA e classificados no número de vagas existentes, serão matriculados no CPOR compulsória e simultaneamente à matrícula no 1º ano do Curso Fundamental quando não forem Aspirantes-a-Oficial da Reserva das Forças Armadas.

---

<sup>5</sup> Em tempos de guerra, tanto os militares da ativa quanto da reserva são convocados para o combate, necessitando as forças armadas terem em seu efetivo todo tipo de especialistas nas mais variadas formações profissionais.

O CPOR tem duração de um ano letivo, distribuídos ao longo do 1º ano do Curso Fundamental, onde todos os alunos são militares na condição de Aluno de Órgão de Formação de Oficiais da Reserva, usam uniformes (quando determinado), participam de instruções e formaturas militares e se preparam para o Oficialato, cumprindo o serviço militar em nível compatível com sua aptidão técnico-profissional. Os alunos do CPORAER-SJ são oriundos tanto do meio civil como militar, provenientes das diferentes regiões brasileiras e camadas socioeconômicas e de ambos os sexos.

O Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA é uma organização do Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA), do Comando da Aeronáutica, está organizado pelo Decreto nº 27.695/50 e tem sua missão definida pela Lei nº 2.165/54.

Assim, um breve panorama e contextualização sobre o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial, se fazem necessário, já que tanto o ITA como o CPORAER-SJ, estão subordinados a esse Departamento.

O Departamento de Ciência e Tecnologia (DCTA) é uma Organização Militar e uma Instituição Científica e Tecnológica do Comando da Aeronáutica <sup>6</sup> à qual compete planejar, gerenciar, realizar e controlar as atividades relacionadas com a ciência, tecnologia e inovação, no âmbito do Comando da Aeronáutica<sup>7</sup>.

O projeto do DCTA (antigo CTA) remonta à visão de Santos Dumont <sup>8</sup> em ver criado no Brasil um centro que pudesse agregar conhecimentos científicos e técnicos em uma escola de aeronáutica que abrigasse seus próprios alunos.

Aproximadamente, no final de 1939, na época, o Ministério do Exército, criou um curso de especialização em engenharia aeronáutica na Escola Técnica do Exército, no Rio de Janeiro. Foi o primeiro curso de nível superior do Brasil direcionado para a aeronáutica. Em 1942, formou-se a primeira turma de engenheiros aeronáuticos brasileiros. Mais tarde, com a

---

<sup>6</sup> art. 102 do Regimento Interno do Comando da Aeronáutica – RICA – n 20-3, de 18 de junho de 2013.

<sup>7</sup> art. 1 do Regimento Interno do Comando da Aeronáutica – RICA – n 20-3, de 18 de junho de 2013 e art 21 do Decreto n 6834/09.

<sup>8</sup> Alberto Santos Dumont(1873-1932) – aeronauta, inventor brasileiro, considerado Pai da Aviação e Patrono da Aeronáutica.

criação formal do Ministério da Aeronáutica, parte do contingente de militares do Exército foi transferida para a recém-criada Força Aérea. Entre esses oficiais, estava o Tenente-coronel Casimiro Montenegro Filho, um dos primeiros engenheiros formados pela Escola Técnica do Exército. Em 1943, Montenegro visitou um centro de pesquisas aeronáuticas nos EUA. Ao voltar ao Brasil, passou a se dedicar para a criação de um centro parecido no país. Em 1945, retornou ao EUA, dessa vez buscando a ajuda para a implantação de um centro de pesquisas em nosso território, do famoso professor Richard Smith, do MIT. A região escolhida foi São José dos Campos, entre outros motivos, por situar-se estrategicamente ao lado da Via Dutra, que na época já ligava os dois maiores polos industriais do país: Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, em 29 de janeiro de 1946, foi criado o Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA), com sede temporária no Campo de Marte (zona norte de São Paulo-SP). Posteriormente esse centro tecnológico, passou a ser denominado Centro Técnico Aeroespacial (CTA). Somente em 1950, o CTA foi efetivamente implantado em São José dos Campos, tornando-se o principal centro de pesquisas aeronáuticas do Brasil.

Inicialmente, o CTA era composto por duas unidades: o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPD). O CTA era subordinado ao então Comando-Geral de Pesquisas e Desenvolvimento, que tinha sede em Brasília e pouco tempo depois passou a ser denominado Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento (DEPED).

O IPD absorveu grande parte dos engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, especialmente os militares. No IPD foram projetados três dos quatro primeiros aparelhos fabricados pela Embraer: o Bandeirante, o avião agrícola Ipanema e o planador Urupema. A própria criação da Embraer foi uma iniciativa de um grupo de engenheiros militares que atuava no IPD. Dessa forma, podem-se estabelecer as origens da Embraer na própria implantação do CTA, de onde saíram os principais projetistas e dirigentes da indústria aeronáutica brasileira da década de 70.

Em 2006, a estrutura do DEPED foi transferida de Brasília para São José dos Campos e se fundiu à do Centro Técnico Aeroespacial. Dessa fusão surgiu o Comando-Geral de Tecnologia Aeroespacial (CTA). Somente em 2009, por meio do Decreto presidencial n 6.834/09, o Comando-Geral de Tecnologia Aeroespacial (CTA) passou a ser denominado Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA).

Desde sua criação, o DCTA tem coordenado e acompanhado a implantação de vários projetos bem sucedidos que contribuíram para o crescimento da Aeronáutica e do Brasil, com destaque para a implantação da indústria aeronáutica brasileira e o desenvolvimento de pesquisas espaciais. Por conta disso e de outras pesquisas, várias outras indústrias se estabeleceram no município de São José dos Campos como fornecedoras de componentes para a grande indústria aeronáutica, fortalecendo-se devido principalmente à grande presença e disponibilidade de recursos humanos qualificados, como os engenheiros formados pelo ITA.

Dentro do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica, o curso de formação militar destes jovens compreenderá as seguintes áreas do conhecimento: ciências aeronáuticas, ciências militares, ciências sociais aplicadas, ciências humanas, ciências da saúde e linguística, distribuídas em disciplinas ao longo do ano letivo.

Paralelamente, ao primeiro ano do curso fundamental do ITA, os jovens “iteanos” não vivenciarão uma situação acadêmica comum, onde, ao fim de uma aula, retiram-se para suas casas ou suas rotinas habituais. Durante todo um conjunto de tempos e por períodos pré-determinados eles estarão subordinados a encargos, deveres e condições de disciplina. Além disso, estarão imersos em um processo educacional militar buscando conhecer e entender valores, crenças, normas e práticas próprias da cultura organizacional em questão, convivendo em um ambiente “militarizado”. Realizarão ainda um processo de aculturação por meio da participação em ritos e cerimoniais de diversas naturezas ao longo do curso, bem como o cumprimento de uma rotina supervisionada, vivendo experiências previstas de recompensas e limites, bem como relações de disciplinamento no cumprimento de tarefas típicas da atividade militar.

São comuns escolas e centros de formação militar organizarem suas atividades de modo que contenham: formaturas, palestras, visitas institucionais, instruções teóricas, instruções técnicas e táticas, manobras e exercícios físicos, sendo os instruendos submetidos a um conjunto de atividades em que realizam aprendizagens sobre todo um conjunto de normas e regras e sobre a sua aplicação a situações específicas, por meio de instruções sobre regulamentos. Além disso, aprendem sobre expressões linguísticas, rituais, modos de trajar e de falar, o legado histórico e simbólico, como hinos e canções, por exemplo.

Com este “ensaio” os jovens têm a oportunidade de revelar comportamentos nos campos: intelectual, disciplinar, moral, psicomotor, social e emocional. O que

consequentemente pode lhes exigir esforço e superação. Mas todo este processo educacional militar, referente ao aprendizado dos padrões de conduta típicos da cultura organizacional em questão, não se limita a um ensino formal, desenvolvendo-se também de maneira informal<sup>9</sup> ao longo das diversas experiências vivenciadas por cada indivíduo dentro da organização e em sua interação com este novo ambiente. Vale destacar segundo Santos (2009) que o ser humano desenvolve grande parte do seu comportamento dentro do ambiente social e que no caso desta “nova realidade” o qual os discentes da pesquisa são submetidos, abre-se a possibilidade para expandir o repertório individual compatível com este processo de amadurecimento vivenciado por eles.

Na verdade o que se evidencia para a grande maioria destes jovens é um diferente desafio que poderá contribuir não apenas para sua jornada profissional e cívica, mas, sobretudo, para sua formação humana. O “moderno” (novo) iteano traz em sua bagagem pessoal um vasto preparo intelectual, proporcionando uma “brecha”, através da curiosidade e criatividade, para a vivência de experiências mais significativas nos campos, afetivo (desenvolvimento de valores e atitudes), emocional e social.

É provável que nesta fase acadêmica/militar, eles experimentem alguns conflitos internos. O primeiro deles se dará entre a vivência paralela em um ambiente universitário e uma instituição militar. O gerenciamento deste duplo desempenho social, pode não ocorrer de maneira tranquila, já que os alunos encontram a todo instante, de um lado uma “liberdade” acadêmica, e de outro, normas e responsabilidades, provavelmente “inusitadas” ao seu arquivo de experiências.

Para que não se comprometa o sucesso de todo o processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento de competências dentro dos objetivos da organização militar, é fundamental por parte dos agentes educadores (instrutores militares e todos os envolvidos no processo educativo) a especial atenção e reflexão sobre estratégias de aprimoramento das funções pedagógicas e psicológicas envolvidas neste período de acomodação a um novo meio ambiente, e principalmente, compreender e ajudar nesse movimento de adaptação de um grupo, tão característico dentro do ambiente das Forças Armadas.

---

<sup>9</sup> Aprendizagens que ocorrem para além do currículo formal, aprendizagem não intencional.

Se as ações pedagógicas forem bem direcionadas, podemos ajudar na transposição das dificuldades e estimular no grupo, por meio de instruções orientadas, a motivação, o senso crítico, a coragem, a liderança, entre outros, ou seja, uma gama de atributos, facilitando esta “entrada” em um novo contexto, como também, fornecer ao indivíduo oportunidades para experimentar comportamentos e atitudes positivas para sua autoformação. De acordo com Bloom (1974, p.21).

[...] se os objetivos e metas afetivas devem ser realizados, devem ser definidos claramente; experiências de aprendizagem para ajudar o estudante a se desenvolver na direção desejada devem ser proporcionadas; e deve haver algum método sistemático para a apreciação da extensão em que os estudantes cresçam nos rumos desejados [...]

Vale ressaltar que instituições como as Forças Armadas reúnem habitualmente, pessoas em idade precoce, encarregando-se da formação propriamente dita, destes recursos humanos. Isso ocorre por meio de uma preparação com o intuito de ampliar, sedimentar e nivelar conhecimentos, como também qualificar por meio de uma educação profissional, nos mais variados níveis, contribuindo para a produção de uma considerável parcela de capital intelectual humano do país.

Tal perspectiva favorece a estes espaços, além de um sistema educacional próprio, como formação inicial e continuada, educação profissional técnica e tecnológica e qualificação profissional, vastas oportunidades para uma aprendizagem socioemocional. Na verdade, o aprendizado de papéis sociais voltados para a participação, o trabalho de equipe e o compromisso com o grupo, por exemplo, constitui um procedimento tradicionalmente presente na formação militar, e que podem ser explorados como futuras habilidades sociais e emocionais.

Como já foi apontado na introdução, em relação à formação militar, o processo educacional percorre o desenvolvimento e a avaliação dos discentes em três áreas fundamentais: cognitivo, psicomotor e afetivo (BLOOM, 1976), sendo o domínio afetivo profundamente vinculado à promoção de valores, atitudes e emoções. No âmbito militar, o aluno é direcionado a inserir-se em atividades onde são oferecidas maneiras de vivenciar, por exemplo, a liderança, a iniciativa, a adaptabilidade e a autoconfiança. Este tipo de formação é realizado em condições de razoável dificuldade e “pressão” psicológica, como no modelo do cenário da Atividade de Campanha.

A experiência de passar por estímulos estressantes, naturalmente retira uma pessoa de sua zona de conforto, causando algum “efeito” orgânico ou psicológico sobre ela. No caso do ambiente de investigação da pesquisa, que reproduz em menor grau situações de improvisação e de adaptação, o que ocorre são privações como sono, fome, além de frio e cansaço, por exemplo. Frente a momentos desconfortantes, diferente do cotidiano habitual, a mente certamente buscará a mobilização de recursos emocionais, para tentar reestabelecer o equilíbrio entre corpo, mente e meio ambiente. No caso da Atividade de Campanha, o aluno pode ser impulsionado a construir estratégias psíquicas em termos de, por exemplo, motivação, criatividade, autoconfiança, coragem, iniciativa e reconhecimento de suas limitações e potencialidades.

Em toda escola de formação militar o educando terá a chance efetiva de participação em ações que podem ser transformadas em crescimento pessoal, tendo ele mesmo contribuição neste processo de evolução e amadurecimento. Além disso, pela dinâmica da situação o instruendo pode ser capaz de adquirir e internalizar novos hábitos, conceitos e valores de acordo com a profundidade de suas experiências e de seus esquemas mentais pré-armazenados.

Dentro desse contexto, as ações técnico-pedagógicas do exercício em questão precisam ser ajustadas e aprimoradas acertadamente, proporcionando a expansão das competências socioemocionais dos alunos. Por isso, estabelecer antecipadamente as habilidades sociais e emocionais que se espera desenvolver no discente através da experiência da Atividade de Campanha, pode contribuir também para o aperfeiçoamento das oficinas que serão praticadas por eles durante o percurso. Mesmo sob uma situação de estresse é possível que os alunos sintam motivação para demonstrar, como já foi dito, exemplos de interação inter e intrapessoal.

Ao mesmo tempo, a condição de se estar em “equipe” pode favorecer a construção de códigos, facilitando a comunicação e a identificação do grupo com ele mesmo. Vale destacar que no processo de formação militar algumas das atividades didáticas ocorrem em grupo, aumentando as oportunidades de experimentar a divisão de tarefas, exigindo do aluno uma disposição para assumir responsabilidades. Outro aspecto fundamental é a possibilidade de desempenhar diferentes papéis sociais (xerife da turma, comandante de esquadrilha), onde eles aprendem a compartilhar normas e valores, ajudando-se mutuamente, treinando comportamentos de liderança e atitudes de solidariedade e empatia.

Como podemos perceber o cenário da Atividade de Campanha, propõe um conjunto de “simulações” que amplia o leque de alternativas para que os alunos exercitem uma visão mais abrangente do mundo e dele mesmo, contribuindo para, possíveis novas formas de agir, frente a situações complexas, intensificando a capacidade de adaptabilidade e flexibilidade dos jovens.

Também na Atividade de Campanha o discente pode ser conduzido a um desejo de autossuperação, gerando uma inquietação interior e a necessidade de estabelecer o controle da situação por meio do gerenciamento das próprias emoções.

Contudo, como já foi dito, todo este arcabouço de “oportunidades” necessita possuir objetivos claros, tanto para os docentes, quanto para os discentes, pois do contrário provocarão um contexto de desamparo psicológico, que suscitará atitudes defensivas, indesejáveis para este rico processo de amadurecimento. A compreensão por parte dos agentes educadores, da dinâmica de toda esta ação, bem como as práticas empreendidas, é fundamental para manter a motivação do grupo e para uma realização eficaz do processo de formação militar, e também proporcionar o máximo de ofertas para o cultivo de potencialidades destes jovens.

### **O papel da afetividade na fase inicial da formação militar**

A presença viva da afetividade no cenário da educação e também da formação, como é o caso do âmbito militar aqui pesquisado, é notadamente um aspecto que não se pode desprezar, pois a experiência indica que o afeto influencia as relações e os processos de aprendizagem e internalização.

Vale aqui destacar a contribuição de Henri Wallon<sup>10</sup>, sobre esta conexão – afeto-aprendizagem. A escolha de Wallon para o esclarecimento da relação entre a afetividade e suas implicações na formação, deriva de algumas justificativas: sua concepção psicogenética do desenvolvimento apresenta uma contribuição para a compreensão do humano como pessoa

---

<sup>10</sup> Henri Paul Wallon (1879-1962) foi médico, psicólogo e filósofo francês, autor da teoria pedagógica que diz que o desenvolvimento intelectual envolve também corpo e emoções. Fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

integral, no sentido de se repensar a clássica divisão corpo/mente; ele compreende um movimento dialético entre a afetividade, o cognitivo e os níveis biológicos e socioculturais, ao mesmo tempo em que trazem colaborações para o processo de ensino-aprendizagem; tendo circulado tanto entre a psicologia e a educação, ele nos indica para a relação bidirecional entre essas disciplinas. Dessa forma, a teoria walloniana apresenta-nos os domínios funcionais “entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que o indivíduo percorre o caminho da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa” (WALLON, 1995, p. 117). Assim como Bloom, Wallon também apresenta aspectos teóricos que ajudam na compreensão dos processos de desenvolvimento e aparecem como guias na condução dos processos ensino/aprendizagem.

É possível definir a afetividade como o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se multiplicando ao longo do amadurecimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações mais dinâmicas. Ao assinalar a base orgânica da afetividade, a teoria walloniana recupera o orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que indica que o meio social vai gradativamente transformando esta afetividade orgânica, “moldando-a” e tornando suas manifestações cada vez mais sociais. Temos então a união entre o corpo e o meio social, um campo que se forma no qual: “O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576).

Essa concepção da relação entre homem e mundo e a própria compreensão dos principais conjuntos funcionais que ajudam a compreender a formação da pessoa total encontra-se espalhado em diversas obras de Wallon e é fundamental para pensarmos num caminho de aprimoramento das ações educativas militares, principalmente em atividades práticas, quando o aluno tem a oportunidade de interagir ativamente com o meio, como é o caso da Atividade de Campanha. Quanto mais o sujeito tenha a oportunidade de vivenciar experiências que possam se tornar enriquecedoras, mais possibilidades para o desenvolvimento de um adulto confiante e seguro e com maiores chances de uma vida emocional saudável, com qualidade e bem-estar.

No livro *A evolução psicológica da criança*, Wallon (2007, [1941]) destaca o elo indissolúvel entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico do indivíduo,

afirmando que não existe preponderância do desenvolvimento psíquico sobre o desenvolvimento biológico, mas uma ação recíproca. Existe, portanto, um frequente movimento mútuo do homem e do seu meio.

Diante disso é possível expandir as conceituações de Bloom, acerca da afetividade compreendendo-a de forma mais abrangente, como um conjunto funcional que emerge do orgânico e adquire um status social na relação com o outro e que é uma dimensão edificante na formação da pessoa completa.

Logicamente, assim como a afetividade, a cognição é um elemento primordial na psicogênese da pessoa numa visão completa, onde o seu desenvolvimento também está relacionado às bases biológicas e suas frequentes interações com o meio. É importante visualizar a cognição em constante interação quando do surgimento da inteligência. Refletindo sobre as origens orgânicas da inteligência, Wallon (2008 [1941], p. 117) destaca:

O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se as exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social.

Para Wallon (2008 [1941]), a cognição e a afetividade, nascem no âmago das estruturas orgânicas e vão adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o social.

Segundo o psicólogo, ao falarmos em cognição e afetividade estamos falando de duas faces de uma mesma pessoa. A noção de pessoa apresentada pelo autor aponta para uma síntese dos conjuntos funcionais (afetivo, motor e cognitivo) e para integração dinâmica entre o orgânico e o social, assim ele situa a noção de pessoa como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, e cujo processo de desenvolvimento ocorre na integração do orgânico com o meio, que em sua teoria é sempre predominantemente social.

O desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais. No que diz respeito à afetividade e cognição, esses conjuntos revezam-se, em termos de prevalência, ao longo dos estágios de desenvolvimento. Nos estágios impulsivo-emocional, personalismo, puberdade e adolescência, nos quais

predomina o movimento para si mesmo (força centrípeta) há uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo, enquanto no sensório-motor e projetivo e categorial, nos quais o movimento se dá para fora, para o conhecimento do outro (força centrífuga), o predomínio é do conjunto funcional cognitivo.

Essa alternância de domínios funcionais não exclui a presença dos conjuntos não dominantes, pois estes continuam interagindo continuamente entre si, formando a complexidade presente na personalidade da pessoa. Destacando como o conjunto funcional afetivo influencia o meio social e afeta o cognitivo, Wallon (1986, p. 146) aponta que:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual [...]

Como vimos até aqui é possível criar uma compreensão abrangente e integrativa do desenvolvimento humano, no qual as diversas faces do sujeito possam ser contempladas, e não apenas uma visão unilateral que privilegia apenas uma dimensão ou um conjunto funcional.

Na proposta educativa walloniana, a integração é um conceito fundamental na formação do educando, e é claramente descrito por Mahoney (2008, p. 15):

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela.

Vale destacar que a presente pesquisa ao propor estudar as contribuições da Atividade de Campanha nas dimensões social, emocional e afetiva do aluno, de forma alguma pretendeu privilegiar apenas uma das dimensões do desenvolvimento humano. Ao contrário, a ideia é valorizar e integrar de forma mais produtiva estas dimensões no conjunto de experiências educativas vivenciadas pelos participantes da pesquisa. Por entender que o curso de formação militar pode ser um ambiente de apoio estimulante para o aprimoramento de habilidades e competências diversas, é importante realçar a possibilidade de contribuirmos mais significativamente na constituição dos alunos enquanto sujeitos, delimitando mais claramente os objetivos a serem alcançados nos espectros afetivo, emocional e social. Vale destacar que a educação não é um processo apenas intelectual. Como aponta Gadotti (2000, p. 10), ela visa, sobretudo ao:

“Desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo”.

### **Atributos da área afetiva na Atividade de Campanha**

Quando falamos em formação militar, estamos falando em educação, e neste sentido, decidir e definir os objetivos de aprendizagem significa estruturar o processo educacional de maneira a favorecer mudanças de pensamentos, ações e condutas. Assim, como já foi comentado, é mais fácil atingir objetivos quando estes estão bem definidos. Por outro lado, fica mais difícil para os alunos atingirem níveis de desenvolvimento, se não souberem exatamente o que é esperado deles durante e após o processo de ensino.

A definição clara e estruturada dos objetivos educacionais, levando em conta a aquisição de conhecimentos ou competências orientará o processo de ensino para a escolha adequada de estratégias, métodos, delimitação do conteúdo específico, instrumentos de avaliação e, conseqüentemente, para uma aprendizagem efetiva e duradoura. A importância do planejamento como recurso de organização de toda a ação educacional é evidenciado por Coaracy (1972, p.79) quando diz que o planejamento é “um processo contínuo que se preocupa com, o para onde ir e quais as maneiras adequadas para chegar lá”.

Neste contexto, um dos instrumentos existentes que pode vir a facilitar esse processo é a taxonomia proposta por Bloom et al. (1956), que tem como meta ajudar no planejamento, organização e controle dos objetivos da aprendizagem.

De acordo com Bloom (1976, 1956) todo o comportamento humano pode ser convenientemente classificado como sendo pertencente a um dos três domínios (áreas): cognitivo – referente ao saber; afetivo – referente a sentimentos e posturas (ou afetivo-social) e psicomotor – referente a ações físicas (ou motor).

Os objetivos da aprendizagem considerados na área afetiva, interesse desta pesquisa, estão ligados a ideias sobre mudanças de comportamento e atitudes, aspectos despertados na preparação militar dos jovens, e presente nas escolas e centros de formação militar. Krathwohl, Bloom e Masia (1974) classificaram os objetivos no domínio afetivo em 5 níveis que, usualmente, são apresentados numa sequência que vai do mais simples (recepção) ao mais complexo (caracterização), cada nível utiliza as capacidades adquiridas nos níveis anteriores. Assim, identificaram cinco categorias principais: Receptividade; Resposta; Valorização; Organização e Caracterização.

Os comportamentos do domínio afetivo representam sentimentos e emoções, e exatamente por isso estão muito envolvidos numa situação real de aprendizagem, visto, por exemplo, que aspectos como motivação, interesse, responsabilidade, cooperação e respeito ao próximo podem ser trabalhados produtivamente, como buscamos aplicar no contexto educacional militar e executar na proposta da Atividade de Campanha.

Psicólogos sociais apontam que os comportamentos afetivos são basicamente adquiridos pelo processo de aprendizagem. Além disso, é importante ressaltar que dentro da esfera de desenvolvimento da área emocional e afetiva o princípio integrador é o da internalização, e de acordo com Turra et al. (1989, p.90)

A internalização se refere a um processo de crescimento interior pela qual há aceitação de atitudes, interesses e valores que se tornam parte do indivíduo, chegando ao ponto de caracterizá-lo. Este crescimento ocorre em diversos níveis, desde a simples percepção de um fenômeno até a produção de respostas apropriadas em situações de valoração. Portanto, a internalização vai desde a simples tomada de consciência da ocorrência de alguma coisa até atitudes que caracterizam uma pessoa.

Dentro dos níveis elencados no esquema da taxionomia dos objetivos educacionais do domínio afetivo, temos que o nível mais simples é o da receptividade que se refere à tomada de consciência do discente, ao desejo de receber estímulo, quer dizer, uma sensibilidade ou espontaneidade para prestar atenção em algo. Na segunda categoria temos a resposta ou reação, onde já aparece uma aceitação, uma disposição para responder, um comportamento

que vai além de o aluno meramente prestar atenção a um fenômeno, implica uma atenção ativa fazendo algo com ou sobre o fenômeno, e não simplesmente percebendo-o. O terceiro nível corresponde à valorização de algo por parte do educando. Valorização corresponde aceitar um valor, preferência por um valor. Aqui o aprendiz vai além de fazer algo com ou sobre certo fenômeno. Diz respeito à forma de percebê-lo como tendo valor e, conseqüentemente, revelando consistência no comportamento relativo a este fenômeno. A quarta classificação apresenta a organização, com o aluno conceituando um valor, organizando um sistema de valores. Aqui o instruído emprega conceitos para determinar uma inter-relação entre os valores. E finalmente, a caracterização, onde o discente já consegue organizar valores, crenças, ideias e atitudes num sistema internamente consistente.

Assim, no ambiente da Atividade de Campanha, um conjunto de oficinas práticas (uma espécie de “workshops”) são “experimentadas” pelos alunos com vistas a adquirirem conhecimentos técnicos, e, sobretudo, podem servir para despertar nos sujeitos uma infinidade de atributos socioemocionais.

A oficina de “Marchas e estacionamentos” é caracterizada por uma caminhada coletiva de 8 km, onde, carrega-se uma mochila com o peso de 10k. Esta é uma atividade que pode incentivar nos alunos, por exemplo, aspectos como superação física, resistência, persistência.

A instrução de “Segurança do acampamento” ambienta-os em um cenário operacional, referente à segurança da área de instrução (tomar conta) e a segurança individual deles, podendo ser uma ótima oportunidade para favorecer nos jovens comportamentos de adaptabilidade, responsabilidade, iniciativa, coragem.

Em “Silenciamento de Sentinela” os alunos conseguem exercitar alguns dos principais sentidos, como audição, visão e olfato. Nesta prática é possível reconhecer os próprios limites e potencialidades, orgânicas e emocionais.

A atividade “Preparação da Ração” habilita-os a preparar a “ração” (comida) operacional em ambientes de sobrevivência, emergência, necessidade, criando para os instruídos a chance de exercitar atitudes de adaptabilidade em situações de racionamento de alimentos, bem como a cooperação com os companheiros, criando um espírito de união, solidariedade, companheirismo e empatia.

A chamada “Pista de Obstáculos” é caracterizada por um “circuito” com vários obstáculos no terreno que propõe estimular nos alunos a disposição e o condicionamento físico, a coordenação motora, a vibração (garra, dinamismo), autossuperação de limites, autoconfiança, coragem, persistência, equilíbrio emocional (trabalhar com pressão).

A prática “Abrigos Improvisados” sugere aos discentes aprender a confeccionar abrigos em situações adversas de sobrevivência para se proteger do tempo (sol, chuva, frio). Esta é uma atividade que amplia a possibilidade de incentivar nos jovens atitudes de criatividade, adaptabilidade, cooperação, iniciativa, liderança, poder de decisão.

A oficina “Obtenção de água e fogo”, como o próprio nome diz, habilita-os a conseguir em ambientes adversos, água e fogo para, em uma situação de sobrevivência, conseguir aquecimento e água potável. É uma abertura para tentar desenvolver nos alunos aspectos como adaptabilidade, criatividade, desafios em grupo, liderança, flexibilidade.

Em “Nós e amarrações”, eles terão a oportunidade de conhecer e realizar vários tipos de nós e amarras. Além de ampliar o cabedal de conhecimentos dos alunos, pode fazer surgir entre eles o senso de autodisciplina por meio da necessidade da correta execução (que é cobrada pelos instrutores do acampamento) dos nós e amarrações.

Com relação à instrução de “Ofidismo” o aluno tem a experiência de entrar em contato com os diversos tipos de cobras e conhecer sobre seus respectivos venenos. Mais uma vez, além de aprimorar ou ampliar conhecimentos, despertando a curiosidade dos alunos também é capaz de fazer com que estes exercitem a coragem, o equilíbrio emocional, a autoconfiança.

Com a atividade “Transporte de Feridos”, eles aprendem formas de condução de feridos em caso de acidente ou emergência. Com esta vivência os discentes podem ser despertados para alimentar em seu íntimo o espírito de corpo, a responsabilidade, adaptabilidade, lidar com imprevistos, camaradagem, equilíbrio emocional, solidariedade, liderança.

Praticando a oficina de “Armadilhas”, aguça-se nos alunos o senso de improvisação para a montagem de armadilhas em caso de necessidade, para a captura de animais (para alimentação ou defesa). Esta é uma instrução que propõe despertar nos alunos a capacidade de adaptabilidade, criatividade, iniciativa, aprendizagem de novas habilidades.

Para realizar a “Orientação em Campanha”, são transmitidos conhecimentos sobre localização em qualquer terreno. Por ser uma atividade altamente prática e em grupo, são esperados comportamentos que reflitam por parte dos jovens, liderança, trabalho de equipe, autodisciplina, camaradagem.

Quando aprendem sobre “Alimentos de origem animal e vegetal” os alunos entendem como coletar e preparar, para consumo próprio, alimentos em ambiente de mata ou selva. É esperado nesta oficina serem despertados entre eles, atitudes de adaptabilidade, flexibilidade, criatividade.

Com a instrução de “Camuflagem” são repassadas técnicas de disfarce em ambiente de mata ou selva por necessidade de segurança, de disfarce. É possível que em alguns alunos sejam aguçados o espírito de criatividade, flexibilidade, autoconfiança em situações de tensão.

Finalmente com a oficina de “Sobrevivência” parte final do exercício, os instruídos têm a oportunidade de colocar em prática todos os conhecimentos aprendidos durante a Atividade de Campanha. Nessa fase os desafios são tanto individuais como coletivo, pois o cansaço já está bem avançado, no entanto é o desfecho perfeito para que os alunos tentem demonstrar no mínimo, autoconfiança, autodisciplina, criatividade, liderança, adaptabilidade e espírito de corpo<sup>11</sup>.

Assim, o que se espera de toda esta gama de atividades, é que elas operem de maneira direta e indireta no aluno, trazendo algumas possibilidades de se trabalhar com eles, os aspectos interpessoais e intrapessoais. As lições emocionais e sociais destas experiências podem ocasionar para os jovens, uma aprendizagem capaz de “modelar” seus circuitos emocionais, tornando-os mais aptos (ou inaptos) nos fundamentos das inteligências social e emocional, que irão permanecer em suas vidas.

Neste caso, interessando-nos a qualidade de vida dos alunos e a saúde emocional deles, é possível equipá-los educacionalmente, por meio de uma rica e valiosa atividade pedagógica, para atuarem como gerenciadores da própria psique, ou no mínimo, conhecê-la

---

<sup>11</sup> O Termo “Espírito de Corpo” é muito utilizado no ambiente das Forças Armadas, sendo uma espécie de jargão ou gíria militar que em um sentido amplo engloba aspectos tais como: trabalho de equipe, união de um grupo para o cumprimento de alguma missão, companheirismo, solidariedade, coleguismo, parceria.

melhor. Esta é a uma possibilidade apresentada pelo ambiente da Atividade de Campanha, porém, como já foi comentado em capítulos anteriores, precisa ser direcionada corretamente e elaborada com objetivos claros e bem definidos. Vale destacar que todos os atributos apresentados anteriormente dentro de cada oficina estão postos aqui como possibilidades futuras de serem exploradas.

### **O desenvolvimento de habilidades emocional e social no jovem em formação**

Processos de aprendizagem estão diretamente relacionados com o desenvolvimento das potencialidades humanas. Nas contribuições do psicólogo educacional Howard Gardner<sup>12</sup>, esta relação direta propõe uma visão “pluralista da mente” e amplia o conceito de inteligência única para o de um feixe de capacidades ou competências. Para Gardner (1994, [1985]) é possível pensar em inteligência como a capacidade de resolver problemas.

Ele apresenta uma nova visão da inteligência, dividindo-a em sete diferentes possibilidades que se interpenetram, pois sempre envolvemos mais de uma habilidade na solução de problemas. Mesmo existindo predominâncias, as inteligências se integram: *Inteligência Verbal ou Linguística*: habilidade para lidar criativamente com as palavras. *Inteligência Lógico-Matemática*: capacidade para solucionar problemas envolvendo números e demais elementos matemáticos; habilidades para raciocínio dedutivo. *Inteligência Cinestésica Corporal*: capacidade de usar o próprio corpo de maneiras diferentes e hábeis. *Inteligência Espacial*: noção de espaço e direção. *Inteligência Musical*: capacidade de organizar sons de maneira criativa. *Inteligência Interpessoal*: habilidade de compreender os outros; a maneira de como aceitar e conviver com o outro. *Inteligência Intrapessoal*: capacidade de relacionar-se com consigo mesmo, autoconhecimento. Habilidade de administrar seus sentimentos e emoções a favor de seus projetos. É a inteligência da autoestima.

De acordo com Gardner (1994, [1985]) todos nascemos com o potencial das várias inteligências. A partir das relações com o ambiente e com os aspectos culturais, algumas são

---

<sup>12</sup> Howard Gardner, nascido nos EUA, em 1943, é psicólogo cognitivo e educacional, professor nas Universidades de Harvard e Boston, conhecido mundialmente por sua teoria das Inteligências Múltiplas.

mais desenvolvidas ao passo que outras não são aprimoradas. Em outras palavras, sua teoria sugere que todos os indivíduos, a priori, possuem a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências. Todos os indivíduos carregam como parte de sua bagagem genética, certas habilidades básicas em todo o espectro de inteligências. O caminho a ser percorrido por cada inteligência, ou seja, sua linha de desenvolvimento será determinada tanto por fatores genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais.

Assim, parece relevante, ao pensarmos na formação dos jovens da pesquisa, o reconhecimento dos potenciais destes alunos. Além disso, temos mais subsídios para, compreender melhor os motivos pelos quais os alunos têm um desempenho satisfatório ou apresentem dificuldades frente a determinadas aprendizagens, além é claro de aprimorar a Atividade foco do trabalho para fornecer todo este amparo de desenvolvimento aos discentes.

Cabe aqui um paralelo entre o espectro de inteligências proposto por Gardner e as áreas da aprendizagem apresentada por Bloom, diante dos três domínios a serem trabalhados para o desenvolvimento do discente: cognitivo, afetivo e psicomotor. Dentro da área cognitiva poderiam ser expandidas as inteligências verbal, lógico-matemática; já na área psicomotora as inteligências cinestésica-corporal, espacial e musical e na área afetiva (foco da pesquisa), as inteligências inter e intrapessoal.

É possível dizer que as inteligências pessoais percorrem a esfera do domínio afetivo, já que possuem muitas interfaces nos campos do sentimento, da emoção, do comportamento, das ações, atitudes, entre outros. Além disso, todos estes aspectos no campo da afetividade apresentados até agora relativos ao comportamento e a aprendizagem coadunam com os preceitos militares de aprimoramento da essência humana.

Na Atividade de Campanha, disciplina prática já citada em outros capítulos, um dos objetivos esperados durante a fase de formação, é que o aluno alcance ao final da atividade, por exemplo, o que é chamado “espírito de corpo”, um atributo muito cultuado no âmbito militar, que significa, como já exposto anteriormente, senso de grupo, companheirismo, coleguismo. Neste momento, é dada ao discente a chance de acessar seu cabedal de competências, usufruindo de suas inteligências inter e intrapessoal. Mesmo que ele não as tenha ainda bem desenvolvidas, poderá utilizar o “ambiente de apoio” como momento oportuno para conhecê-las, experimentá-las ou aperfeiçoá-las.

As inteligências pessoais representam o desenvolvimento de dois aspectos da natureza humana. De um lado, há o desenvolvimento dos potenciais internos de uma pessoa, denominado inteligência intrapessoal. Em sua forma mais primitiva, a inteligência intrapessoal equivale a pouco mais do que a capacidade de distinguir um sentimento de prazer de uma de dor e, com base nesta discriminação, tornar-se mais envolvido ou retrair-se de uma situação. Em seu nível mais avançado, o conhecimento intrapessoal permite que sejam detectados e simbolizados conjuntos de sentimentos altamente complexos e diferenciados.

Por outro lado, a capacidade do ser humano de “voltar-se” para outros indivíduos, é denominada inteligência interpessoal. O sentimento central aqui é o de saber observar e fazer distinções entre outros indivíduos e, em particular, entre seus humores, temperamentos, motivações e intenções.

No caso do contexto educacional militar verifica-se que, muitas vezes por meio das instruções formais, dos costumes e de outras formas simbólicas, características da cultura em questão, os indivíduos podem sofrer contribuições em seu crescimento e na discriminação sobre seus próprios sentimentos ou sobre os sentimentos das outras pessoas em seu meio. Em outros casos, o próprio aluno pode empenhar-se mais para ver nascer suas habilidades. Logicamente não existem formas fidedignas para medir o sucesso do “treinamento das inteligências pessoais”, no entanto, ao compreendermos o amplo espectro de competências humanas, dentro do modelo das inteligências múltiplas facilitamos a exploração de uma vasta gama de atividades afetivas, sociais e emocionais no aprendiz.

A partir deste ponto, é possível refletir sobre a importância das emoções na esfera educativa, e especificamente em um ambiente de aprendizagem, como forma de direcionamento acertado para o desenvolvimento de atributos no âmbito social e emocional.

Outra grande contribuição no universo das inteligências emocional e social, Daniel Goleman<sup>13</sup> (1995), mapeia o que ele chama de Inteligência Emocional, destrinchando-a em cinco áreas de habilidades ou competências: autoconhecimento emocional; controle emocional, automotivação; reconhecimento de emoções em outras pessoas e habilidade em

---

<sup>13</sup> Daniel Goleman nascido nos EUA, em 1946, é psicólogo, jornalista, escritor de renome internacional, autor do Best-seller: Inteligência Emocional.

relacionamentos interpessoais. No autoconhecimento temos o conhecimento que o ser humano tem de si próprio, incluindo seus sentimentos e intuição, podendo ser também chamado autoconsciência. Já o controle emocional seria a capacidade do sujeito gerir as emoções, canalizando-as para uma manifestação adequada em cada situação. A automotivação permite ao indivíduo direcionar as emoções para o andamento de objetivos estabelecidos. Na empatia, o fundamental é reconhecer as emoções no outro e saber colocar-se no seu lugar, compreendo-o melhor para uma boa relação (aqui também poderíamos pensar, numa inteligência social ou interpessoal). E finalmente a aptidão e facilidade em gerir relacionamentos pessoais (da mesma forma é possível pensar em inteligência social ou interpessoal). De acordo com Goleman (1995), todas estas aptidões podem ser ensinadas proporcionando uma melhor oportunidade de empregar qualquer potencial intelectual genético.

No caso do grupo da pesquisa, as competências da *Inteligência Lógico-Matemática*, por exemplo, já apresentam-se claramente pela conquista da aprovação em um dos vestibulares mais concorridos e difíceis do país. No entanto, o que se percebe é que inúmeras são as habilidades que podem ser exploradas, pois em grande parte os jovens anseiam por desafios, desde que bem orientados é claro. Assim, para tornar a Atividade de Campanha de fato um bom ambiente de estímulos para estes alunos, proporcionando-lhes aprendizagem e desenvolvimento, é preciso avaliar estratégias de aprimoramento deste exercício, a viabilidade de alcance dos objetivos propostos e principalmente comunicar ao público alvo o que é esperado deles.

Falando em ambiente de apoio, Goleman (1995) também se refere ao que ele chama “Inteligência Social”, como sendo a habilidade de entender e reagir adequadamente ao seu meio social e desenvolver relações saudáveis e produtivas. Para ele, com base na neurociência, a inteligência social consiste da percepção social pelo indivíduo, incluindo aspectos da inteligência emocional, como a empatia, por exemplo, ou seja, competências interpessoais. E algumas faculdades sociais, como por exemplo, capacidade de influenciar o outro e dele obter atenção, como já foi dito, gerir relacionamentos pessoais. De fato as inteligências emocional e social se coadunam e se complementam. Numa análise prática, é possível entender as inteligências interpessoais como sendo mais voltadas ao âmbito social, enquanto que as inteligências intrapessoais, mais direcionadas ao âmbito emocional e pessoal.

No entanto, não existe oficialmente uma distinção clara sobre estes dois universos, sendo usualmente muito mais pronunciado o termo inteligência emocional para todos os aspectos referentes ao comportamento do sujeito com ele mesmo, com o outro e com o meio.

De qualquer modo, perceber, usar, entender e controlar as emoções seja consigo mesmo ou com o outro, ou ainda com o ambiente em que se esteja inserido, ou seja, todo este grupo de ações é a maior responsável pelo verdadeiro sucesso ou insucesso dos indivíduos em suas vidas pessoal, emocional, social, profissional. Por isso, pensar em estratégias de aperfeiçoamento destas aprendizagens, dentro de um ambiente de formação militar, é refletir em como contribuir para suas qualidades de vida e preparação destes jovens para a vida.

### **Contribuição da neurociência para o campo das aprendizagens**

Até aqui vimos alguns temas de importância para entender os processos de aprendizagem e formação dos sujeitos no que se refere à expansão da inteligência. Percebemos que as áreas cognitiva, afetiva, social, emocional e motora dos indivíduos fazem parte do mesmo processo educacional, embora possuam metas e objetivos diferenciados, mas que podem ser integralizar. Ao mesmo tempo pelo viés da compreensão do humano vimos à relevância da consciência, por parte dos agentes formadores, da existência de um espectro de potencialidades que os sujeitos carregam em seu cabedal pessoal. Somando-se a isso, vimos o papel de destaque das emoções, do afeto (ou afetividade) e da importância do meio ambiente neste processo de formação, constituição, amadurecimento e evolução do ser humano.

No entanto, para o entendimento total do ser, neste caminho de crescimento, além de olharmos para o social e para a mente, necessitamos também dar especial atenção aos processos cerebrais. Este, sendo uma estrutura natural responsável por aprender, tem sido atualmente foco de diversos estudos, principalmente no campo das aprendizagens. Um terreno fértil para a convergência entre a neurologia, psicologia e pedagogia.

Novos estudos apontam que o “aprender” é fruto da neuroplasticidade e que o cérebro humano está em constante reestruturação e reorganização. Novos conjuntos de ideias sobre o desenvolvimento podem redirecionar os caminhos das aprendizagens. Diante deste panorama segundo Cosenza (2011, p.7)

Educadores- professores e pais- assim como psicólogos, neurologistas ou psiquiatras são, de certa maneira, aqueles que mais trabalham com o cérebro. Mais do que intervir quando ele não funciona bem, os educadores contribuem para a organização do sistema nervoso do aprendiz e, portanto, dos comportamentos que ele apresentará durante a vida. E essa é uma tarefa de grande responsabilidade! Portanto, é curioso não conhecerem o funcionamento cerebral.

Neste caso é válida a reflexão sobre como o sujeito aprende, e, sobretudo como e sobre o quê ele está sendo ensinado.

Ainda na linha da neurociência, outra possibilidade de estudo tem sido apontada como uma nova proposta pensada entre a comunicação desta com a educação, a neuroeducação. De acordo Zaro et al (2010, p 202)

[...] buscar explicações sobre o papel das emoções no aprendizado, nos processos de tomada de decisão e nas várias possibilidades de motivação dos alunos para o aprendizado. Já para os educadores, estas informações seriam usadas para melhorar suas práticas em sala de aula. Poderiam, por exemplo, aproveitar o conhecimento já consolidado sobre as mudanças neuronais que ocorrem no cérebro, durante o aprendizado (área de pesquisa das neurociências) e as técnicas e métodos de observação e documentação dos comportamentos observáveis (área de pesquisa da psicologia) para fundamentar de forma consistente e verificável a eficiência de tais práticas [...]

A educação aliada à neurociência pode encontrar respostas para uma aprendizagem efetiva experimentando formas mais eficazes de ensino-aprendizagem e desenvolvimento. Os estudos atuais sobre a mente, o cérebro e os processos neurais envolvidos na aprendizagem têm possibilitado o esclarecimento de explicações e uma melhor compreensão da ciência da educação. As investigações multidisciplinares e interdisciplinares com a contribuição científica estão revitalizando os espaços educacionais e as práticas educativas. Nesse sentido Fonseca (2009, p 62) sugere:

Compreendendo como tais processos evoluem e se inter-relacionam sistemicamente no cérebro, estaremos certamente mais próximos do que são efetivamente as funções cognitivas da aprendizagem, podendo, por esse meio, identificar os obstáculos que a bloqueiam ou prevenir disfunções ou dificuldades que a impedem de florescer.

Reconhecer que as estruturas e processos cerebrais são mediadores do comportamento, e que as descobertas sobre a neuroplasticidade e a melhor compreensão das funções mentais, influenciam a prática educacional, apontam para novas formas de ensinar.

Nesta perspectiva o cérebro pode ser considerado como o órgão da aprendizagem. Pesquisas científicas mostram que o amadurecimento do neurônio tem como consequência a formação de sinapses e que diversos fenômenos promovem uma reorganização constante onde a aprendizagem interfere diretamente neste processo. Estendendo os conceitos aplicados a um único neurônio para vários grupos de neurônios, projetamos uma noção do que é capaz o cérebro humano. Estas características sugerem que o cérebro humano foi concebido para a aprendizagem e adaptações que assegurem a sobrevivência do indivíduo. As habilidades mentais como a consciência, o pensamento, a experiência subjetiva do existir, permitem ao ser humano por meio da cultura tornar-se humano. Consequentemente, não existiria cultura sem o cérebro humano. A mente humana surge e se afirma na existência da relação cérebro-cultura. Estes elementos são interdependentes e estão presentes na prática educativa.

Surge então a idéia do cérebro social, corroborando, como já exposto anteriormente com a teoria walloniana, que recupera o orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que indica que o meio social vai gradativamente transformando a afetividade orgânica, “moldando-a” e tornando suas manifestações cada vez mais sociais.

Neste sentido os comportamentos sociais vão se explicar, em última análise pelo funcionamento cerebral. É o cérebro como substrato biológico que condiciona social e psicologicamente o ser humano. A mente humana é a base para as representações sociais e coletivas que confere a subjetividade do indivíduo, e que de acordo com Wallon (2008,[1941]) tal processo de desenvolvimento ocorre na integração do orgânico com o meio, que em sua teoria é sempre predominantemente social

Os conhecimentos atuais da neurociência sugerem que o ser humano é, ao mesmo tempo, agente e pensante, e os exames funcionais de imagem cerebral permitem associar as funções mentais com o funcionamento de circuitos neuronais que se interligam a partir de diversas áreas cerebrais. Permite-se então pensar o cérebro como elemento fundamental da sociabilidade humana, ou seja, um cérebro social.

De acordo com Cozolino (2013) nossos cérebros exigem estimulação e conexão para sobreviver e progredir. Um cérebro sem conexão com outros cérebros e sem desafio suficiente vai encolher, e eventualmente morrer, além disso, o ambiente principal do cérebro humano é a nossa fonte de relações sociais, que apresentam como resultado, emoções positivas,

neuroplasticidade e aprendizagem. Dessa forma é interessante notar que remontando ao ambiente foco da pesquisa, um aspecto fundamental da neurociência ou neuroeducação aparece como característica central da formação militar: as experiências socioemocionais.

Todo o circuito apresentado até aqui pela presente pesquisa sinaliza o quão favorecedora pode ser a atividade educacional militar para aperfeiçoar o desenvolvimento dos aspectos socioemocionais dos alunos. Além disso, é possível valorizar as atividades práticas como forma de potencializar o espectro de competências deles.

Ainda por meio de ações pedagógicas bem direcionadas, também é viável, fortalecer o cenário da Atividade de Campanha como ambiente social favorável para que os aprendizes possam desenvolver e equilibrar as capacidades de seus hemisférios cerebrais.

Diante de todo este panorama, logicamente a neurociência não se propõe a apresentar um manual técnico de estratégias pedagógicas. Este é provavelmente o grande desafio dos agentes educadores. No entanto, frente a todo conjunto de conhecimentos sobre o melhor aproveitamento do funcionamento do cérebro em relação à aprendizagem, já garantimos uma valiosa ferramenta de reflexão e o aumento de possibilidades produtivas no âmbito educacional.

Assim, por exemplo, ao sabermos, com base em estudos neurocientíficos, sobre a existência de uma reciprocidade entre um ambiente estimulante e o aumento de conexões entre as células cerebrais (chamadas sinapses), aprendemos que a evolução do cérebro deriva da complementação entre o corpo e o meio social. Portanto, como já foi dito anteriormente, além de estarmos atentos ao espectro de competências que os discentes carregam em seu arcabouço pessoal, sendo mais bem aproveitados no cenário educativo, também precisamos potencializar a integração desses aprendizes ao contexto de aprendizagem.

No caso da presente pesquisa, a descoberta se a Atividade de Campanha pode ou não ser considerada um ambiente de apoio para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos foi apontado ao final do trabalho. No entanto, minimamente, observou-se ter iluminada ao fim do trabalho a necessidade de se valorizar o efeito deste meio sobre estes jovens, e conseqüentemente, a vantagem de se repensar um melhor aproveitamento desta atividade, com vistas a interferir ativa e positivamente na qualidade de vida destes futuros adultos.

## **METODOLOGIA**

### **Método da pesquisa**

O objetivo desta pesquisa foi identificar a relação entre uma atividade prevista na grade curricular de um curso de formação militar e a contribuição (ou não) no desenvolvimento de competências ou habilidades socioemocionais nos alunos.

Para atingir tal objetivo, esta pesquisa foi desenvolvida através da abordagem metodológica do estudo de caso. Esta abordagem permitiu uma melhor compreensão das questões da pesquisa, além de retratar a realidade de forma completa, mostrando uma representação significativa do contexto social investigado, e iluminando possíveis caminhos.

Foi utilizada técnica quantitativa para coleta e análise de dados, tendo sido realizada uma análise comparativa das percepções de discentes antes e após a instrução bem como das percepções prévias dos docentes.

### **Instrumentos de Coleta de Dados**

Para a fase de investigação foram escolhidos os seguintes instrumentos:

1. Escala de Atitudes – esta escala foi construída pela pesquisadora especificamente para este público alvo (Anexo2);
2. Quadro de Instruções - Oficinas ocorridas durante a Atividade de Campanha (Apêndice 2);
3. Ficha de Crítica da Atividade de Campanha (Apêndice 3);
4. Escala de Atitudes - Habilidade Emocional (Apêndice 4);
5. Escala de Atitudes – Habilidade Social (Apêndice 5).

### **Escala de Atitudes**

Na escala de Atitudes (Apêndice 1) desenvolvida pela pesquisadora, por meio de uma pré-sondagem, informal, sobre quais as expectativas dos participantes em relação à

experiência da Atividade de Campanha, foram construídos um total de 44 itens, sendo contemplados aspectos, tanto positivos quanto negativos, relacionados aos comportamentos de caráter social e emocional do universo de formação militar. Os 44 itens foram dispostos em uma ficha com orientações sobre o preenchimento, onde a questão apresentada foi: “A Atividade de Campanha é/foi uma oportunidade para” sendo utilizadas as opções NÃO, e SIM com variações de baixo, médio e alto. Sendo a mesma ficha apresentada aos discentes antes e depois da Atividade de Campanha, e aos docentes apenas antes. A escala obteve um coeficiente alfa de Cronbach equivalente a 0,89 para a escala que foi apresentada antes e, 0,94 para a escala que foi apresentada depois, mostrando sua adequação a esta amostra.

### **Quadro de Instruções**

Dentro do cenário da Atividade de Campanha, os alunos percorrem um circuito de 15 oficinas. O objetivo de elencar as oficinas que compõe a Atividade de Campanha foi investigar as possibilidades de ganho nos aspectos social e emocional em cada uma delas para os alunos, além da aprendizagem técnica ou de aquisição de novos conhecimentos.

Tais oficinas são:

Marcha e Estacionamento

Segurança do Acampamento

Preparação da Ração

Pista de Obstáculos

Abrigos Improvisados

Obtenção de Água e Fogo

Nós e Amarrações

Ofidismo

Transporte de Feridos

Armadilhas

Orientação

Alimentos de Origem Animal e Vegetal

Camuflagem

Silenciamento de Sentinela

Sobrevivência

### **Ficha de Crítica da Atividade de Campanha**

A Ficha de Crítica da Atividade de Campanha (Apêndice 3), foi aplicada com o objetivo de verificar a opinião dos alunos sobre o referido exercício com vistas ao aperfeiçoamento das instruções. Foram indagados aspectos tais como: 1) A importância da atividade de campanha, com as opções – fundamental; média; bom como cultura geral; sem importância. 2) Conhecimento anterior dos assuntos ministrados – nenhum; superficial; amplo. 3) Assimilação dos assuntos ministrados – somente dos assuntos mais importantes; de algumas partes; nada foi assimilado. 4) Duração (tempo) do acampamento no contexto geral – adequada; excessiva; insuficiente. 5) Duração (tempo) das instruções em cada oficina – adequada; excessiva; insuficiente. 6) Estrutura do acampamento – excelente; adequada; insuficiente. 7) Material utilizado – facilitaram a compreensão; foram utilizados em demasia; não influíram na compreensão dos assuntos. 8) Técnicas utilizadas nas instruções em cada oficina (demonstração, aula expositiva etc) – excelentes; adequadas; insuficientes. 9) Nível dos Instrutores – excelente; normal; baixo. 10) Nível dos Instrutores – excelente; normal; baixo. 11) Aproveitamento das atividades no contexto geral (teria sido melhor se) fossem feitas mais demonstrações; fosse dada oportunidade de fazer mais perguntas; houvesse um melhor relacionamento entre instrutor e aluno. 12) Aproveitamento das instruções nas oficinas (teria sido melhor se) fossem dados mais exemplos; fosse dada a oportunidade para fazer mais perguntas; houvesse um melhor relacionamento entre instrutor e aluno. 13) Atividades que você mais gostou. 14) Atividades que você menos gostou.

### **Escala de Atitudes – Habilidade Emocional e Social**

A partir da Escala de Atitudes (Apêndice 1) original composta por 44 itens diversos, foram depurados, para melhor interpretação das respostas voltadas ao foco da pesquisa, os aspectos mais relacionados com os fatores emocional e social.

## **Sujeitos e Local**

Foram participantes desta pesquisa 160 jovens acadêmicos de engenharia, de ambos os sexos, que estavam entre 17 e 23 anos. Também participaram do trabalho 25 instrutores militares, de ambos os sexos, envolvidos com a coordenação e execução da Atividade de Campanha. A coleta dos dados foi realizada em ambiente militar de formação.

## **Procedimentos de Coleta de Dados**

A coleta de dados foi administrada por esta pesquisadora ao conjunto total do grupo pesquisado na própria organização em ambiente acadêmico. A sequência da pesquisa ocorreu da seguinte forma:

1. Recepção dos sujeitos/participantes;
2. Apresentação dos objetivos da pesquisa, mostrando que o real propósito é analisar o processo e não o sujeito;
3. Esclarecimento das questões éticas garantindo o anonimato dos participantes, bem como o direito ao acesso às informações, sem ônus e sem bônus financeiro, e desistência de participação a qualquer tempo, além da não obrigatoriedade de participação;
4. Esclarecimento sobre o acesso desta pesquisadora aos registros acadêmicos, para simples mapeamento dos dados sociodemográficos, devidamente autorizados pelos participantes através do TCLE;
5. Entrega e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (incluindo leitura do protocolo de pesquisa);
6. Levantamento das expectativas dos participantes em relação ao curso, que foram o ponto de partida para elaboração da **Escala de atitudes**;
7. Construção do instrumento – Escala de atitudes (expectativas):

**1ª fase** - listagem de todas as expectativas

**2ª fase** - separação das respostas

**3ª fase** – avaliação dos juízes (pesquisadora e orientadora) + (comandante e instrutores) avaliação de todas as respostas.

8. Aplicação da Escala de Atitudes antes e depois da Atividade Campanha para verificação da promoção ou não dos atributos socioemocionais;

9. Aplicação, da ficha de crítica da Atividade de Campanha, após a realização deste exercício, para o cruzamento das informações com as respostas da Escala de Atitudes.

### **Cuidados Éticos**

O referido projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por meio do Termo de Compromisso do pesquisador, para analisar a conformidade do mesmo em relação aos critérios da Resolução nº 196/96 da CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa).

Além disso, apresenta-se o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (Anexo 1), também previsto na Resolução supracitada.

A pesquisa ficará disponível aos participantes interessados através de uma reunião de devolutiva dos resultados obtidos.

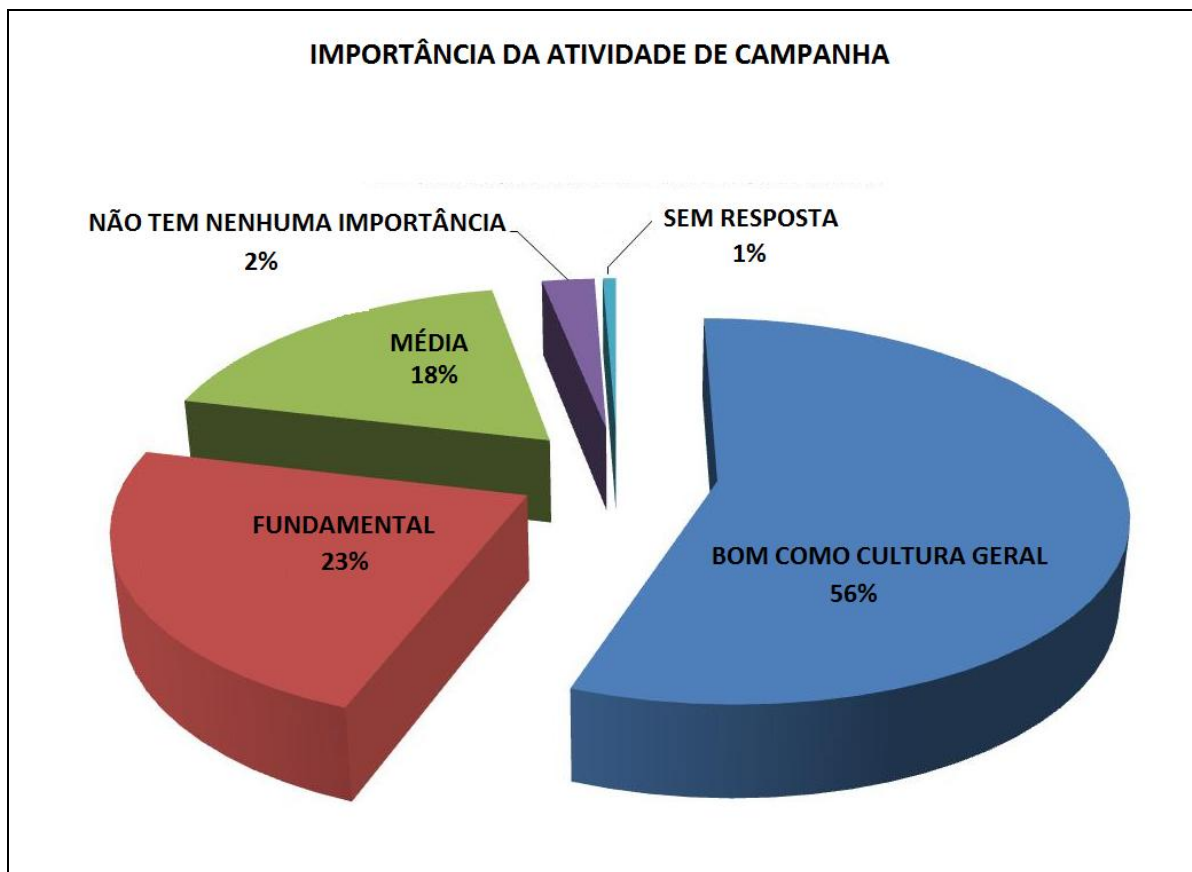
### **Procedimentos de Análise**

Foram realizadas as análises estatísticas dos dados coletados, para o cruzamento geral das informações e verificação das questões levantadas nesta pesquisa.

## RESULTADOS

### Apresentação e Análise dos Resultados

Como já foi mencionado anteriormente, o presente estudo buscou analisar a relação entre a experiência da Atividade de Campanha – atividade prevista em um curso de formação militar – e a possibilidade de desenvolvimento de habilidades ou competências socioemocionais nos alunos que frequentam este curso de formação. Assim, inicialmente, foi importante verificar no Gráfico 1, que traz um panorama mais amplo, como os alunos interpretam a Atividade de Campanha.



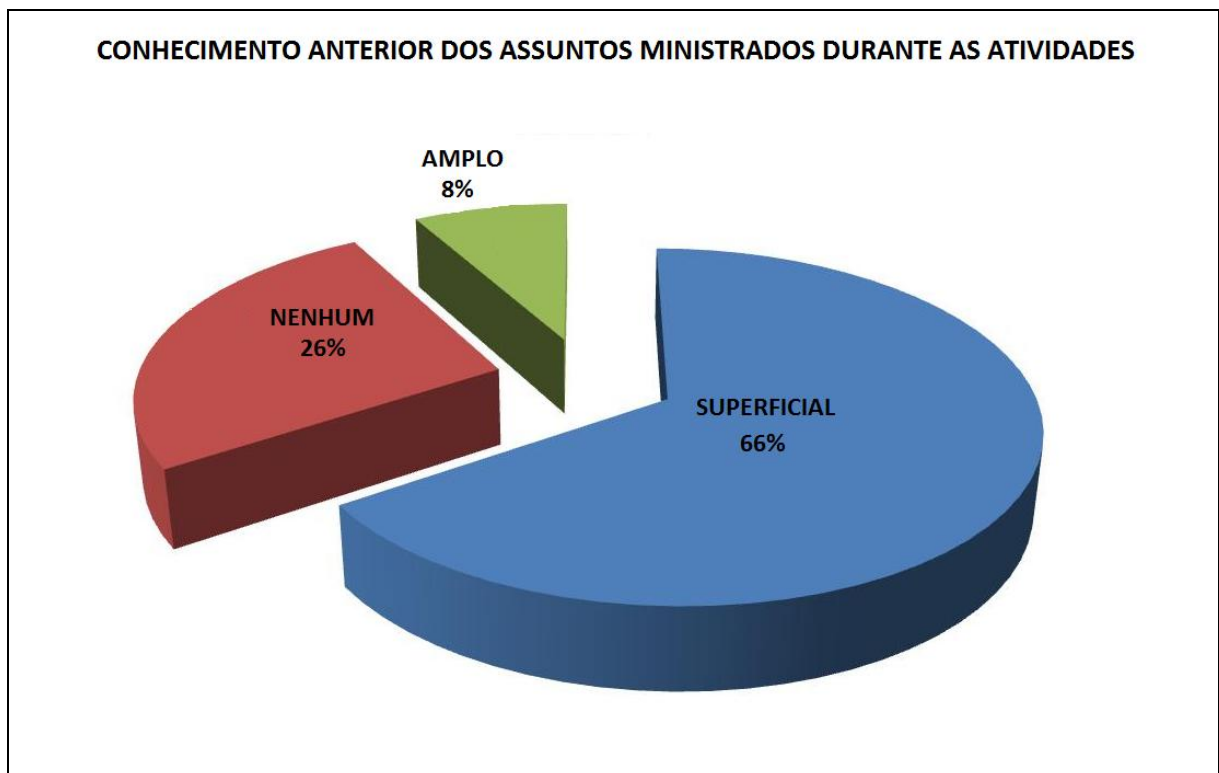
**Gráfico 1** - Importância da Atividade de Campanha

**Fonte:** Elaborado pelo autor

O que foi possível observar é que, aproximadamente metade do grupo de alunos, considera a Atividade de Campanha um exercício que serve como cultura geral, de certo pelo

conjunto de oficinas e ações que eles experimentam, e que para a maioria aparecem como “novidade”. No entanto o aspecto mais relevante deste gráfico é que ele sugere que apenas 2% da turma não reconhece tal experiência como significativa, enquanto que a outra metade está dividida entre uma importância média e fundamental. Portanto, é possível deduzir, numa visão geral que a maioria dos jovens não emprega um olhar negativo para a atividade em questão.

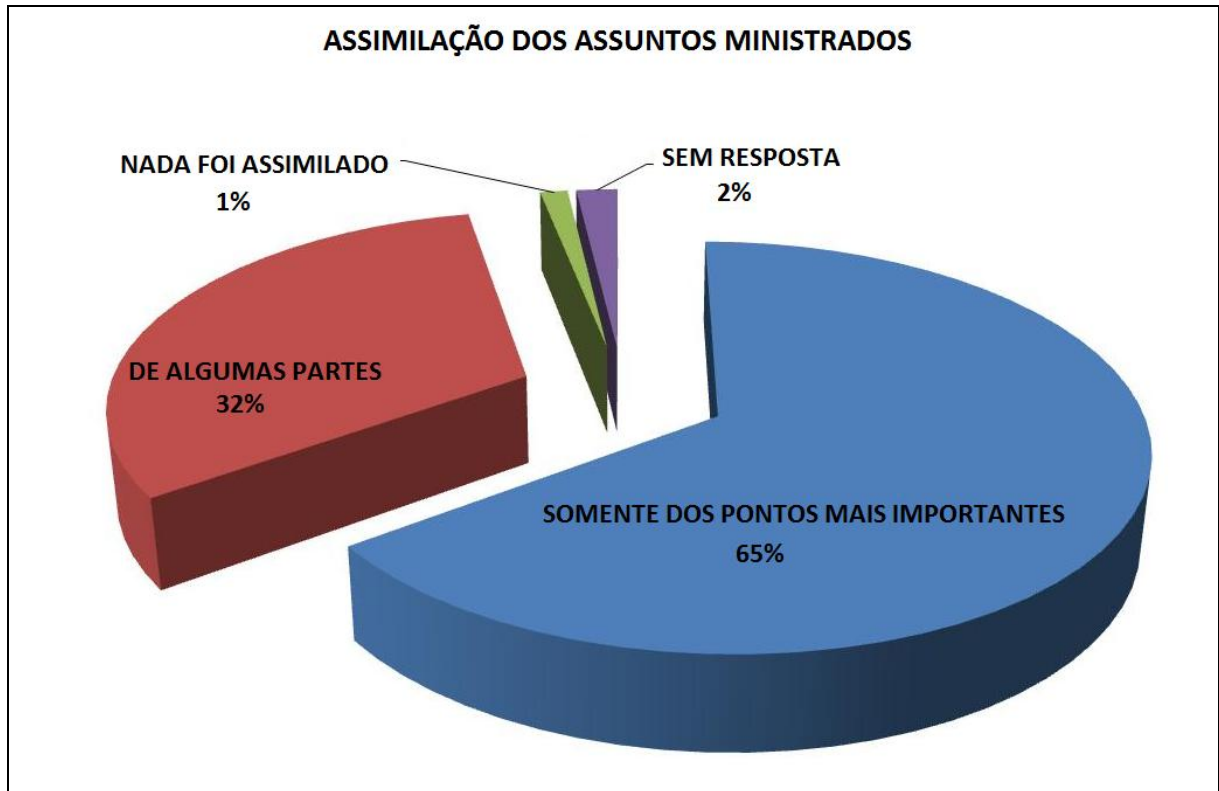
No Gráfico 2 o que se propôs confirmar foi o caráter de “novidade” em relação aos conteúdos das oficinas e atividades.



**Gráfico 2** - Conhecimento anterior dos assuntos ministrados durante as atividades  
**Fonte:** Elaborado pelo autor

De fato o que se constata é que a maioria dos discentes não possui um prévio conhecimento dos temas com os quais eles têm contato durante o exercício. Neste caso, é possível manter e cultivar o espírito da curiosidade e desafio tão peculiar no público da pesquisa.

Outro aspecto apresentado foi o nível de absorção de todo o conhecimento transmitido aos alunos durante às atividades, como mostra o Gráfico 3.

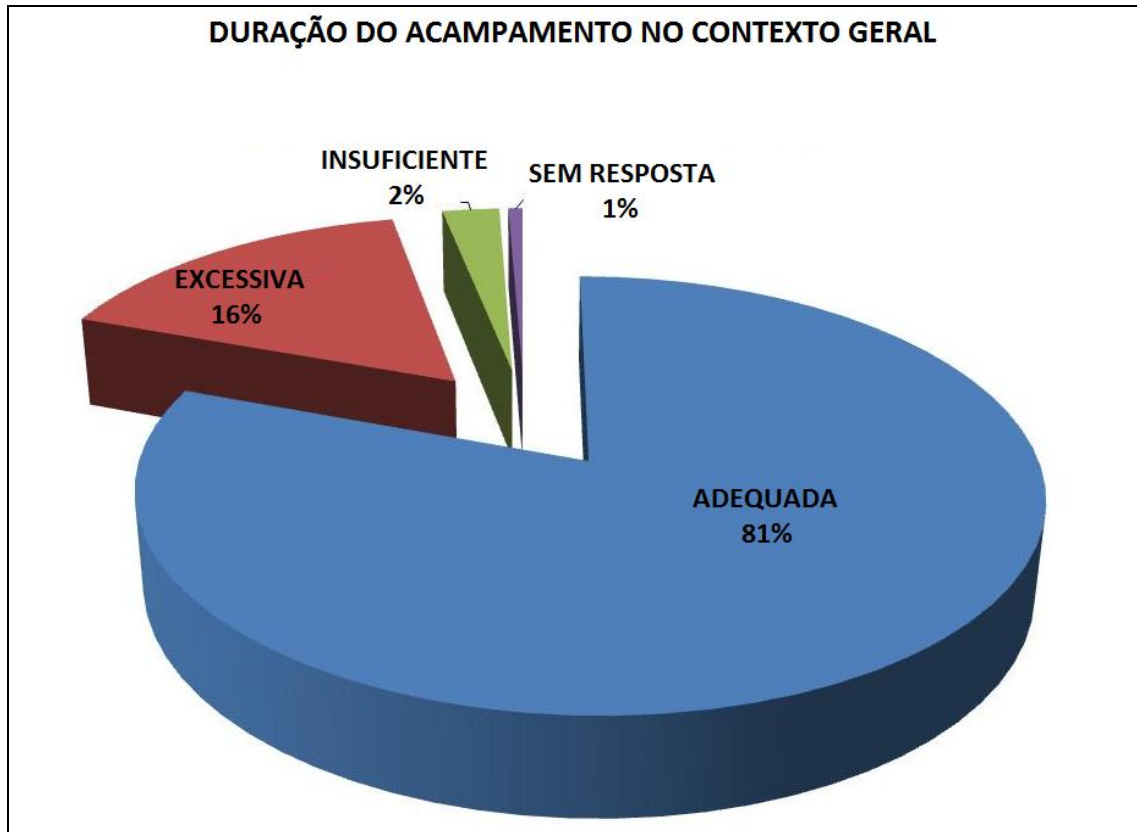


**Gráfico 3** - Assimilação dos assuntos ministrados

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Logicamente, o que nos é revelado na figura acima é que os instruídos mantêm a atenção somente às informações que lhe trazem algum significado. Seja por conta de algum interesse pessoal, ou mesmo, apenas despertada certa curiosidade sobre o assunto. No entanto, o mais relevante diz respeito ao fato de que para apenas 1% dos jovens nada foi assimilado. Ou seja, de um universo de 160 alunos, apenas 2 não conseguiram absorver ou sentir despertado algum interesse, neste caso, mais uma vez é possível considerar que em grande parte a Atividade de Campanha cumpre seu papel didático.

Também foi interessante observar como mostra o Gráfico 4, a opinião dos discentes no que se refere ao tempo em que ocorreu da Atividade de Campanha, e neste sentido vimos que:

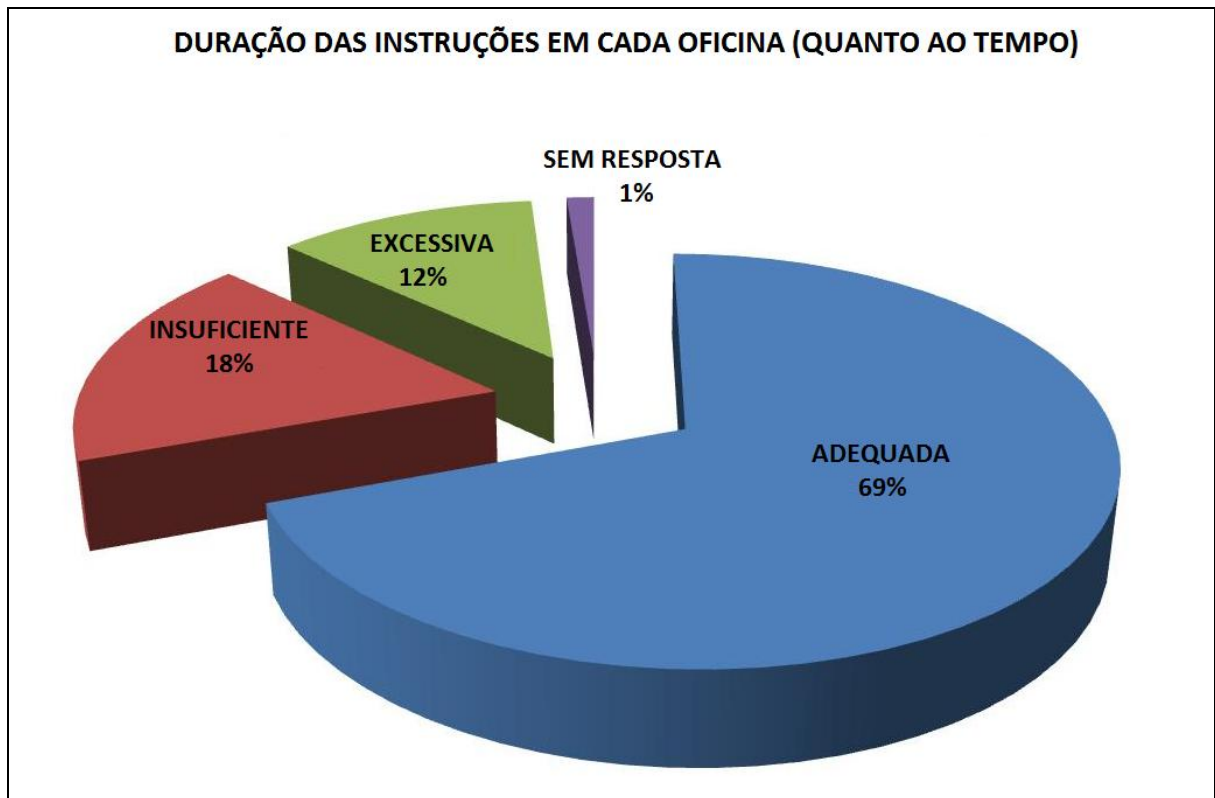


**Gráfico 4** - Duração do Acampamento no contexto geral

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A Atividade de Campanha é uma atividade que ocorre em todas as escolas e centros de formação das Forças Armadas, durante os cursos e estágios. Por muitos é simbolizado como um ritual de passagem do meio civil para o ambiente militar. Porém, de acordo com especificidade de cada grupo em formação, a Atividade de Campanha pode variar em níveis de dificuldade e tempo de duração. No caso da presente pesquisa e para o público alvo em questão (jovens acadêmicos de engenharia de 17 a 23 anos), tal atividade ocorreu num período de três dias e duas noites. No entanto o que chama atenção é que para uma parcela significativa dos alunos, 81%, a duração do exercício de campanha foi considerada adequada, ou seja, o aspecto “cansaço” não aparece como fator de desaprovação, já que apenas 16% consideraram a duração excessiva.

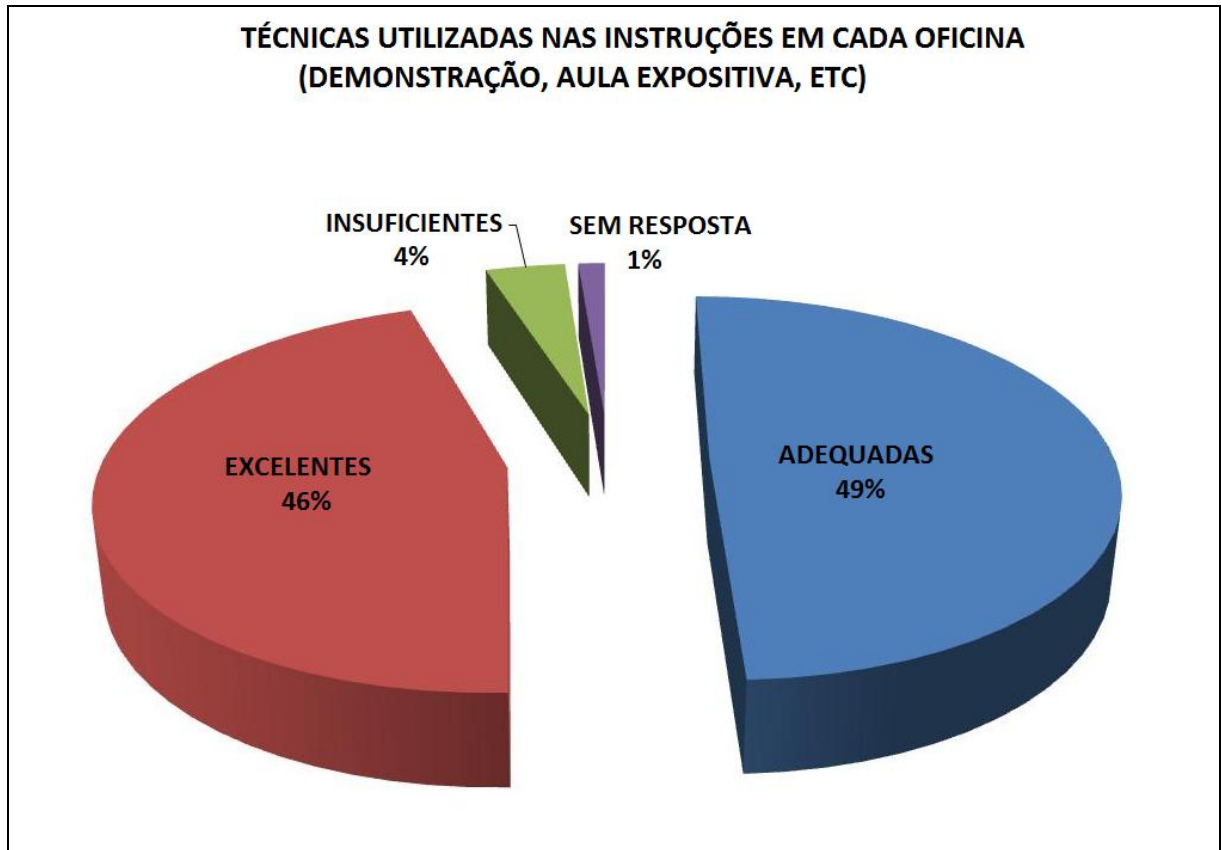
Da mesma forma também foi importante analisar se o tempo que eles passaram em cada instrução foi produtivo como mostra o Gráfico 5.



**Gráfico 5** - Duração das Instruções em cada Oficina (quanto ao tempo)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

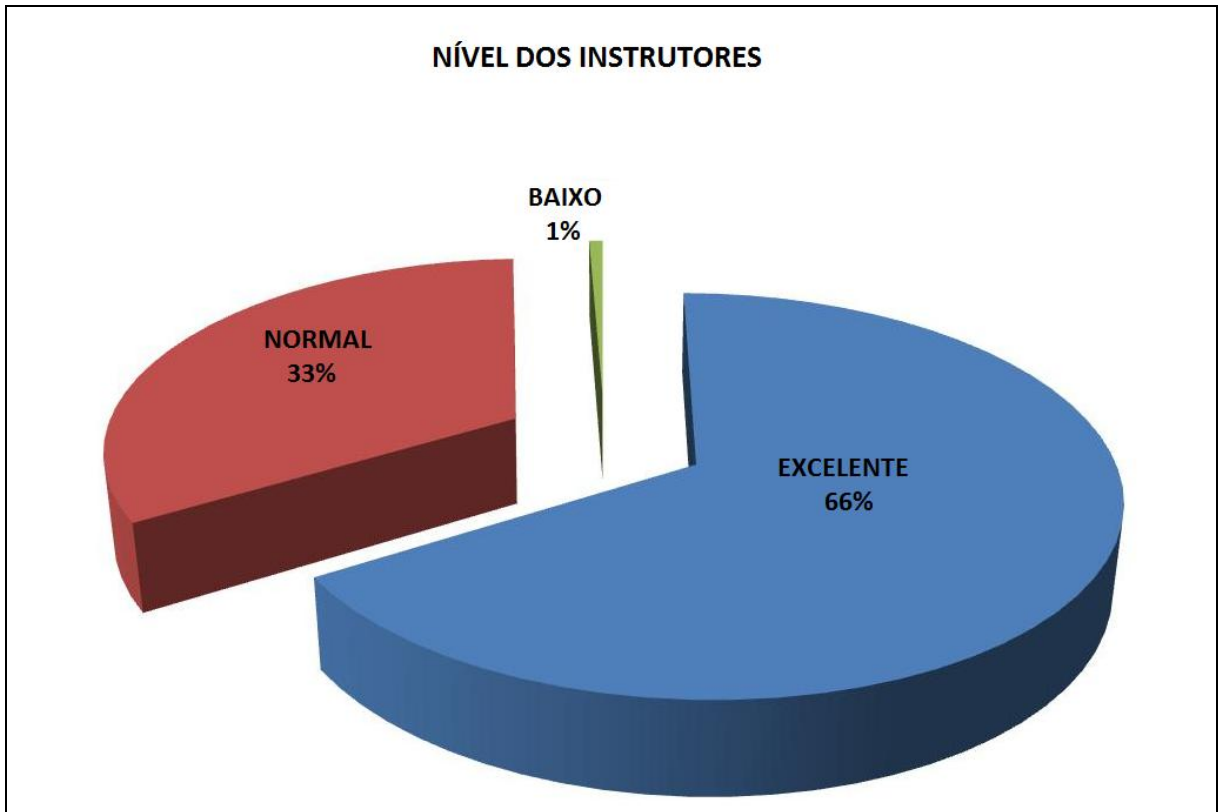
Mantendo um pouco a relação de coerência com a figura anterior, a maioria respondeu que o tempo de duração em cada oficina foi adequado, no entanto, alguns pontos interessantes se apresentam. Em algumas oficinas faltou tempo e em outras sobrou. Ou seja, verificar pedagogicamente quais instruções despertaram mais e menos o interesse do grupo é uma necessidade apontada pelo gráfico, como também as técnicas utilizadas na transmissão do conhecimento e o nível considerado dos instrutores e das instruções, como mostra o gráfico 6 seguir.



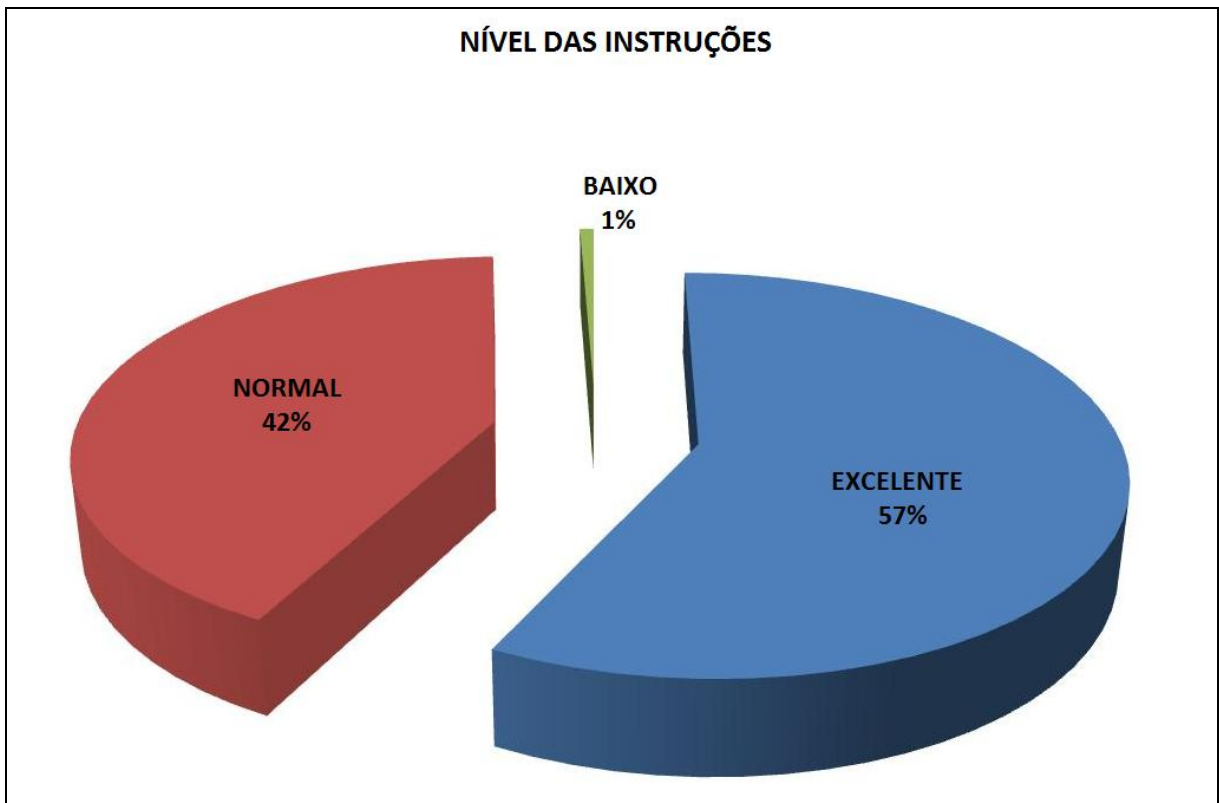
**Gráfico 6** - Técnicas utilizadas das Instruções em cada Oficina (Demonstração, Aula Expositiva, etc)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Como é possível perceber, embora algumas oficinas tenham recebido uma avaliação negativa quanto ao excesso ou falta de tempo, as técnicas didáticas utilizadas pelos instrutores para a transmissão do conhecimento durante as oficinas tiveram uma aceitação entre adequada e excelente, sendo reafirmado quando perguntado sobre a qualidade dos instrutores e das instruções como mostram os gráficos 7 e 8 a seguir.

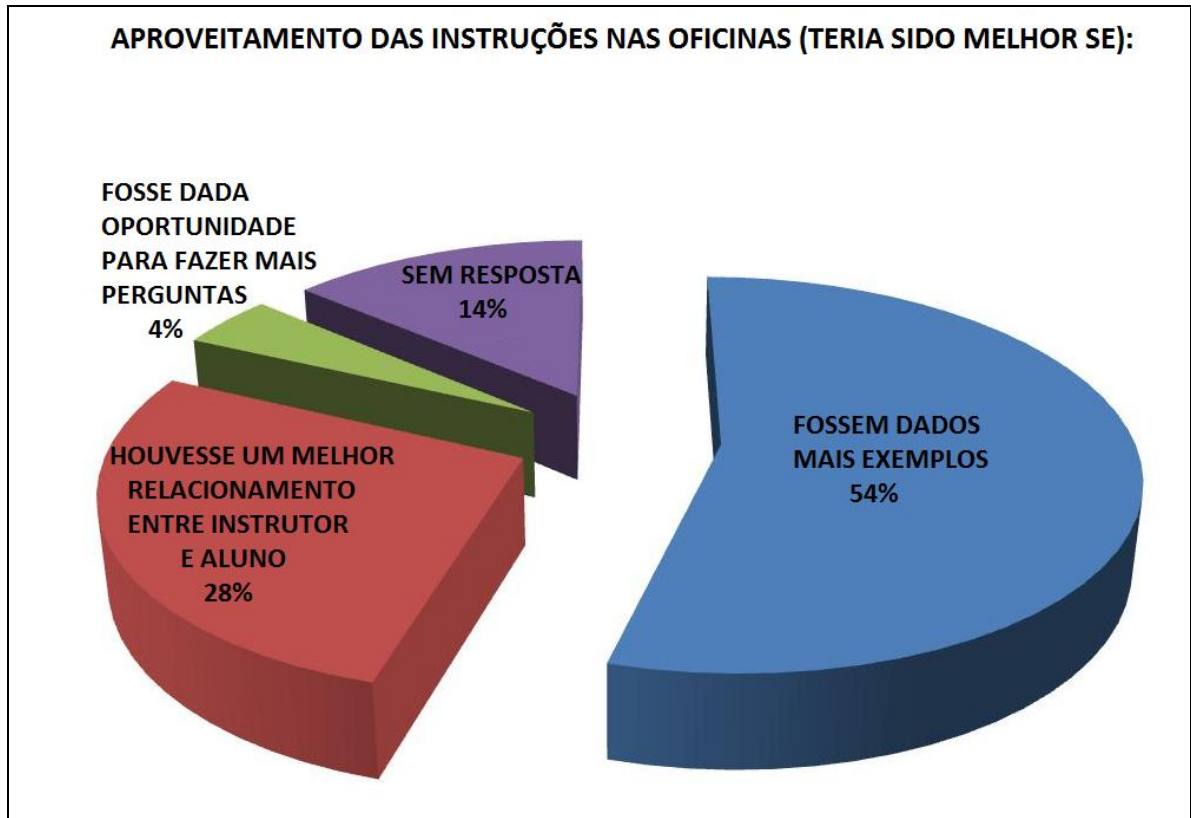


**Gráfico 7** - Nível dos Instrutores  
**Fonte:** Elaborado pelo autor



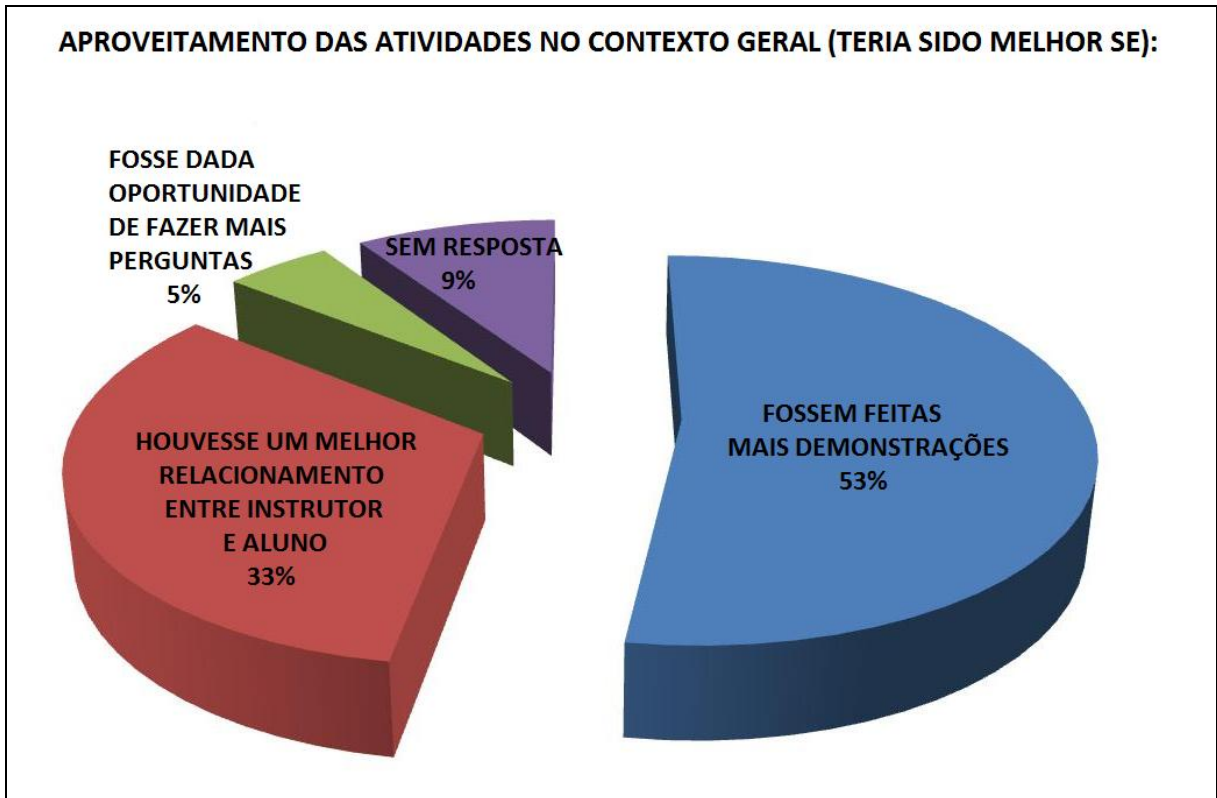
**Gráfico 8** - Nível das Instruções  
**Fonte:** Elaborado pelo autor

Embora as críticas com relação às técnicas e qualidade dos instrutores e instruções tenham sido positivas, também se evidenciou a necessidade de se repensar o aprimoramento da relação instrutor-instruendo e adequação do tempo de algumas oficinas para um melhor aproveitamento do processo ensino-aprendizagem como mostram os gráficos 9 e 10 a seguir.



**Gráfico 9** - Aproveitamento das Instruções nas Oficinas (teria sido melhor se)

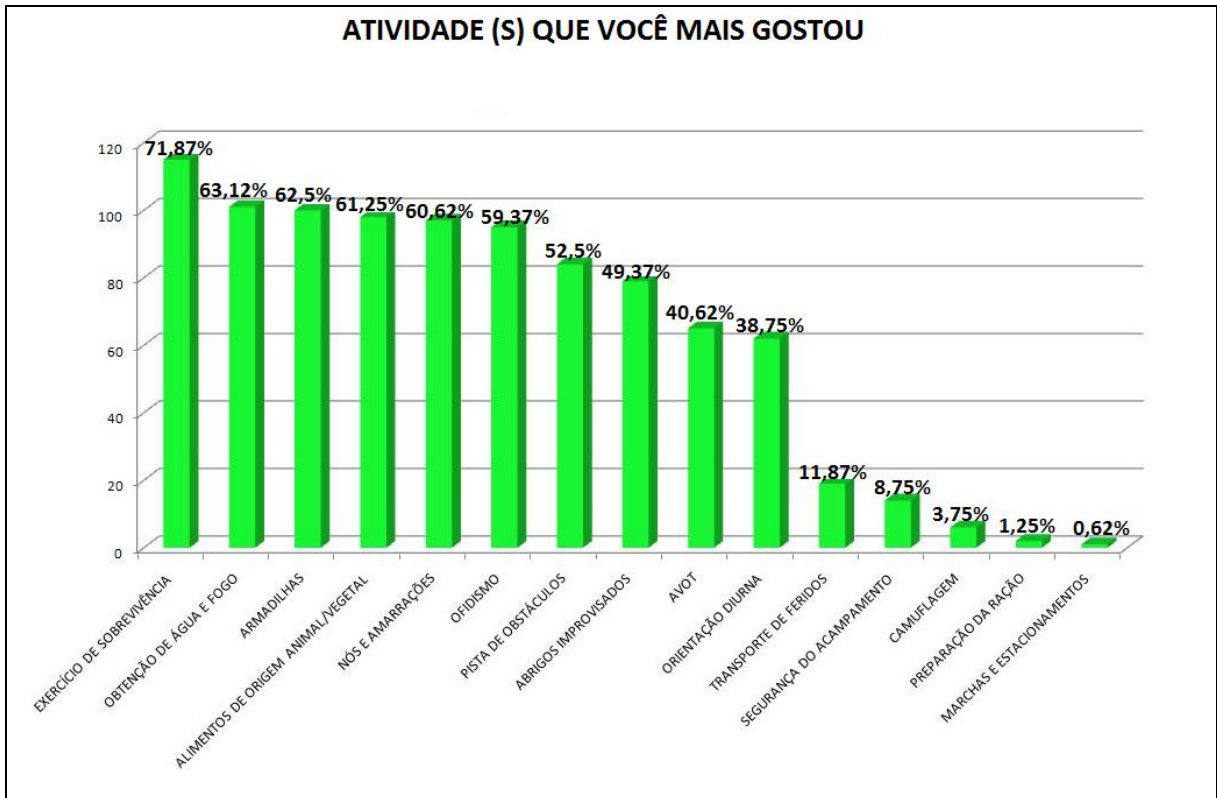
**Fonte:** Elaborado pelo autor



**Gráfico 10** - Aproveitamento das Atividades no contexto geral (teria sido melhor se)  
**Fonte:** Elaborado pelo autor

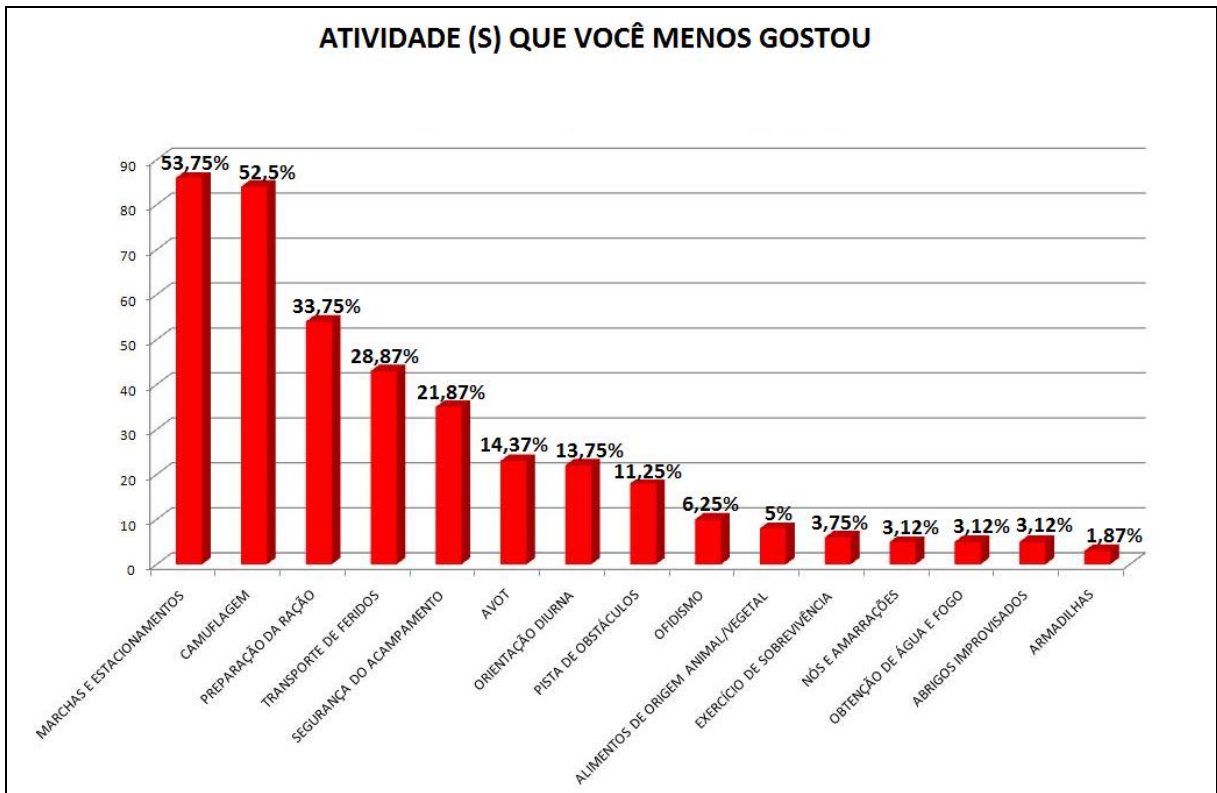
Além disso, como vimos nos gráficos 9 e 10, as opções – fossem dados mais exemplos – e – fossem feitas mais demonstrações – corroboram para os aspectos do interesse e da curiosidade dos jovens da pesquisa talvez pouco explorados durante a Atividade de Campanha.

Assim, para o entendimento geral de toda a dinâmica da Atividade de Campanha, também foi necessário verificar, afinal, quais oficinas se aproximaram mais ou menos do interesse e do gosto dos alunos, e como nos mostram os gráficos 11 e 12 foram:



**Gráfico 11** - Atividade (s) que você mais gostou

Fonte: Elaborado pelo autor



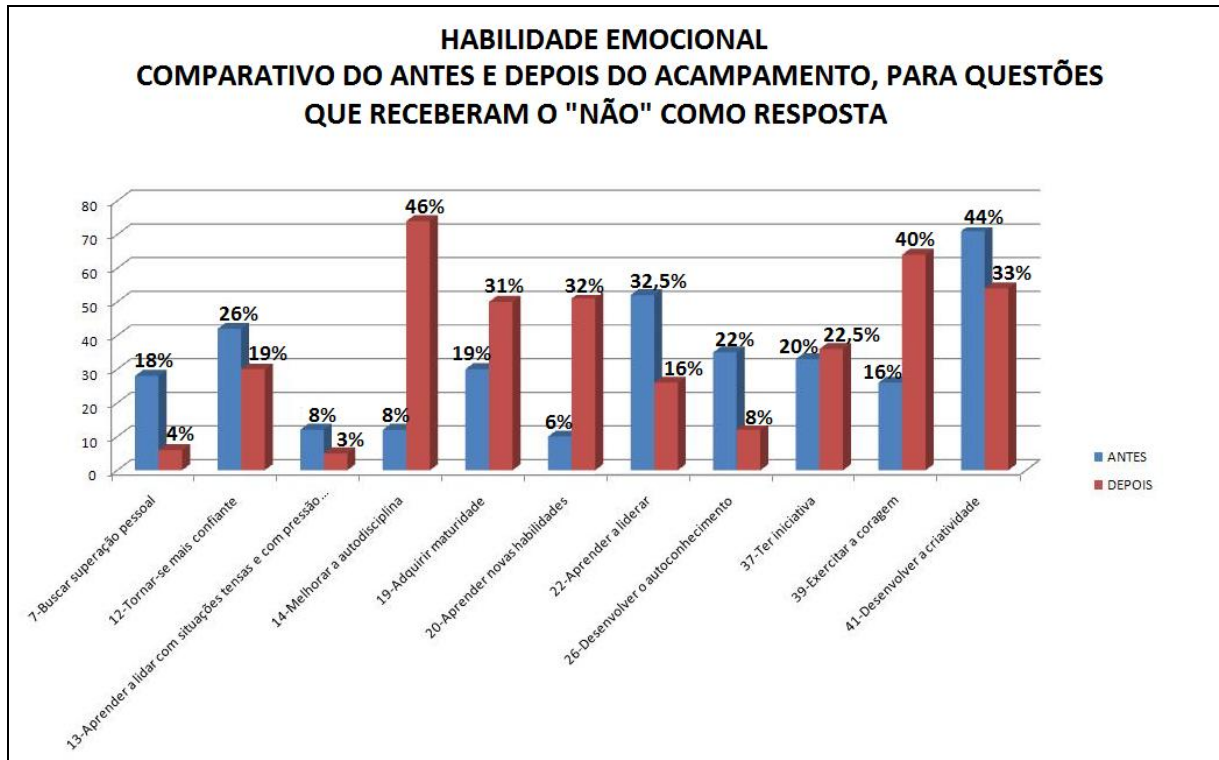
**Gráfico 12** - Atividade (s) que você menos gostou

Fonte: Elaborado pelo autor

Até aqui, partindo da opinião dos alunos, um olhar sobre a Atividade de Campanha de uma perspectiva mais técnico-pedagógica. No entanto, no que tange ao foco da pesquisa, os aspectos relacionados às habilidades emocional e social deveriam também ser identificados. Para tanto foram levantados, a partir da Escala de Atitudes (Apêndice 1), Escala de Atitudes – habilidades Emocionais (Apêndice 4) e Escala de Atitudes – habilidades Sociais (Apêndice 5), dados gráficos conforme foram analisados a seguir.

Após uma depuração da Escala de Atitudes foram extraídos dos 44 itens (Apêndice 1) um conjunto de 11 aspectos (Apêndice 4) que mais se aproximavam do entendimento de habilidade emocional: buscar superação pessoal; tornar-se mais confiante; aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional; melhorar a autodisciplina; adquirir maturidade; aprender novas habilidades; aprender a liderar; desenvolver o autoconhecimento; ter iniciativa; exercitar a coragem; desenvolver a criatividade.

Todos estes aspectos foram verificados antes e depois da Atividade de Campanha, na opinião dos alunos, no sentido de haver possibilidade ou não, de ser e ter desenvolvido tais aspectos. Como nos mostra o Gráfico 13 temos que:



**Gráfico 13** - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “NÃO” como resposta (Habilidade Emocional)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Como podemos perceber, no item 7 – Buscar superação pessoal – 18% da turma (28 de um universo de 160) antes do acampamento acreditavam não ser possível desenvolver tal atributo com o exercício, no entanto após a atividade apenas 4% de alunos (6) continuaram com a mesma opinião negativa, demonstrando que para pelo menos 14% de alunos (22) confirmou-se uma mudança de comportamento e que a atividade serviu para desenvolver tal atitude.

No item 12 – Tornar-se mais confiante – também tivemos, ainda que pequena, uma mudança de opinião em favor da atividade. Dos 26% alunos (42) que antes pensavam que o exercício não favoreceria uma atitude mais autoconfiante, ao menos 7% dos jovens (12) concluíram que após a experiência do exercício tiveram uma nova atitude aprendida.

No aspecto 13 – Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional – do total de 160 discentes, 8% (12) acreditavam não servir a Atividade de Campanha para tal propósito, no entanto passado exercício, apenas 3% (5) dos estudantes ainda mantiveram um visão negativa quanto ao fator adaptabilidade vivenciada durante a atividade.

Com relação ao item 14 – Melhorar a autodisciplina – surpreende o aumento da opção **Não** como resposta, de 8% dos alunos (12) para 46% (74), um aumento negativo de 38%, demonstrando o gráfico que o desenvolvimento deste aspecto precisa ser repensado no contexto da Atividade de Campanha, embora a quantidade de 46% de jovens corresponda a menos da metade, a estatística revela que 62 alunos mudaram de opinião negativamente, sinalizando com isso a necessidade de um aperfeiçoamento das oficinas e do exercício como um todo, já que a autodisciplina é um elemento importante no conjunto das habilidades social e emocional. Da mesma forma, no item 19 – Adquirir maturidade – podemos perceber um aumento das opiniões negativas em 12%, demonstrando que para mais 20 alunos, além dos 30 (19%) iniciais, a Atividade de Campanha não contribuiu para o processo de amadurecimento deles.

O tópico 20 – Aprender novas habilidades – corrobora para o que já havia sido apontado nos Gráficos 5, 9 e 10, ou seja, para os novos 26% de alunos (41) que após a atividade concluíram que o exercício não proporcionou a aprendizagem de novas habilidades, vimos que no Gráfico 5 – Duração das Instruções em cada oficina – embora a maioria dos alunos tenha indicado que o tempo tenha sido adequado, também tivemos opiniões que se dividiram entre insuficiente e excessivo. Já no Gráfico 9 referente ao aproveitamento das instruções nas oficinas, a maioria dos discentes apontou que o rendimento teria sido melhor se fossem dados mais exemplos durante as aulas e no Gráfico 10 com relação ao aproveitamento das atividades no contexto geral do acampamento, também a maioria dos alunos concluiu que teria sido melhor se fossem feitas mais demonstrações. Portanto, é de se esperar que para alguns alunos não tenha ocorrido à oportunidade para uma aprendizagem efetiva de novas habilidades.

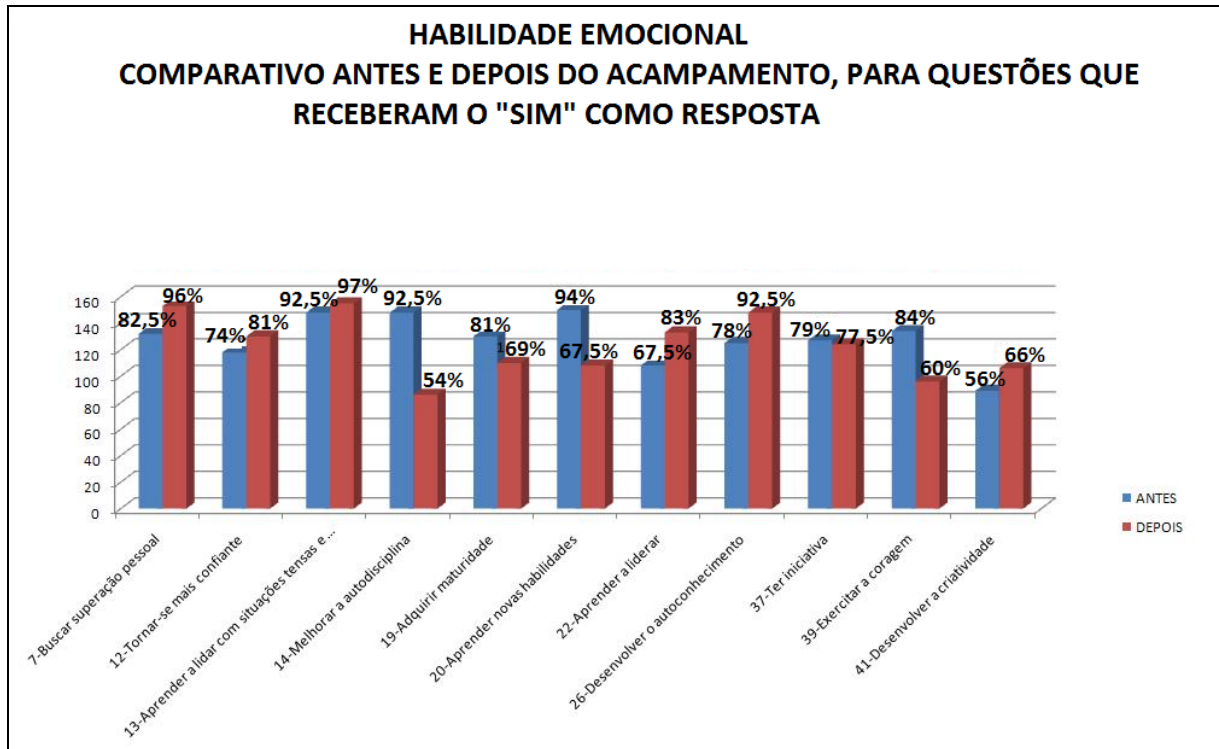
Já no que se refere ao fator 22 – Aprender a liderar – houve um aumento de 16,5% (26) de jovens que tiveram uma mudança de comportamento, pois de uma pré-visão negativa de 32,5% (52) sobre a possibilidade de ter desenvolvido o aspecto da liderança no acampamento, apenas 16% mantiveram a mesma visão após o exercício.

Também positiva foi à visão de 14% de alunos (23) ao acreditarem que após a Atividade de Campanha conseguiram desenvolver o autoconhecimento (tópico 26), já que de um total de 22% (35), apenas 8% (12) continuaram sem o ganho de tal habilidade.

No quesito 37 – Ter iniciativa – houve um aumento de 2,5% na visão negativa para este aspecto. Para mais 3 alunos além dos 33 iniciais (20%), não ocorreu o desenvolvimento de tal atributo. Outro item revelador no Gráfico, 39 – Exercitar a coragem – aponta para mais uma necessidade de se reavaliar como está sendo proposto durante a atividade o aprimoramento desta habilidade. De um total de 16% discentes (26) com a opinião de o acampamento não servir para proporcionar o atributo coragem, após o exercício, 40% de alunos (64) confirmaram esta visão, ou seja, um aumento negativo de 24%.

Finalmente, no último tópico do Gráfico, 41 – Desenvolver a criatividade – houve um aumento de 11% na visão positiva para o desenvolvimento desta habilidade durante a Atividade de Campanha.

Lembrando que todos os tópicos foram respondidos tendo-se em mente a seguinte questão: A Atividade de Campanha é/foi uma oportunidade para....Nesta primeira leitura vimos do ponto de vista negativo as opiniões dos alunos, ou seja, aqueles que achavam que atividade em questão **Não** serviria ou não serviu para o desenvolvimento das competências listadas. Agora, é interessante analisar para os mesmos tópicos, do ponto de vista positivo a opinião dos discentes para a mesma questão. Embora pareça redundante a análise, é relevante observar o nível de expectativa dos jovens em relação às mudanças de comportamento, mesmo que ao final não se tenham atingido todos os objetivos, como veremos no Gráfico 14:



**Gráfico 14** - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “SIM” como resposta (Habilidade Emocional)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

É possível notar que ao responder **Sim** para a Atividade de Campanha como sendo uma oportunidade para desenvolver uma lista de atributos, os alunos sinalizaram (numa visão pré-acampamento) o nível de expectativas positivas em relação exercício em questão. Mesmo que após a atividade alguns discentes tenham mudado de opinião, é interessante observar o que os jovens almejavam previamente. O gráfico nos mostra que de um universo de 160 alunos, 82,5% acreditavam ser possível passar pela experiência da superação pessoal durante a Atividade de Campanha; 74% esperavam tornar-se mais confiante; 92,5% acharam ser possível aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional, ou seja, exercitar a adaptabilidade e flexibilidade; 92,5% almejavam melhorar a autodisciplina; 81% gostariam de adquirir maturidade; para 94% seria interessante aprender novas habilidades; 67,5% estavam prontos para aprender a liderar; 78% sentiam a necessidade de desenvolver o autoconhecimento; 79% estavam prontos para ter iniciativa; para 84% seria bom exercitar a coragem e 56% queriam desenvolver a criatividade.

Assim, de um total de 11 tópicos relacionados às habilidades emocionais, ou as competências intrapessoais, as expectativas positivas se confirmaram (pós-atividade) para os alunos nos seguintes itens:

7 – Buscar superação pessoal – de 82,5% (132) para 96%, (153) aumento de 13,5% (21) na quantidade de alunos que internalizaram uma mudança de comportamento relativa a autossuperação.

12 – Tornar-se mais confiante – de 74% (118) para 81% (130), aumento de 7% (12) no número de jovens que ganharam autoconfiança.

13 – Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional – de 92,5% (148) para 97% (155) mais 4,5% (7) dos discentes conseguiram exercitar adaptabilidade e flexibilidade.

22 – Aprender a liderar – de 67,5% (108) para 83% (133), 15,5% (25) a mais dos instruídos aprenderam a liderar.

26 – Desenvolver o autoconhecimento – de 78% (125) para 92,5% (148), um ganho de 14,5% (23) a mais de jovens que conseguiram acessar o autoconhecimento.

41 – Desenvolver a criatividade – de 56% (89) para 66% (106), 10% (17) de aumento na quantidade de alunos que entraram em contato com a criatividade.

Para os tópicos que decresceram vimos que:

14 – Melhorar a autodisciplina – de 92,5% (148) para 54% (86), um déficit de 38,5% (62) na quantidade de alunos que não conseguiram desenvolver tal atributo.

19 – Adquirir maturidade – de 81% (130) para 69% (110), ou seja, 12% (20) dos discentes deixaram de ter contribuição no processo de amadurecimento.

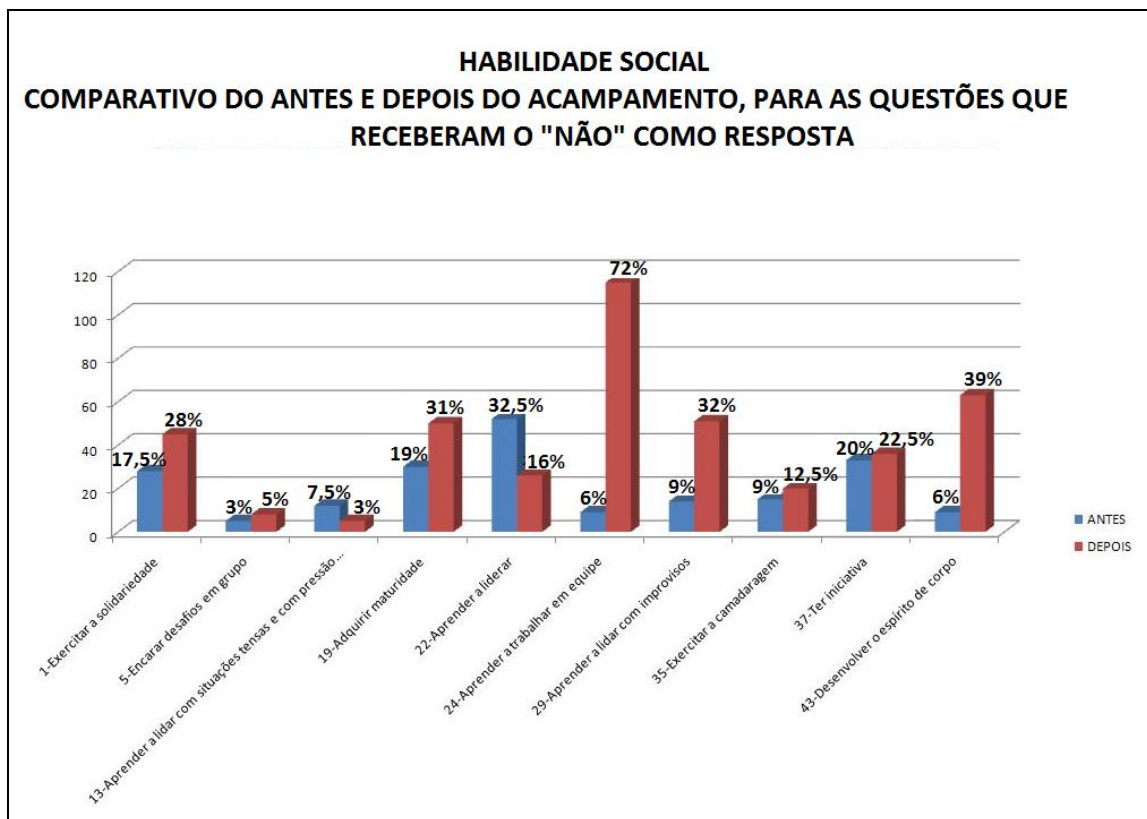
20 – Aprender novas habilidades – de 94% (150) para 67,5% (108). Para 26,5% (42) dos instruídos não houve oportunidade para a aprendizagem de novas habilidades.

37 – Ter iniciativa – de 79% (127) para 77,5% (124), então 1,5% (3) dos jovens não conseguiram exercitar a iniciativa.

39 – Exercitar a coragem – de 84% (134) para 60% (96). Para 24% (38) dos discentes não houve possibilidade para treinar a coragem.

Os números até aqui levantados servem como um bom parâmetro para se verificar que em alguma medida os alunos saem transformados da experiência da Atividade de Campanha, provavelmente, alguns mais e outros menos. O que também foi possível notar é que alguns aspectos foram melhores desenvolvidos do que outros. Numa visão global das competências intrapessoais, é possível dizer que, algumas instruções necessitam de uma reavaliação para atender com mais efeito aos objetivos de cunho emocional, ao passo que, também algumas habilidades emocionais talvez precisem ser repensadas e quem sabe substituídas por outras mais viáveis ao contexto da Atividade de Campanha.

Da mesma forma, os atributos do âmbito social foram elencados (10 itens) e analisados e conforme o Gráfico 15 vimos que para os aspectos selecionados mais relacionados às habilidades sociais conforme Apêndice 5, os instruendos demonstraram que:



**Gráfico 15** - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “NÃO” como resposta (Habilidade Social)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Numa expectativa negativa, ou seja, a expectativa para o **Não** desenvolvimento do item 1 – Exercitar a solidariedade – 17,5% de alunos (28 de um universo de 160) acreditavam não alcançar esta atitude durante a Atividade de Campanha, e após o exercício mais 10,5% (17) concordaram com a mesma visão, portanto, 28% dos jovens (45) ao final da atividade não conseguiram exercitar o ato solidário.

Também no tópico 5 – Encarar desafios em grupo - embora apenas 3% dos alunos (5) não depositassem expectativas em desenvolver este comportamento, ao final da atividade mais 2% (3) compartilharam da mesma visão negativa, totalizando 8% (13) das opiniões. No entanto no item 24 – Aprender a trabalhar em equipe – surpreendeu espantosamente o fato de que enquanto antes da atividade apenas 6% alunos (9) não apostassem em ter este atributo desenvolvido durante o exercício, no resultado final, alarmantes 72% (115) reafirmaram esta opinião, ou seja, um aumento de 66% (106) nas respostas negativas, sendo que o trabalho em equipe é uma dinâmica muito recorrente no âmbito da formação militar e também na Atividade de Campanha. Por isso este dado estatístico serviu como “luz vermelha” para a análise de melhores estratégias para se trabalhar, e conseqüentemente desenvolver nos instruídos, mecanismos do trabalho em equipe.

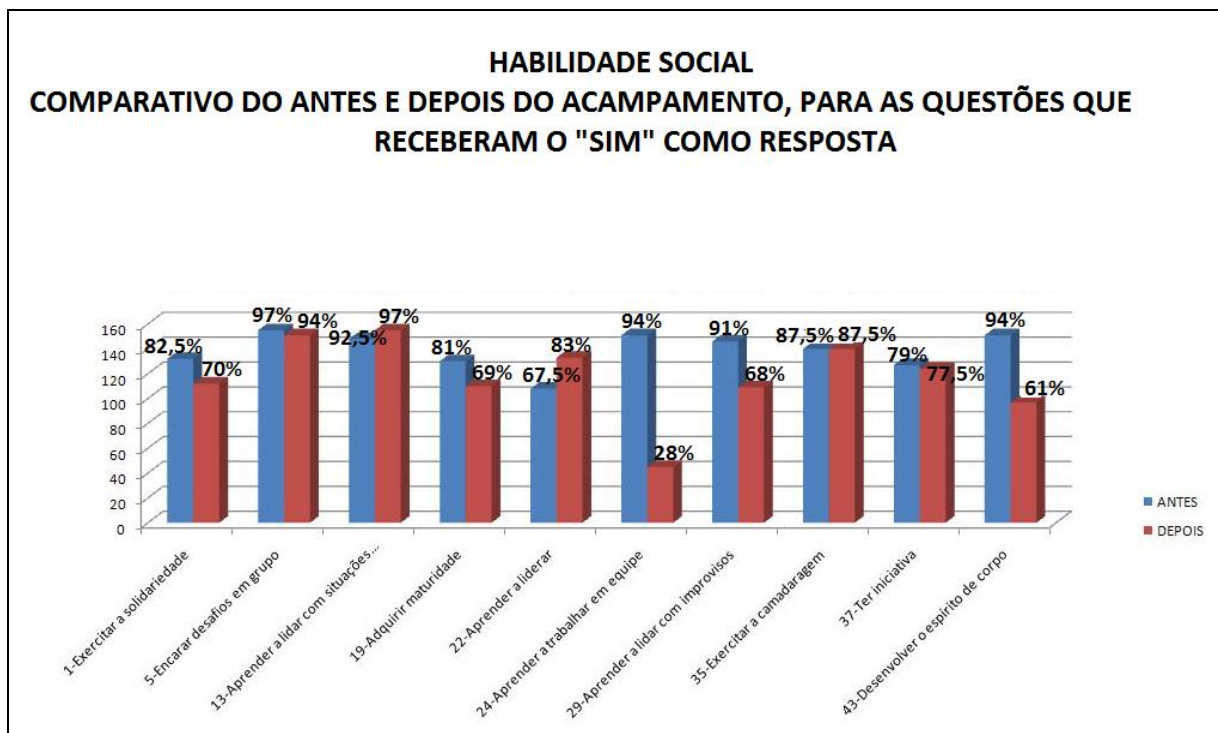
Com relação ao aspecto 29 – Aprender a lidar com imprevistos - de iniciais 9% (14) de alunos que não acreditavam aprender tal habilidade, mais 23% (37) ao final da atividade também concordaram com a mesma opinião.

No item 35 – Exercitar a camaradagem – 9% (15) de alunos não esperavam por esta competência durante o exercício, e ao final mais 3,5% (5) não conseguiram desenvolver este atributo.

Outro dado preocupante presente no gráfico, o tópico 43 – Desenvolver o espírito de corpo – aparece com um aumento negativo significativo nas respostas. De apenas 6% dos discentes iniciais (9), com a não expectativa de desenvolver tal habilidade, ao final do exercício, 39% (63). Um aumento de 33% (54) de respostas negativas demonstra que mais uma vez um importante atributo tão peculiar ao âmbito da formação militar não está sendo alcançado, pelo menos durante a Atividade de Campanha. Assim como já foi dito, é necessário repensar quais habilidades são compatíveis ou não de serem desenvolvidas com o exercício do acampamento.

Para os tópicos, 13 – Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional; 19 – Adquirir maturidade; 22 – Aprender a liderar e 37 – Ter iniciativa, as análises dos dados já foram realizadas anteriormente, pois alguns itens foram repetidos nos dois grupos de habilidades por adequarem-se tanto no aspecto emocional quanto social.

Embora aparentemente os aspectos das habilidades sociais pareçam ter sido menos desenvolvidos do que as habilidades emocionais, é válido realizar a mesma análise feita com as expectativas positivas dos alunos em relação aos atributos do campo emocional, agora com o campo social, como mostra a Gráfico 16.



**Gráfico 16** - Comparativo do Antes e Depois do acampamento, para questões que receberam o “SIM” como resposta (Habilidade Social)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Assim é importante ressaltar que 82,5% da turma (132) acreditava ser possível realizar atos solidários durante a Atividade de Campanha; 97% (155) gostariam de encarar desafios em grupo; 94% (151) adorariam aprender a trabalhar em equipe; 91% (146) almejavam aprender a lidar com imprevistos; 87,5% (140) esperavam exercitar a camaradagem durante a

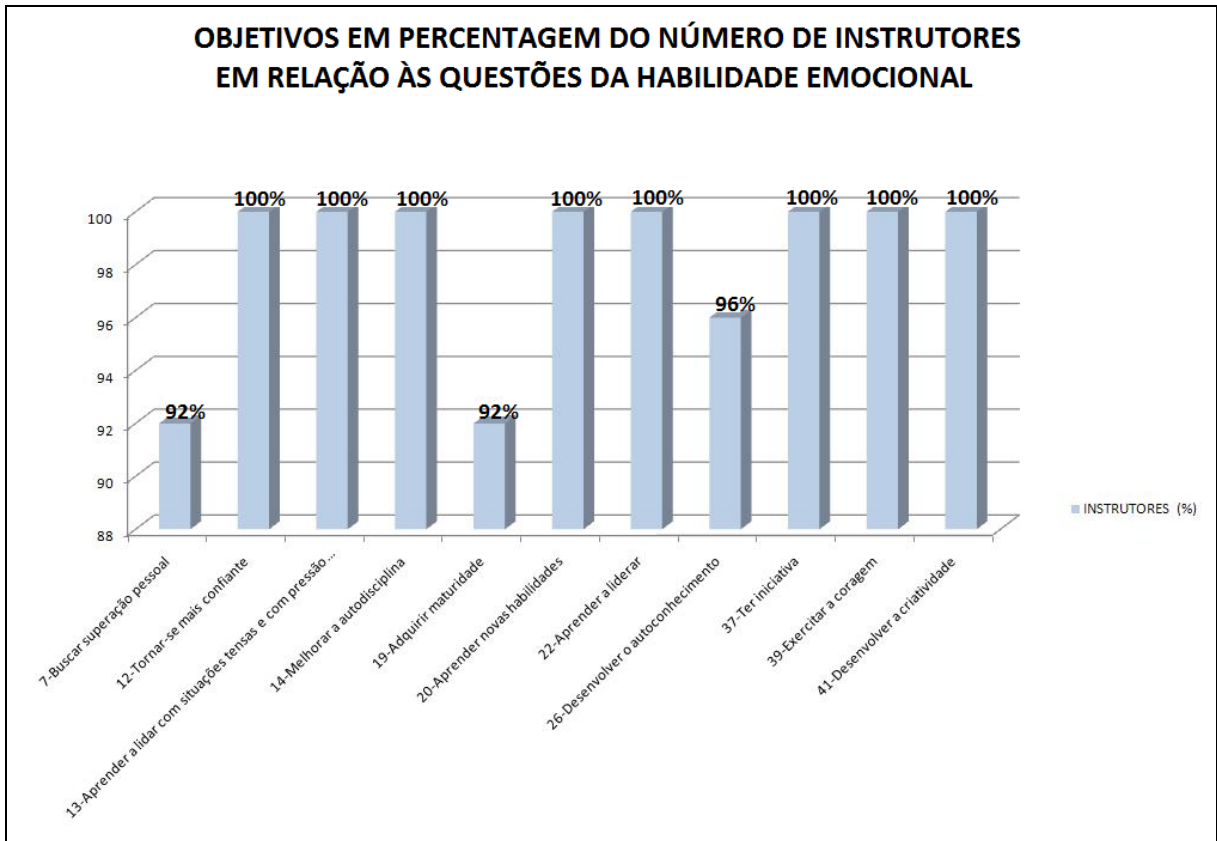
atividade; 79% (127) acreditavam treinar a iniciativa e 94% (151) aguardavam desenvolver o espírito de corpo no acampamento.

No item 1 – Exercitar a solidariedade – dos 82,5% dos alunos (132), 70% (112) conseguiram após o acampamento incorporar ao seu conjunto de experiências esta nova atitude. No tópico 5 – Encarar desafios em grupos – de 97% (155), 94% (151) mantiveram a certeza de ter realizado tal habilidade. No aspecto 24 – Aprender a trabalhar em equipe – dos 94% (151) dos jovens, apenas 28% (45) conseguiram esta nova competência e mais uma vez reforça a necessidade de se repensar o desenvolvimento deste atributo. No quesito 29 – Aprender a lidar com imprevistos – dos 91% (146) de discentes, 68% (109) colocaram em prática a adaptabilidade e flexibilidade. No item 35 – Exercitar a camaradagem – dos 87,5% (140), todos os 87,5% conseguiram desempenhar esta inteligência social. No atributo 37 – Ter iniciativa – de 79% (127), 77,5% (124) dos jovens exercitaram esta habilidade e no fator 43 – Desenvolver o espírito de corpo – dos 94% (151) de alunos, ao menos 61% (97) conquistaram esta nova competência.

Da mesma forma ocorrida aos aspectos analisados no âmbito emocional, no social também existiram variações em níveis de aproveitamento dos atributos pelos jovens. Embora em alguns casos o decréscimo dos dados fosse representativo, as mudanças de comportamento estiveram presentes em maior ou menor grau, não desmerecendo a Atividade de Campanha como um ambiente de possibilidade para a expansão das inteligências inter e intrapessoais.

Outro dado também importante diz respeito à quantidade de alunos com expectativas positivas para cada tópico, tanto para as habilidades emocionais quanto sociais.

No entanto, para um aprofundamento maior na compreensão dos resultados, a expectativa dos instrutores (agentes educadores participantes do processo da Atividade de Campanha) em relação ao público alvo da pesquisa serviu como um indicador fundamental para o entendimento do processo de educação socioemocional dos alunos, como mostra o Gráfico 17.



**Gráfico 17** - Objetivos em porcentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Emocional (11 ITENS)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Como mostra o gráfico acima, de acordo com os 11 tópicos elencados para os aspectos da habilidade emocional, foi verificado em quais itens o total de 100% dos instrutores (universo de 25) tinha por expectativa ver desenvolvido no aluno o referido item. Assim os fatores que tiveram unanimidade na escolha foram:

12 – Tornar-se mais confiante;

13 – Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional;

14 – Melhorar a autodisciplina;

20 – Aprender novas habilidades;

22 – Aprender a liderar;

37 – Ter iniciativa;

39 – Exercitar a coragem; e

41 – Desenvolver a criatividade.

Também para os aspectos da habilidade social, foi verificado o mesmo padrão de resposta, ou seja, 100% dos instrutores, sendo escolhidos os seguintes tópicos:

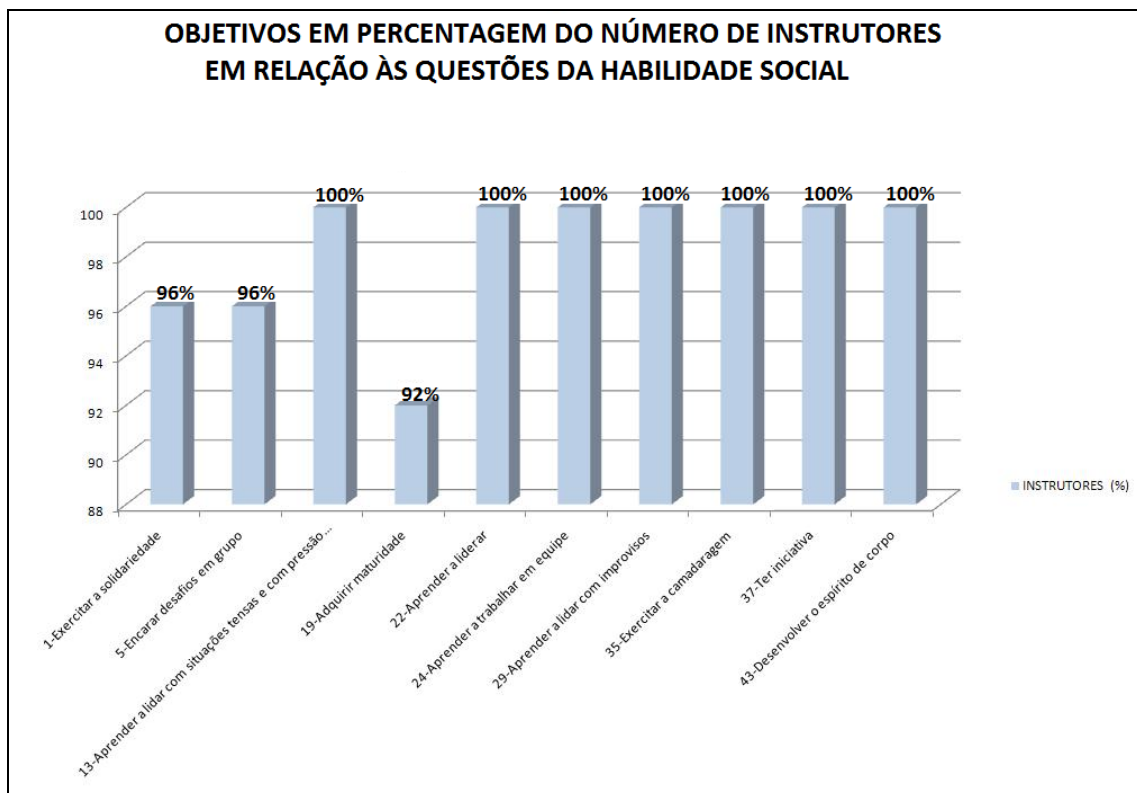
24 – Aprender a trabalhar em equipe;

29 – Aprender a lidar com imprevistos;

35 – Exercitar a camaradagem; e

43 – Desenvolver o espírito de corpo.

Os aspectos 13, 22 e 37, se repetem nos dois grupos de habilidades. Como nos mostra o Gráfico 18:



**Gráfico 18** - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Social (10 ITENS)

Fonte: Elaborado pelo autor

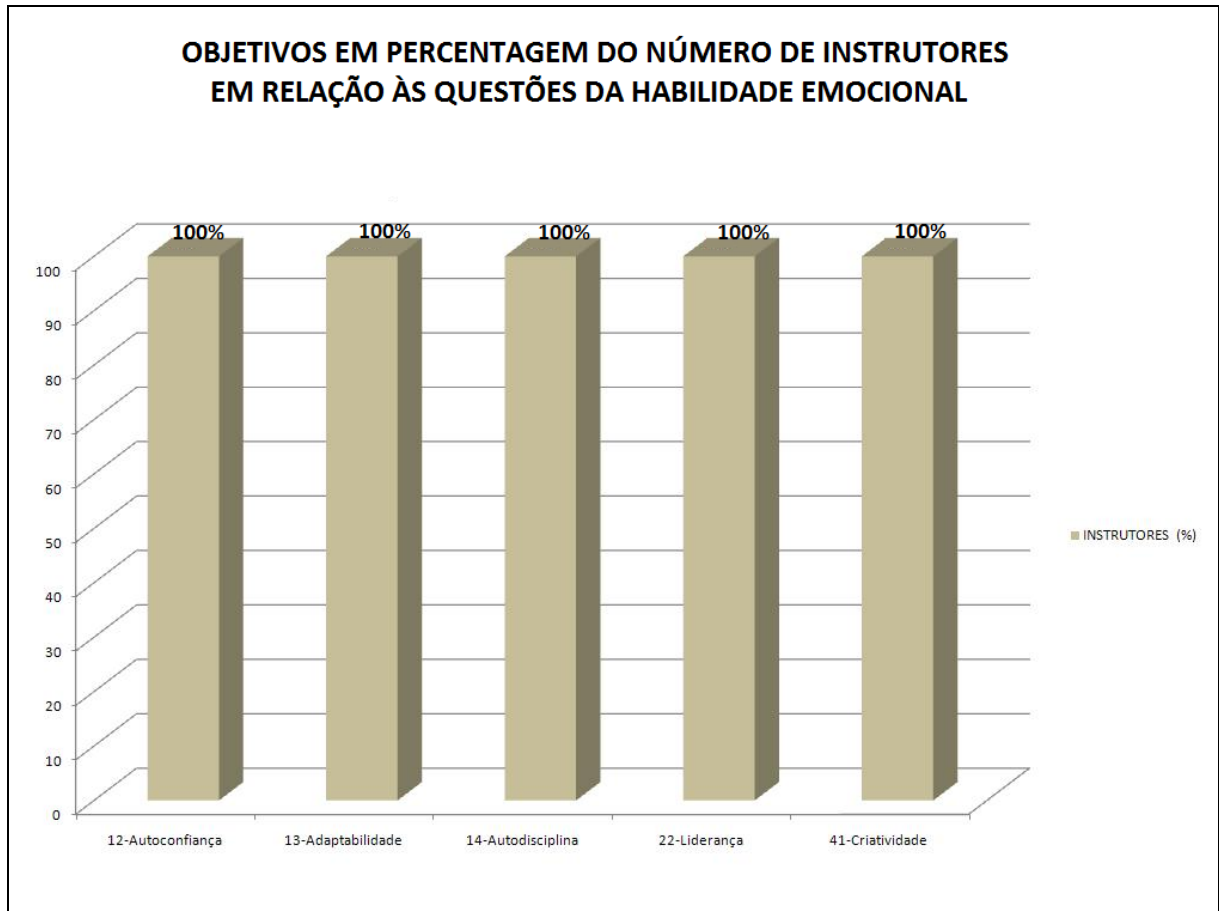
Para uma melhor depuração dos dados referentes à opinião dos instrutores, inicialmente, para as questões da habilidade emocional, ficou estabelecido que o item 12 – Tornar-se mais autoconfiante – e o fator 39 – Exercitar a coragem - poderiam ser transformados no atributo – Autoconfiança.

Já o item 13 – Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional – estaria contido no atributo – Adaptabilidade.

O aspecto 14 – Melhorar a autodisciplina – manteve-se como a habilidade – Autodisciplina.

O tópico 20 – aprender novas habilidades – estaria dentro da competência – Criatividade.

O item 22 – Aprender a liderar – e o aspecto 37 – Ter iniciativa – estariam incorporados ao atributo – Liderança. Assim como nos mostra o Gráfico 19 a seguir:



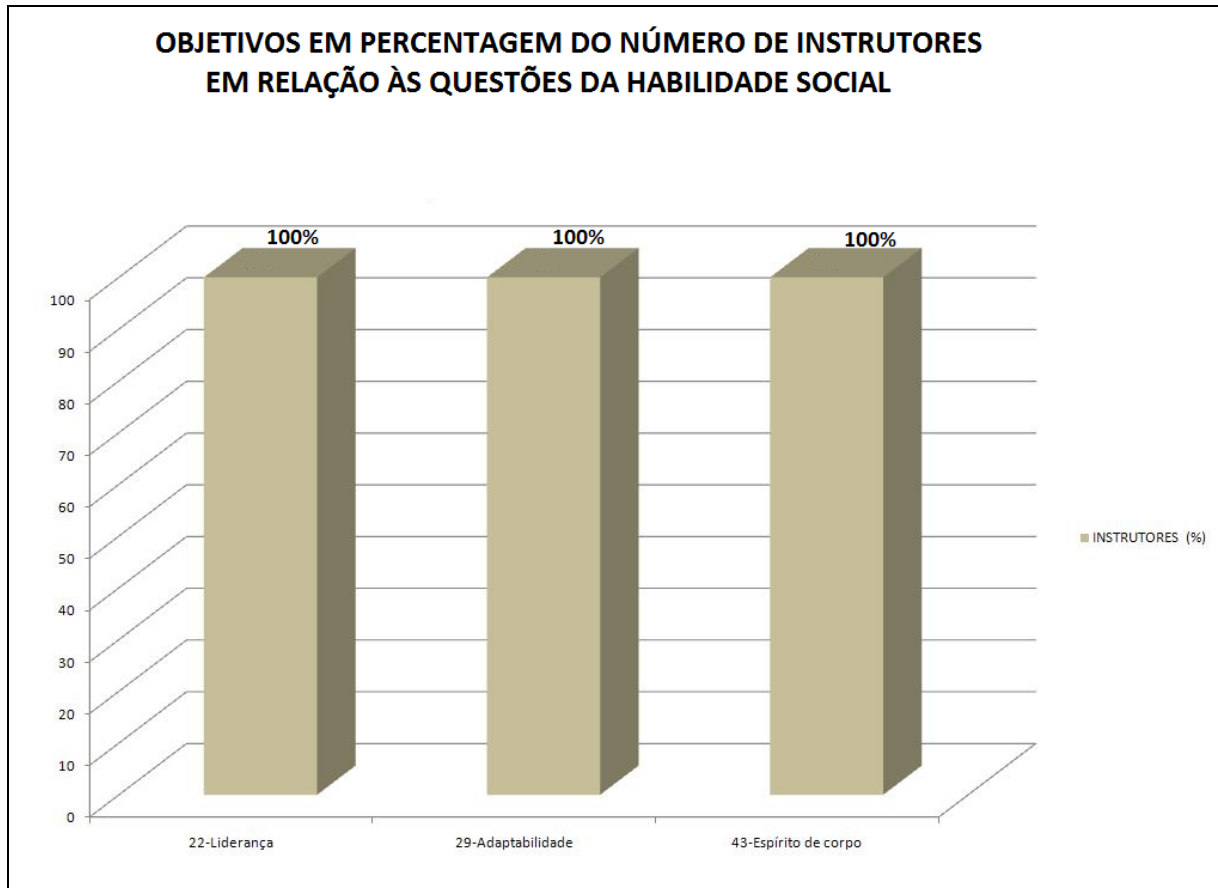
**Gráfico 19** - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Emocional (5 ITENS)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

O mesmo procedimento foi realizado para as questões da habilidade social, ou seja, os itens 13 – Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional – e 29 – Aprender a lidar com imprevistos – estariam contidos dentro do atributo – Adaptabilidade.

Para os tópicos 22 – Aprender a liderar – e 37 – Ter iniciativa – a habilidade representativa seria – Liderança.

Nos aspectos 24 – Aprender a trabalhar em equipe –, 35 – Exercitar a camaradagem e 43 – Desenvolver o espírito de corpo – convencionou-se a competência – Espírito de corpo. Assim, temos no Gráfico 20 a seguinte representação:



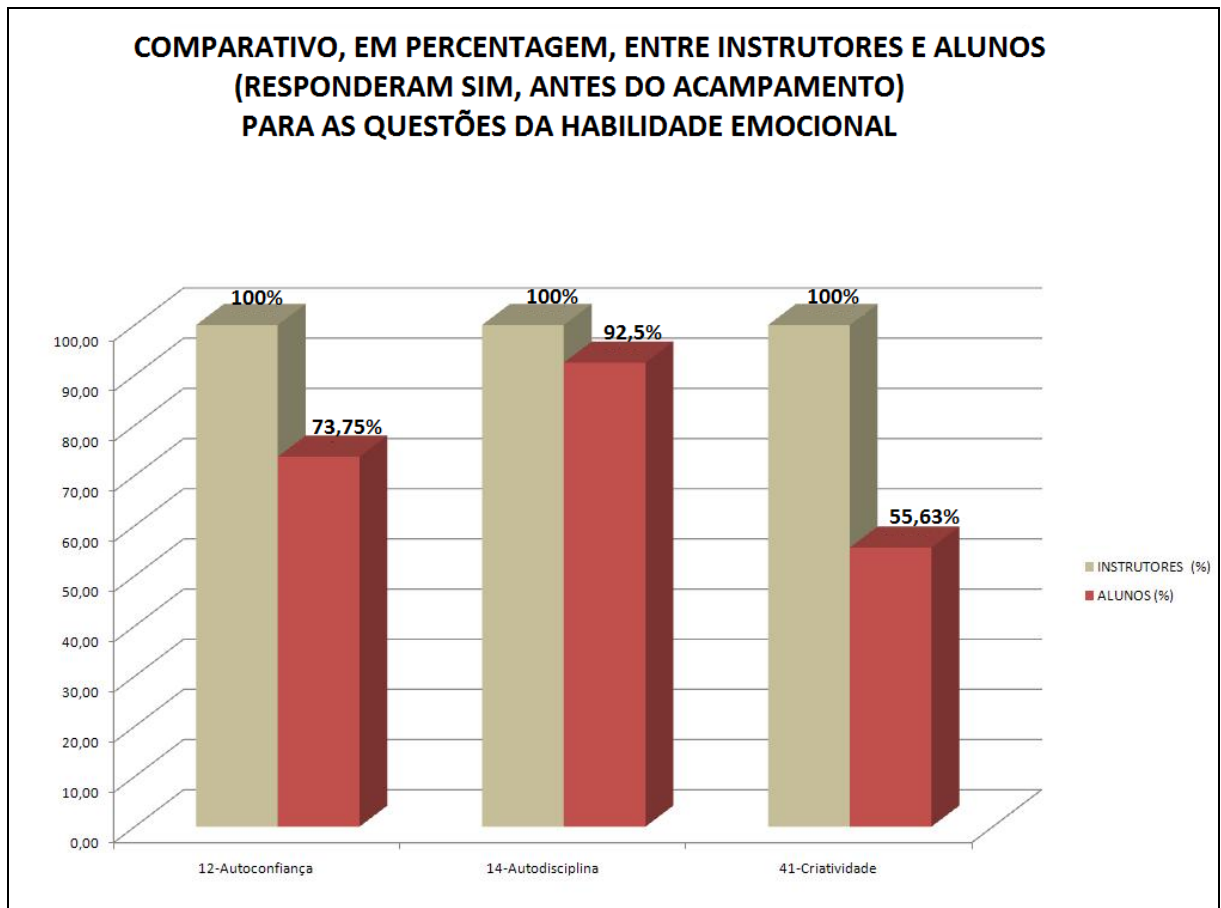
**Gráfico 20** - Objetivos em percentagem do número de instrutores em relação às questões da Habilidade Social (3 ITENS)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Como podemos observar, ao reduzirmos os tópicos de acordo com as expectativas positivas de 100% dos instrutores, alguns tópicos repetiram-se tanto nas questões da habilidade emocional quanto social. No campo das competências emocionais após a depuração restaram, Autoconfiança; Adaptabilidade; Autodisciplina; Liderança e Criatividade. Já para as habilidades sociais apareceram, Liderança; Adaptabilidade e Espírito de Corpo. Assim, mais uma vez com o intuito de aprimoramento da análise dos dados convencionou-se que os aspectos que mais se aproximavam da inteligência intrapessoal seriam: Autoconfiança; Autodisciplina e Criatividade. Enquanto que para os itens mais relacionados com a inteligência interpessoal estavam: Liderança; Adaptabilidade e Espírito de Corpo.

Para uma última interpretação dos dados, faltavam as análises das expectativas de instrutores e alunos antes e depois da Atividade de Campanha, lembrando que a opinião dos instrutores foi verificada somente antes do exercício, pois se referia aos objetivos esperados

para serem alcançados pelos jovens da pesquisa, e comparada com as respostas apenas positivas dos alunos. Então para os atributos do âmbito emocional temos que:



**Gráfico 21** - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, ANTES do acampamento) para as questões da Habilidade Emocional (porcentagens sem arredondamento).

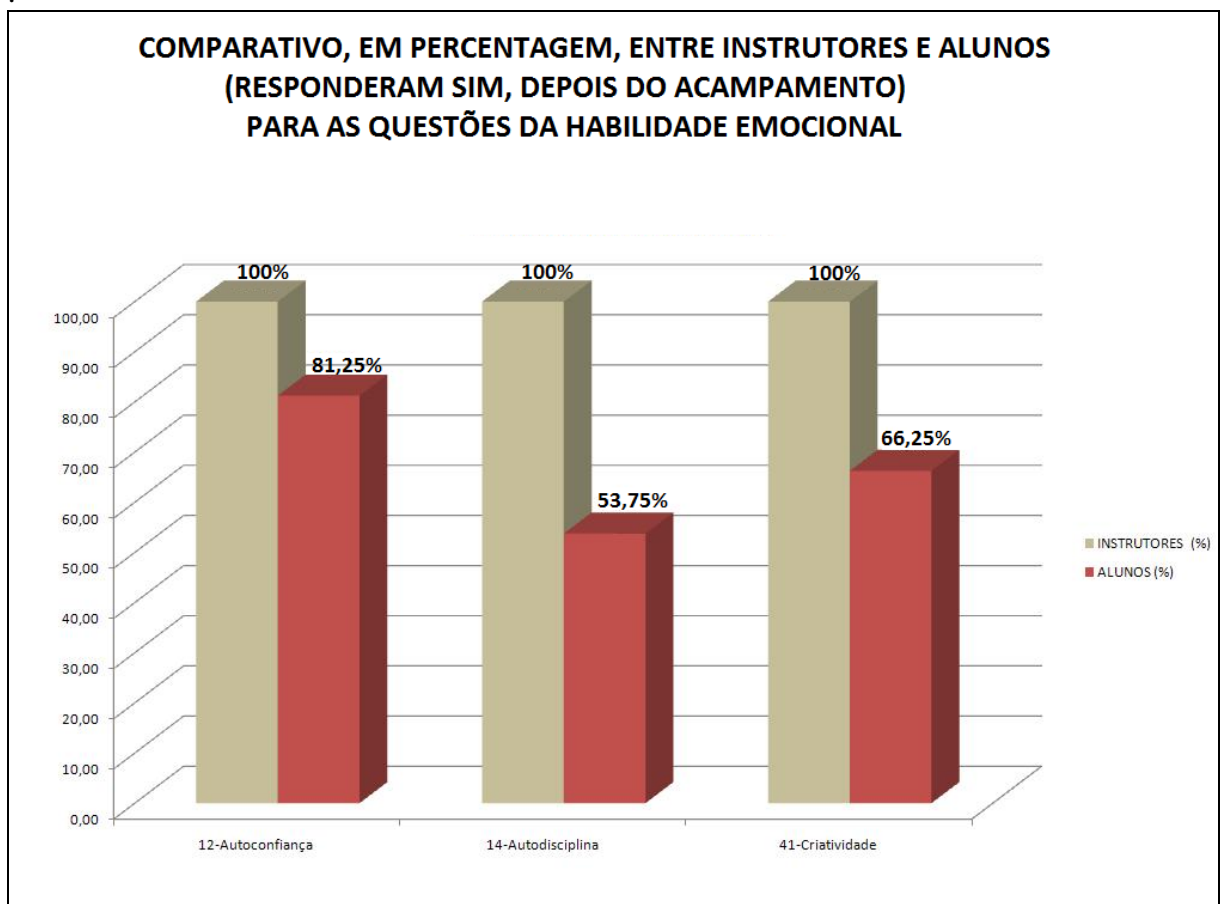
**Fonte:** Elaborado pelo autor

O que podemos notar no gráfico acima é que para o tópico 12 – Autoconfiança – enquanto 100% dos instrutores esperavam ver alcançado tal atributo nos alunos, numa visão prévia 73,75% da turma (160) também esperava alcançar o mesmo objetivo, ou seja, mais da metade dos instruendos, contra 26,25% que não tinham tal expectativa.

Já para o item 14 – Autodisciplina – 92,50% do grupo concordavam com os instrutores ser o acampamento uma possibilidade para desenvolver tal habilidade, e apenas 7,5% dos alunos desacreditava desta oportunidade.

No aspecto 41 – Criatividade – 55,63%, ou seja, metade da turma esperava a chance de confirmar as expectativas dos instrutores em relação ao desenvolvimento deste atributo durante a Atividade de Campanha, enquanto que 44,37% não apostavam neste ganho.

Após o exercício o Gráfico 22 nos revela que:



**Gráfico 22** - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, DEPOIS do acampamento) para as questões da Habilidade Emocional (porcentagens sem arredondamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

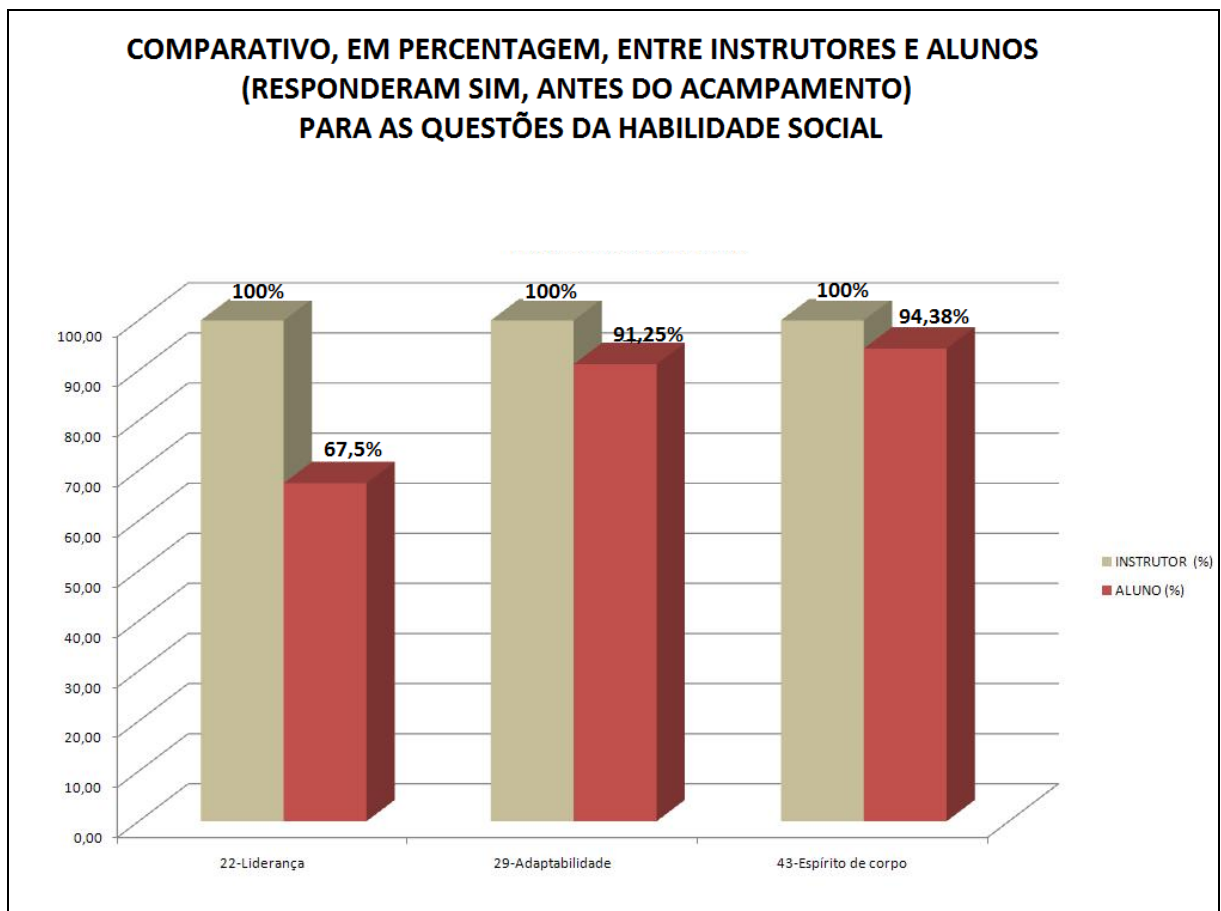
Para o item 12 – Autoconfiança - podemos observar que dos iniciais 73,75% dos jovens que apostavam no desenvolvimento de tal habilidade, após o exercício mais 7,5% dos alunos também tiveram a mesma opinião, ou seja, um total de 81,25%, portanto, a diferença de opiniões entre instrutores e instruendos cai de 26,25% para 18,75%.

No item 14 – Autodisciplina - houve um declínio considerável já que dos 92,50% dos discentes que acreditavam na Atividade de Campanha como oportunidade para desenvolver

tal atributo, passada a experiência, apenas 53,75% mantiveram a idéia de ter alcançado a Autodisciplina. Para os 38,75% restantes, o exercício não possibilitou o aprimoramento deste aspecto intrapessoal, conforme já havia sido revelado também nas Figuras 13 e 14. Neste caso, a diferença de opiniões entre alunos e instrutores aumenta, consideravelmente, de 7,5% para 46,25%.

Para o fator 41 – Criatividade - enquanto 55,63% dos instruendos apostavam na chance de ter melhorada esta competência, ao final da atividade mais 10,62% conquistaram a mesma percepção, totalizando 66,25%. Aqui, a disparidade entre as expectativas dos jovens e dos instrutores diminui de 44,37% para 33,75%.

No caso das habilidades do campo social, foram realizadas as seguintes análises:



**Gráfico 23** - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, ANTES do acampamento) para as questões da Habilidade Social (porcentagens sem arredondamento).

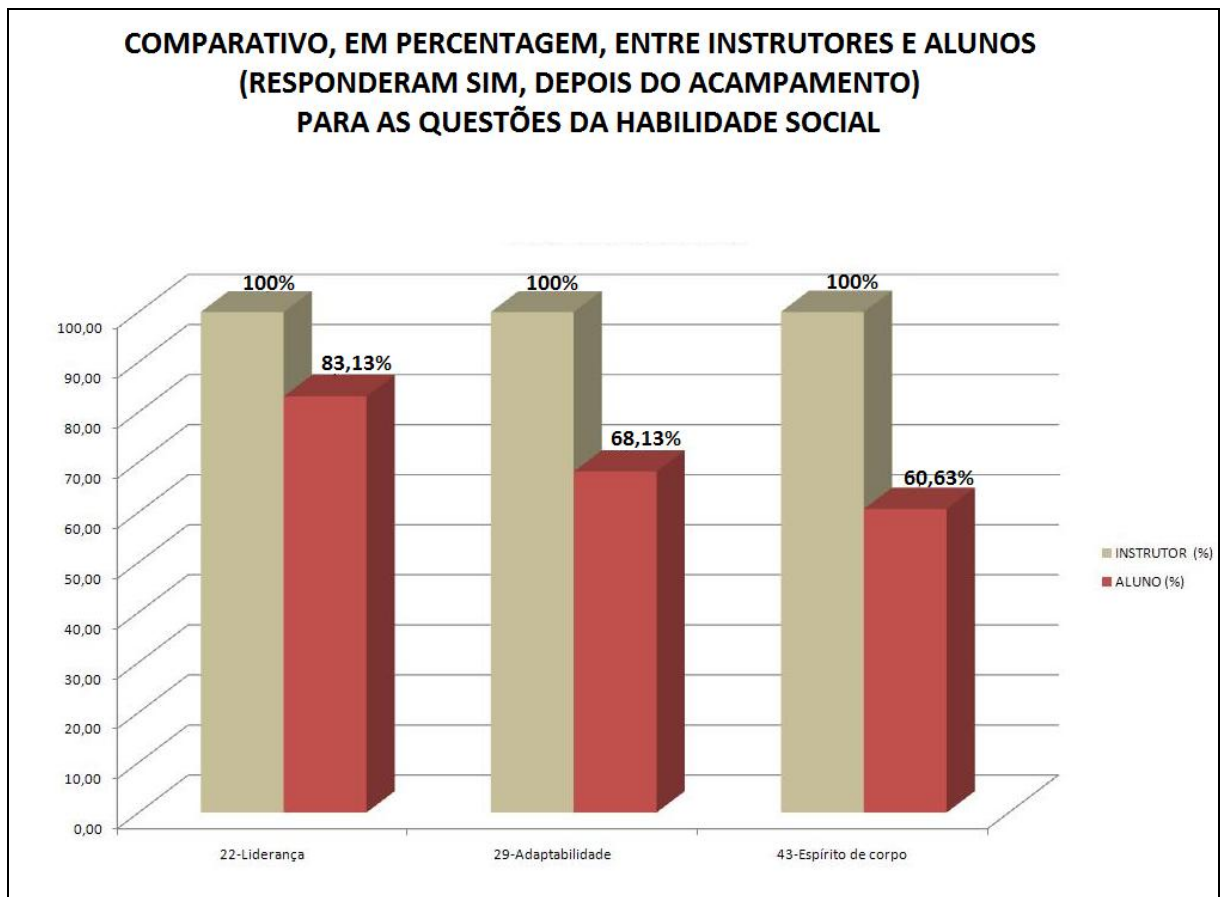
**Fonte:** Elaborado pelo autor

Conforme nos mostra o Gráfico 23, o item 22 – Liderança – 67,50% dos alunos confiava na Atividade de Campanha como ocasião para o desempenho do aspecto liderança, e 32,50% não esperavam por essa conquista.

Para o tópico 29 – Adaptabilidade - 91,25% dos discentes gostariam de ter este atributo desenvolvido, e 8,75% dos alunos não apostavam nesta expectativa.

No aspecto 43 – Espírito de corpo – 94,38% dos jovens almejava aprimorar esta competência durante a atividade e 5, 62% não concordavam com esta possibilidade.

Após a realização da Atividade de Campanha, o Gráfico 24 nos revela o seguinte:



**Gráfico 24** - Comparativo, em percentagem, entre instrutores e alunos (responderam SIM, DEPOIS do acampamento) para as questões da Habilidade Social (porcentagens sem arredondamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Podemos observar que no aspecto 22 – Liderança - mais 15,63%, além dos 67,50% iniciais, dos jovens vivenciaram esta experiência interpessoal. Ou seja, a diferença das opiniões entre alunos e instrutores, cai de 32,5% para 16,87%.

No entanto, no item 29 – Adaptabilidade - após a atividade, somente 68,13% dos instruídos permaneceram com a mesma avaliação e 23,12% não conseguiram ter o mesmo aproveitamento no desempenho desta habilidade. Aqui, a diferença de expectativas entre os dois grupos, aumenta, significativamente, de 8,75% para 31,87%.

No tópico 43 – Espírito de corpo – 33,75% dos alunos não obteve êxito no desenvolvimento deste atributo, mostrando a disparidade de opiniões, com um aumento de 5,62% para 39,37%.

Assim, podemos perceber, que, na análise destes 6 (seis) atributos: autoconfiança; autodisciplina; criatividade; liderança; adaptabilidade e espírito de corpo, as expectativas que antes do acampamento mais se aproximavam dos objetivos esperados pelos instrutores, eram espírito de corpo (94,38% - habilidade interpessoal); adaptabilidade (91,25% - habilidade interpessoal) e autodisciplina (92,5% - habilidade intrapessoal). No entanto, após a Atividade de Campanha, são estas mesmas competências as que aumentam a diferença de opiniões entre instrutores e alunos. Já os atributos, que por parte dos alunos, tinham uma expectativa prévia com valores mais “baixos”, autoconfiança (73,75% - habilidade intrapessoal); criatividade (55,63% - habilidade intrapessoal) e liderança (67,5% - habilidade interpessoal) foram os que diminuíram a disparidade de opiniões entre discentes e instrutores, o que talvez demonstre que, os jovens estavam “prontos” para vivenciar experiências de interação com este novo meio ambiente que se apresentava, expandindo a inteligência interpessoal. No entanto, o ganho que se confirmou foi no campo emocional e não social, ou seja, no aspecto intrapessoal.

Porém, como vimos nos gráficos 14 e 16, por exemplo, antes da realização da Atividade de Campanha, de um universo de 160 alunos: 83% buscavam uma superação pessoal; 74% esperavam tornar-se mais confiante; 93% gostariam de experimentar a competência da adaptabilidade; 68% queriam aprender a liderar; 78% almejavam desenvolver o autoconhecimento; 56% queriam aprimorar ou desenvolver a criatividade; 83% acreditavam ser possível exercitar a solidariedade; 97% gostariam de encarar desafios em grupos; 95%

apostavam aprender a trabalhar em equipe; 91% queriam aprender a lidar com imprevistos; 90% esperavam exercitar a camaradagem e 95% aguardavam desenvolver o espírito de corpo.

É provável pensar, a partir de algumas expectativas relativamente altas, que estes jovens estavam, no mínimo, pré-dispostos a serem guiados para a conquista destas habilidades tanto emocionais quanto sociais, dentro do nível de significado que estas competências exerciam sobre cada um e de acordo também com suas emoções, necessidades e desejos pessoais, ou seja, como já exposto anteriormente por Krathwohl, Bloom e Masia (1974), estes alunos estavam, dentro dos níveis elencados no esquema da taxionomia dos objetivos educacionais do domínio afetivo, pelo menos no nível mais simples – Receptividade - que se refere ao desejo de receber estímulo, quer dizer, uma sensibilidade ou espontaneidade para prestar atenção em algo.

Diante disso, como vimos em Bloom (1974), experiências de aprendizagem facilitam ao aluno o seu crescimento e desenvolvimento. Além disso, para Wallon (2007, [1941]) esta interação com o meio é fundamental não apenas para o desenvolvimento psíquico, mas também biológico do ser e nesse processo de integração o papel da emoção desempenha grande função.

No caso do grupo da pesquisa e dos dados até aqui apresentados foi possível notar que em se tratando dos aspectos emocionais ou das habilidades intrapessoais, os jovens conseguiram êxito ao final da atividade, por exemplo, ao desenvolver o autoconhecimento e a criatividade, e que de acordo com Gardner (1994 [1985]) é a capacidade de relacionar-se consigo mesmo, e administrar seus sentimentos e emoções em favor de seus anseios. Por outro lado, em alguns atributos do campo social, como por exemplo, aprender a trabalhar em equipe ou em sentido mais amplo, desenvolver o espírito de corpo, houve um decréscimo significativo na quantidade de jovens que alcançaram estas competências, já que segundo Gardner (1994 [1985]), esta inteligência considerada interpessoal, exige do ser humano a capacidade de “voltar-se” para outros indivíduos, o que talvez seja um pouco inviável numa situação de extremo estresse, como é o caso da Atividade de Campanha, onde o aluno precisa lançar mão de esquemas mentais para ele próprio conseguir chegar ao final do exercício, não restando energia para atuar com empatia, por exemplo.

No entanto, após este primeiro mapeamento de possibilidades de aprendizagens, fica claro que o ambiente da Atividade de Campanha é uma experiência que movimenta os

processos cerebrais dos jovens que por ali passam, e que no mínimo permite ao cérebro deles uma constante reestruturação e reorganização, contribuindo para a organização dos comportamentos que eles apresentarão durante a vida.

Como já apresentado aqui por Cozolino (2013), nossos cérebros exigem estimulação e conexão para sobreviver e progredir e ao falarmos em aprendizagem e desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos alunos é possível por meio do aperfeiçoamento das atividades práticas do Exercício de Campanha, produzir estímulos e conexões para melhor aproveitar as potências destes jovens, estabelecendo e comunicando claramente o que é possível esperar deles e ouvindo quais metas podem ser por eles alcançadas.

## **CONCLUSÕES**

Com base nos resultados anteriormente apresentados, pode-se concluir que:

- a) O cenário da Atividade de Campanha pode ser pensado como um ambiente de apoio, ou no mínimo estimulante, para uma experiência de crescimento social e pessoal, no entanto pode ser aprimorado no sentido de um melhor direcionamento dos exercícios para o alcance destes objetivos específicos, ou seja, relacionar com mais precisão cada oficina e o que é possível de fato expandir no aluno.
- b) A Atividade de Campanha serviu para desenvolver algumas competências intra e interpessoal nos alunos, com diferentes níveis de aproveitamento (alguns altos outros baixos), como por exemplo, autoconfiança, criatividade, liderança, autodisciplina, adaptabilidade e espírito de corpo.
- c) Algumas experiências vivenciadas, dentro do exercício (conjunto de oficinas), serviram para facilitar a aquisição de novas habilidades sociais e emocionais, como por exemplo, a atividade da “sobrevivência”, apontada pela grande maioria dos alunos como a melhor dentre as oficinas. Por outro lado, a prática de “marchas e estacionamentos”, pode ser aprimorada por meio de uma melhor estratégia para o desenvolvimento de determinadas competências (podendo ser executada talvez apenas ao final do exercício e não no início) já que aparece como a atividade menos interessante na opinião de metade da turma, provavelmente por exigir “logo de cara” a superação física deles.

d) Para diferentes grupos de alunos, algumas expectativas positivas foram alcançadas ao final da atividade, já para outros não foi possível o mesmo grau de internalização, embora, provavelmente, todos os alunos chegaram a algum nível dentro das categorizações do domínio afetivo: Receptividade; Resposta; Valorização; Organização e Caracterização.

e) As expectativas dos agentes educadores (instrutores) de certo modo aparecem com alguma relação quanto às expectativas dos discentes, já que mesmo antes ou depois da Atividade de Campanha, dos 6 (seis) atributos elencados pelo total do grupo de instrutores como “fundamental”, nenhuma das expectativas positivas por parte dos jovens esteve abaixo de 50% da turma. Além disso, dentro destas mesmas 6 (seis) competências, elencadas por totalizarem a opinião de 100% dos instrutores, alguns níveis altos de expectativas pré-acampamento, por parte dos alunos, sinalizaram um desejo quase igualitário para o alcance de alguns atributos. No entanto como revelaram os gráficos, algumas expectativas diminuíram após o exercício, alertando para uma maior atenção aos objetivos a serem alcançados ao final da atividade e o que é esperado pelos alunos.

Tais conclusões não esgotam o tema e indicam a importância de outros estudos sobre formas de aperfeiçoamento da formação militar com vistas a uma melhor contribuição na constituição do sujeito como um ser integral. Os mecanismos de desenvolvimento de competências emocionais e sociais são essenciais em todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem, juntamente com os aspectos cognitivos e motores, bem como uma produtiva interação com o meio.

No caso da Atividade de Campanha, a hipótese que se confirma é que existe sim uma abertura, que deve ser considerada, para se trabalhar nos alunos as potências individuais tanto no âmbito emocional quanto social.

Foi possível observar ainda que, embora os instrutores possam repensar quais as habilidades podem ser mais bem exploradas durante o exercício, em detrimento de outras, é importante também que os jovens saibam exatamente o que é esperado deles, e como eles podem alcançar este amadurecimento dentro de cada atividade proposta no decorrer do desafio enfrentado por eles.

Logicamente, como foi apresentado, por meio da análise dos dados, o nível de absorção e aprendizagem de novos comportamentos, por parte dos jovens, variou bastante. No entanto,

a pesquisa indicou que alguns aspectos do âmbito emocional (intrapessoal) tiveram maiores chances de desenvolvimento, por parte dos discentes, do que os atributos da esfera social, (interpessoal) mais uma vez confirmando a possibilidade de estabelecer corretamente quais grupos de competências possuem melhores oportunidades de serem “trabalhadas” no cenário da Atividade de Campanha, como também a necessidade de uma verificação mais amíuade sobre o desempenho “satisfatório” de alguns, em detrimento das dificuldades apresentadas por outros frente a determinadas aprendizagens.

Ao mesmo tempo é possível pensar formas mais dinâmicas de apresentação das instruções dentro de cada oficina, como por exemplo, avaliar: o tempo de duração de cada atividade, as técnicas utilizadas para a transmissão do conhecimento, o número de exemplos e o número de demonstrações para o melhor aproveitamento nas oficinas, a boa relação instrutor-instruendo para além do grau hierárquico. Também é interessante observar quais os melhores momentos, durante o exercício, para atividades em grupo e individuais. Todo este processo objetiva facilitar a fase de construção de novos comportamentos pelos alunos, contribuindo para a expansão de suas aptidões.

Outro aspecto relevante é o aperfeiçoamento de outros instrumentos de avaliação para o processo da Atividade de Campanha para que exista um perfeito alinhamento entre o que a Atividade de Campanha espera do aluno e o que o aluno espera da Atividade de Campanha.

O presente trabalho sugere também o valor de outros estudos sobre meio ambientes propícios ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos indivíduos como contribuição para um crescimento e vida adulta saudável. No caso específico do ambiente da pesquisa, podemos apontar para imprescindíveis discussões mais profundas sobre a “fertilidade” de um espaço de formação militar como terreno auxiliador na construção não apenas de uma parcela do capital intelectual de um povo, mas, sobretudo de uma parcela da população com inteligência social e emocional aprimorada para trabalhar com a defesa do país.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. S. *Como desenvolver o poder criador: um guia para a libertação da criatividade em sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ALVES, R. *Conversas sobre educação*. Campinas, SP: Verus, 2003.
- ARANHA, M.L.A. *Filosofia da Educação*. 3ªed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARMSTRONG, T. *Inteligências múltiplas na sala de aula*. Prefácio Howard Gardner. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- BAUM, W. (1999a). Intenção e reforço. *Compreendendo o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1994).
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- BLOOM, B.S.; ENGELHART, M.D.; FURST, E.J.; HILL, W.H.; KRATHWOHL, D.R. *Taxionomia dos objetivos educacionais- 1 domínio cognitivo*. 5ªed. Porto Alegre: Globo, 1976. (originalmente publicado em 1956).
- BLOOM, B.S.; KRATHWOHL, D. R.; MASIA, B.B. *Taxionomia dos objetivos educacionais- 2 domínio afetivo*. Porto Alegre: Globo, 1974.
- BLOOM, B.S. et al. *Taxonomy of educational objectives*. New York: Davis Mckay, 1956 V1.
- CARVALHO, S.G. de. O lugar dos sentimentos na ciência do comportamento e na psicoterapia comportamental. *Psicologia; Teoria e prática*, v.1n.2p.33-36, 1999.
- CATÂNIA, A.C.(1999). As conseqüências do responder: controle aversivo. *Aprendizagem*. Englewood Cliffs (Originalmente publicado em 1991).
- \_\_\_\_\_ *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

- COARACY, J. O planejamento como processo. Revista educação, ano I, n4, Brasília, 1972.
- COSENZA, R.M. *Neurociência e Educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.
- DEMO, P. Desafios modernos da educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- ENRIQUEZ, E. A organização em análise. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- ERIKSON, E. H. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Identidade juventude e crise*. 2ªed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FONSECA, V. *Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- GADOTTI, M. *História das idéias pedagógicas*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Perspectivas atuais em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GALLATIN, J. *Adolescência e individualidade*. São Paulo: Harbra, 1978.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (Publicado originalmente em 1985).
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GROSSI, E. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. 3ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOFSTEDE, G. *Culturas e organizações: compreendendo a nossa programação mental*. Lisboa: Sílabo, 1997.
- HUNTINGTON, S.P. *O soldado e o estado: teoria e política das relações entre civis e militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Bibliex, 1996.

JANOWITZ, M. *O soldado profissional: um estudo social e político*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967.

JUNG, C.G. *o homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. (Originalmente publicado em 1964).

KELLETT, A. *Motivação para o combate: o comportamento do soldado na luta*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987.

LEFRANÇOIS, G.R. *Teorias da aprendizagem*. 5a ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

LOPES, C.E. Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Belo Horizonte, v.10, n1,p1-13, 2008.

LUCKESI, C.C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 15ª.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MACHADO, L.M.de C.M. Behaviorismo Radical: uma visão do homem integral. *Revista Torre de Babel*, Londrina, v1, p.11-19, 1994.

MAGALHÃES, S.M.C. Formar soldados em tempos sombrios: uma reflexão sobre o desenvolvimento de valores e atitudes no ensino militar. Diretoria de educação técnica militar (DETMIL) Exército Brasileiro.

MAGER, R.F. *Objetivos para o ensino efetivo*. 4ª ed. Brasil: Senai, 1974.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*, v. 20, p. 11-30, 2005. ISSN 1414-6975.

MARTINEZ, C. (2005). Controle aversivo: contribuições conceituais e considerações sobre a recomendabilidade. Monografia de Especialização. Universidade Estadual de Londrina.

MATOS, M.A. Com o que o behaviorismo radical trabalha: In BANACO, R.A. (org.) *Sobre comportamento e cognição: questões teóricas, metodológicas e a formação em análise do comportamento e terapia cognitiva*. São Paulo: ARBytes, 1997. P.45-53.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLENSON, J. R. (1975a). Contingências aversivas. *Princípios de análise do comportamento* (A. A. Souza & D. Rezende, Trads.). Brasília: Coordenada. (Originalmente publicado em 1967)

MILLENSON, J. R. (1975b). Comportamento emocional. *Princípios de análise do comportamento* (A. A. Souza & D. Rezende, Trads.). Brasília: Coordenada. (Originalmente publicado em 1967).

NOBRE, E.B. Ser militar. *Revista de Villegagnon*- ano VI número 6 - 2011.

NORONHA, F. *Contribuições da Neurociência para a Formação de Professores*.

Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/4590/1/Contribuicoes-Da-Neurociencia-Para-A-Formacao-De-Professores/pagina1.html>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

PIAGET, J. Para onde vai à educação? Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

\_\_\_\_\_ *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

QUEIROZ, P. P. (2004). Punição negativa. Em C. Abreu, & H. J. Guilhardi (Org.) *Terapia comportamental e cognitivo comportamental: práticas clínicas*. (pp.72-100) São Paulo: Roca.

RABELO, E.H. *Avaliação – novos tempos novas práticas*. 8ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, A. R. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTOS, M.R.I. Habilidades sociais em adultos com deficiência mental. Dissertação de Mestrado, PUC Campinas, 1990.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3ªed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SENNETT, R. *Autoridade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHINYASHIKI, G. O processo de socialização organizacional. In: FLEURY, M.T.L. (coord.) *As pessoas na organização*. São Paulo: Editora Gente, 2002. P.165-184.

SIDMAN, M. (2001) *Coerção e suas implicações*. Livro Pleno. (M.A. Andery, e M.T. Sério,

Trads.) Campinas: Originalmente publicado em 1989.

TODOROV, J. C. (2001). Quem tem medo de punição? *Revista de Terapia Comportamental e Cognitiva, 1*, pp. 37-40.

TOURINHO, E.Z. Relações comportamentais como objeto da psicologia: algumas implicações. *Interação em psicologia*, v.10, n1, p.1-8, 2006.

TURRA, C.M.G.; SANTANNA, F.M.; ENRICONE, D.; ANDRÉ, L.C. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Sagra, 1989.

VAN MAANEN, J. Processando pessoas – estratégias de socialização organizacional. In: FLEURY, M.T.L.; FISCHER, R.M. (coord) *Cultura e poder nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1989.

WALLON, H. *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1986.

WORTMEYER, D.S. Desafios da internalização de valores no processo de socialização organizacional: um estudo da formação de oficiais do exército. Artigo síntese do mestrado do programa de pós-graduação em psicologia social da UERJ, 2007.

WORTMEYER, D.S. Competência moral democrática e socialização militar: convergência possível. Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa, 2012.

WORTMEYER, D.S. *Desafios da internalização de valores no processo de socialização organizacional*. Rio de Janeiro, junho, 2007. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado.

ZARO, M. A. *Emergência da Neuroeducação: a hora e a vez da neurociência para agregar valor à pesquisa educacional*. 2010. Disponível em: <[www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/viewDownloadInterstitial/276/17](http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/viewDownloadInterstitial/276/17)> Acesso em: 22 abr.

## ANEXO 1 – Termo de Consentimento

### PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pesquisadora Katia Cristiane Vomero Pereira

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edna M. S. Peters Kahhale

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O objetivo deste trabalho é **conhecê-lo para poder avaliar em que medida os atributos da área afetiva foram alcançados ao final do curso de formação militar, o que possibilitará uma avaliação técnica e psicopedagógica deste curso.**

Além de mim, pesquisadora deste estudo, este trabalho está sendo supervisionado pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Edna M. S. Peters Kahhale. A presente pesquisa se dará através da aplicação de uma escala de atitudes para avaliação diagnóstica, em momentos diferentes. Além disso, serão consultados registros acadêmicos do CPOR, para verificação de dados sociodemográficos. Ao participar deste estudo você não está sujeito a nenhum tipo de risco. Nossos encontros serão registrados e guardados sob total sigilo, de modo a assegurar sua privacidade, quanto aos dados confidenciais envolvidos neste trabalho. Seu nome e quaisquer dados que possam identificá-lo (a) serão devidamente retirados do material que vier a se tornar público.

Em qualquer etapa deste estudo, você terá acesso a esta pesquisadora para esclarecimento de eventuais dúvidas, no endereço Praça Marechal Eduardo Gomes, 50, Vila das Acácias, São José dos Campos, CEP 12228-616. Tels 3947-6055. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP localiza-se à Rua Ministro Godoy, 969, Cep 05015-001, Perdizes, São Paulo – SP.

**Será garantido a você e a qualquer participante deste trabalho a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo à continuidade de seu curso.**

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

**Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pela pesquisadora, consinto em participar, na qualidade de participante do estudo a ser desenvolvido referido neste termo, o qual inclui o registro dos encontros e a possível publicação dos resultados, garantindo-se o sigilo e o anonimato dos participantes.**

São José dos Campos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

---

### APÊNDICE 1 – Tabela de Atitudes

INSTRUÇÃO: prezado participante, solicitamos o preenchimento desta tabela de atitudes, de acordo com o atendimento ou <b>NÃO</b> das expectativas numeradas abaixo. No caso de <b>SIM</b> , por favor, marque o nível.	<b>NÃO</b>	<b>SIM</b> Em qual nível			OBSERVAÇÃO
		<u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u>	<u>ALTO</u>	
<b>A Atividade de Campanha é uma oportunidade para :</b>					
1-Exercitar a solidariedade					
2-Superar limites físicos					
3-Melhorar a saúde do corpo					
4-Adquirir condicionamento					
5-Encarar desafios em grupo					
6-Treinar os atributos da área afetiva					
7-Buscar superação pessoal					
8-Passar por cansaço mental					
9-Aprender valores capazes de transformar positivamente o caráter					
10-Superar a inibição					
11-Tornar-se um ser humano melhor					
12-Tornar-se mais confiante					
13-Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional					
14-Melhorar a autodisciplina					
15-Servir à pátria					
16-Aprender sobre o que é ser militar					
17-Mudar conceitos a respeito do militarismo					
18-Desenvolver-se como cidadão					
19-Adquirir maturidade					
20-Aprender novas habilidades					
21-Fortalecer laços de amizade					
22-Aprender a liderar					
23-Tornar-se apto às situações adversas da vida					
24-Aprender a trabalhar em equipe					
25-Exercer a capacidade de concentração e foco mesmo no cansaço					
26-Desenvolver o autoconhecimento					
27-Auxiliar na decisão pela carreira militar					
28-Complementar à formação do ITA					
29-Aprender a lidar com improvisos					
30-Conhecer as oportunidades que o oficial engenheiro pode ter na Força Aérea					
31-Adaptar-se a um novo estilo de vida					
32-Sobreviver em ambientes inóspitos					
33-Sentir desestímulo					
34-Ter poucas horas de sono					
35-Exercitar a camaragem					
36-Reconhecer limites psicológicos					
37-Ter iniciativa					
38-Ser punido por cometer erros					
39-Exercitar a coragem					
40-Extrapolar a resistência física					
41-Desenvolver a criatividade					
42-Passar por estresse					
43-Desenvolver o espírito de corpo					
44-Exaurir-se fisicamente sem absorção do conhecimento					

INSTRUÇÃO: prezado participante, solicitamos o preenchimento desta tabela de atitudes, de acordo com o atendimento ou <b>NÃO</b> das expectativas numeradas abaixo. No caso de <b>SIM</b> , por favor, marque o nível.	<b>NÃO</b>	<b>SIM</b> Em qual nível			OBSERVAÇÃO
		<u>ALTO</u>	<u>MÉDIO</u>	<u>BAIXO</u>	
<b>A Atividade de Campanha foi uma oportunidade para :</b>					
1- Superar a inibição					
2- Servir à pátria					
3- Passar por cansaço mental					
4- Adquirir maturidade					
5- Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional					
6- Aprender a liderar					
7- Aprender a trabalhar em equipe					
8- Exercer a capacidade de concentração e foco mesmo no cansaço					
9- Desenvolver o autoconhecimento					
10- Auxiliar na decisão pela carreira militar					
11- Ter poucas horas de sono					
12- Reconhecer limites psicológicos					
13- Encarar desafios em grupo					
14- Melhorar a saúde do corpo					
15- Extrapolar a resistência física					
16- Ser punido por cometer erros					
17- Sobreviver em ambientes inóspitos					
18- Buscar superação pessoal					
19- Exaurir-se fisicamente sem absorção do conhecimento					
20- Adaptar-se a um novo estilo de vida					
21- Desenvolver o espírito de corpo					
22- Exercitar a solidariedade					
23- Passar por estresse					
24- Conhecer as oportunidades que o oficial engenheiro pode ter na Força Aérea					
25- Ter iniciativa					
26- Aprender a lidar com imprevistos					
27- Exercitar a coragem					
28- Desenvolver a criatividade					
29- Tornar-se um ser humano melhor					
30- Exercitar a camaradagem					
31- Sentir desestímulo					
32- Complementar à formação do ITA					
33- Tornar-se apto às situações adversas da vida					
34- Desenvolver-se como cidadão					
35- Superar limites físicos					
36- Fortalecer laços de amizade					
37- Tornar-se mais confiante					
38- Aprender novas habilidades					
39- Mudar conceitos a respeito do militarismo					
40- Adquirir condicionamento					
41- Aprender sobre o que é ser militar					
42- Melhorar a autodisciplina					
43- Treinar os atributos da área afetiva					
44- Aprender valores capazes de transformar positivamente o caráter					

**APÊNDICE 2 – Quadro de Instruções**

<b>MARCHA E ESTACIONAMENTO</b>	CAMINHADA COLETIVA DE, APROXIMADAMENTE 8KM, CARREGANDO MOCHILA DE, APROXIMADAMENTE 10KG.
<b>SEGURANÇA DO ACAMPAMENTO</b>	CENÁRIO OPERACIONAL ONDE OS ALUNOS REALIZAM A SEGURANÇA DA ÁREA DE INSTRUÇÃO.
<b>PREPARAÇÃO DA RAÇÃO RII A</b>	CONHECIMENTO E PREPARAÇÃO DE RAÇÃO PARA CONSUMO EM CASOS DE EMERGÊNCIA.
<b>PISTA DE OBSTÁCULOS</b>	CIRCUITO COM VÁRIOS OBSTÁCULOS NO TERRENO.
<b>OBTENÇÃO DE ÁGUA E FOGO</b>	APRENDIZAGEM SOBRE COMO OBTER ÁGUA E FOGO EM SITUAÇÕES DE NECESSIDADE.
<b>NÓS E AMARRAÇÕES</b>	CONHECIMENTO E REALIZAÇÃO DE VÁRIOS TIPOS DE NÓS.
<b>OFIDISMO</b>	CONTATO E CONHECIMENTO DE VÁRIOS TIPOS DE COBRAS E SEUS RESPECTIVOS VENENOS.
<b>TRANSPORTES DE FERIDOS</b>	CONHECIMENTO SOBRE A CORRETA CONDUÇÃO DE FERIDOS EM CASO DE NECESSIDADE.
<b>ARMADILHAS</b>	CONHECIMENTO SOBRE ARMADILHAS PARA OBTENÇÃO DE ALIMENTOS OU DEFESA.
<b>ABRIGOS IMPROVISADOS</b>	CONHECIMENTO SOBRE DIVERSOS TIPOS DE ABRIGOS PARA PROTEÇÃO INDIVIDUAL OU COLETIVA.
<b>ORIENTAÇÃO</b>	APRENDIZAGEM SOBRE LOCALIZAÇÃO NO TERRENO.
<b>ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL E VEGETAL</b>	CONHECIMENTO SOBRE OBTENÇÃO DE ALIMENTOS EM CASO DE NECESSIDADE E EMERGÊNCIA.
<b>CAMUFLAGEM</b>	CONHECIMENTO SOBRE TÉCNICAS DE DISFARCE EM AMBIENTE DE MATA OU SELVA.
<b>SILENCIAMENTO DE SENTINELA</b>	APURAÇÃO DOS SENTIDOS COMO AUDIÇÃO, OLFATO, VISÃO.
<b>SOBREVIVÊNCIA</b>	OPORTUNIDADE PARA COLOCAR EM PRÁTICA TODOS OS ENSINAMENTOS DA ATIVIDADE.

### APÊNDICE 3 – Ficha de Crítica

#### Ficha de Crítica de Acampamento

DATA :24 /02/2014		
<b>SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA O APERFEIÇOAMENTO DAS INSTRUÇÕES</b> Assinale com X todos os itens, de acordo com suas observações sobre o assunto		
<b>1 - IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE DE CAMPANHA</b> <input type="checkbox"/> fundamental <input type="checkbox"/> média <input type="checkbox"/> não tem nenhuma importância <input type="checkbox"/> bom como cultura geral		
<b>2 - CONHECIMENTO ANTERIOR DOS ASSUNTOS MINISTRADOS DURANTE AS ATIVIDADES</b> <input type="checkbox"/> nenhum <input type="checkbox"/> superficial <input type="checkbox"/> amplo		
<b>3 - ASSIMILAÇÃO DOS ASSUNTOS MINISTRADOS</b> <input type="checkbox"/> somente dos pontos mais importantes <input type="checkbox"/> de algumas partes <input type="checkbox"/> nada foi assimilado		
<b>4 - DURAÇÃO DO ACAMPAMENTO NO CONTEXTO GERAL</b> <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> excessiva <input type="checkbox"/> insuficiente		
<b>5 – DURAÇÃO DAS INSTRUÇÕES EM CADA OFICINA (QUANTO AO TEMPO)</b> <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> excessiva <input type="checkbox"/> insuficiente		
<b>6 – ESTRUTURA DO ACAMPAMENTO</b> <input type="checkbox"/> excelente <input type="checkbox"/> adequada <input type="checkbox"/> insuficiente		
<b>7 - MATERIAL DE CAMPANHA</b> <input type="checkbox"/> foram utilizados, facilitando a compreensão dos assuntos <input type="checkbox"/> foram utilizados em demasia <input type="checkbox"/> não influíram na compreensão dos assuntos		
<b>8-TÉCNICAS UTILIZADAS NAS INSTRUÇÕES EM CADA OFICINA (DEMONSTRAÇÃO, AULA EXPOSITIVA, ETC)</b> <input type="checkbox"/> excelentes <input type="checkbox"/> adequadas <input type="checkbox"/> insuficientes		
<b>9- NÍVEL DOS INSTRUTORES</b> <input type="checkbox"/> excelente <input type="checkbox"/> normal <input type="checkbox"/> baixo		
<b>10- NÍVEL DAS INSTRUÇÕES</b> <input type="checkbox"/> excelente <input type="checkbox"/> normal <input type="checkbox"/> baixo		
<b>11- APROVEITAMENTO DAS ATIVIDADES NO CONTEXTO GERAL (TERIA SIDO MELHOR SE):</b> <input type="checkbox"/> fossem feitas mais demonstrações <input type="checkbox"/> fosse dada oportunidade de fazer mais perguntas <input type="checkbox"/> houvesse um melhor relacionamento entre instrutor e aluno		



**APÊNDICE 4 – Tabela de Atitudes aspectos emocionais**

<b>HABILIDADE EMOCIONAL</b>	<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>			<b>OBSERVAÇÃO</b>
1-Exercitar a solidariedade					
2-Superar limites físicos					
3-Melhorar a saúde do corpo					
4-Adquirir condicionamento					
5-Encarar desafios em grupo					
6-Treinar os atributos da área afetiva					
<b>7-Buscar superação pessoal</b>					
8-Passar por cansaço mental					
9-Aprender valores capazes de transformar positivamente o caráter					
10-Superar a inibição					
11-Tornar-se um ser humano melhor					
<b>12-Tornar-se mais confiante</b>					
<b>13-Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional</b>					
<b>14-Melhorar a autodisciplina</b>					
15-Servir à pátria					
16-Aprender sobre o que é ser militar					
17-Mudar conceitos a respeito do militarismo					
18-Desenvolver-se como cidadão					
<b>19-Adquirir maturidade</b>					
<b>20-Aprender novas habilidades</b>					
21-Fortalecer laços de amizade					
<b>22-Aprender a liderar</b>					
23-Tornar-se apto às situações adversas da vida					
24-Aprender a trabalhar em equipe					
25-Exercer a capacidade de concentração e foco mesmo no cansaço					
<b>26-Desenvolver o autoconhecimento</b>					
27-Auxiliar na decisão pela carreira militar					
28-Complementar à formação do ITA					
29-Aprender a lidar com imprevistos					
30-Conhecer as oportunidades que o oficial engenheiro pode ter na Força Aérea					
31-Adaptar-se a um novo estilo de vida					
32-Sobreviver em ambientes inóspitos					
33-Sentir desestímulo					
34-Ter poucas horas de sono					
35-Exercitar a camaragem					
36-Reconhecer limites psicológicos					
<b>37-Ter iniciativa</b>					
38-Ser punido por cometer erros					
<b>39-Exercitar a coragem</b>					
40-Extrapolar a resistência física					
<b>41-Desenvolver a criatividade</b>					
42-Passar por estresse					
43-Desenvolver o espírito de corpo					
44-Exaurir-se fisicamente sem absorção do conhecimento					

**APÊNDICE 5 – Tabela de Atitudes aspectos sociais**

<b>HABILIDADE SOCIAL</b>	<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>			<b>OBSERVAÇÃO</b>
<b>1-Exercitar a solidariedade</b>					
2-Superar limites físicos					
3-Melhorar a saúde do corpo					
4-Adquirir condicionamento					
<b>5-Encarar desafios em grupo</b>					
6-Treinar os atributos da área afetiva					
7-Buscar superação pessoal					
8-Passar por cansaço mental					
9-Aprender valores capazes de transformar positivamente o caráter					
10-Superar a inibição					
11-Tornar-se um ser humano melhor					
12-Tornar-se mais confiante					
<b>13-Aprender a lidar com situações tensas e com pressão emocional</b>					
14-Melhorar a autodisciplina					
15-Servir à pátria					
16-Aprender sobre o que é ser militar					
17-Mudar conceitos a respeito do militarismo					
18-Desenvolver-se como cidadão					
<b>19-Adquirir maturidade</b>					
20-Aprender novas habilidades					
21-Fortalecer laços de amizade					
<b>22-Aprender a liderar</b>					
23-Tornar-se apto às situações adversas da vida					
<b>24-Aprender a trabalhar em equipe</b>					
25-Exercer a capacidade de concentração e foco mesmo no cansaço					
26-Desenvolver o autoconhecimento					
27-Auxiliar na decisão pela carreira militar					
28-Complementar à formação do ITA					
<b>29-Aprender a lidar com imprevistos</b>					
30-Conhecer as oportunidades que o oficial engenheiro pode ter na Força Aérea					
31-Adaptar-se a um novo estilo de vida					
32-Sobreviver em ambientes inóspitos					
33-Sentir desestímulo					
34-Ter poucas horas de sono					
<b>35-Exercitar a camadaragem</b>					
36-Reconhecer limites psicológicos					
<b>37-Ter iniciativa</b>					
38-Ser punido por cometer erros					
39-Exercitar a coragem					
40-Extrapolar a resistência física					
41-Desenvolver a criatividade					
42-Passar por estresse					
<b>43-Desenvolver o espírito de corpo</b>					
44-Exaurir-se fisicamente sem absorção do conhecimento					